



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CAMPUS FLORIANÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PAULO RICARDO GAYER PEREIRA DA COSTA

UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE AS OBRAS ESCRITAS DE  
YASUYUKI SASAKI: REGISTROS DO KARATE BRASILEIRO ENTRE 1987 E 1995.

Florianópolis

2021

PAULO RICARDO GAYER PEREIRA DA COSTA

UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE AS OBRAS ESCRITAS DE  
YASUYUKI SASAKI: REGISTROS DO KARATE BRASILEIRO ENTRE 1987 E 1995.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

COSTA, PAULO RICARDO GAYER PEREIRA DA  
UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE AS OBRAS ESCRITAS DE  
YASUYUKI SASAKI: REGISTROS DO KARATE BRASILEIRO ENTRE 1987  
E 1995. / PAULO RICARDO GAYER PEREIRA DA COSTA ;  
orientador, CAROLINA FERNANDES DA SILVA, 2021.  
157 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em  
Educação Física, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. KARATE. 3. HISTORIA CULTURAL. 4.  
TRADUÇÃO CUTURAL. 5. ADAPTAÇÃO CULTURAL. I. SILVA,  
CAROLINA FERNANDES DA . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.  
Título.

PAULO RICARDO GAYER PEREIRA DA COSTA

**UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE AS OBRAS ESCRITAS DE  
YASUYUKI SASAKI: REGISTROS DO KARATE BRASILEIRO ENTRE 1987 E 1995**

O presente trabalho em nível de MESTRADO foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professora Dra. Carolina Fernandes da Silva - CDS UFSC - Presidente e Orientadora;

Professor Dr. Jaison Bassani - CDS UFSC - Membro Interno;

Professor Dr. Alexandre Mayer da Luz - CFH UFSC - Membro Externo.

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Professor Dr. Juliano Dal Pupo - Coordenador do Programa de Pós Graduação de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Professora Dra. Carolina Fernandes da Silva - CDS UFSC - Orientadora

FLORIANÓPOLIS

2021

Dedico este trabalho ao meu pai (in memoriam) e a minha mãe, pois sem o amor deles não teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao pai Paulo Ricardo Ramos Pereira da Costa (in memoriam) e minha mãe Dulcy Mary Gayer da Costa, por todas as suas lições, o seu amor e sacrifício para comigo e todo o apoio que me deram para a realização dos meus sonhos.

Aos meus mestres nas artes marciais, Vercely Barrios, Irajá Maicá (in memoriam), Alfredo Aires, Celso Kolesnikovas, Edson Veiga de Sousa e Francisco Medeiros pelos seus ensinamentos nos caminhos das artes. Aos meus amigos de treino que são muitos e não irei citar, a todos o meu carinho.

Ao Mestre Yasuyuki Sasaki (in memoriam) por todo o seu trabalho e todas as lições que me transmitiu, foi a sua inspiração que me tornou um estudante e pesquisador do Karate - acredite, onde quer que esteja, seu legado está vivo.

Aos meus amigos e irmãos das lutas e da vida: Prof. Dr. Vinicius Aguiar de Sousa da Universidade de Tóquio, pelos seus conselhos acadêmicos sobre como pesquisar o Karate; Renato Passos Moreira e Luiz Carlos Ferreto Junior pelo carinho, torcida e acolhida em suas casas durante as minhas idas para as aulas no PPGEF.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de realizar o sonho do mestrado e a todos os professores do PPGEF, em especial a minha orientadora, Carolina Fernandes da Silva, que me acolheu e acreditou no meu potencial, que teve toda a paciência me orientando em uma nova área do conhecimento; ao professor Michel Milistetd que me incentivou quando eu era aluno especial a direcionar academicamente o meu pensamento e meu perfil de pensamento, me acolhendo e afirmando o seu desejo de me ver no PPGEF.

O professor Alexandre Mayer da Luz, mais que professor, um amigo e mestre, pelas nossas afinidades como filósofos, e como faixas pretas, desde 2015 me orientando academicamente tanto como aluno no curso de filosofia como nas questões ligadas às Artes Marciais no meio acadêmico.

Agradeço aos amigos do grupo Budo e Educação, formado por vários professores especialistas, mestres e doutores, todos faixas pretas em alguma arte, no qual escrevemos um livro e trocamos ideias e referências sobre as nossas pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate - em especial ao amigo Professor

Mestre Marcelo Alberto de Oliveira que me convidou para esse e outros grupos de estudos das Lutas, que está sempre disposto a apoiar as pesquisas em lutas, inclusive com material de pesquisa que ele me mandou da USP, e ao professor Dr. Guilherme Amaral Luz, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, pelas dicas sobre História.

As pessoas que me ajudaram na coleta de fontes históricas: Professor Dr. Alexandre Alarcom do Passo Suaide, do Departamento de Física da USP e karateka, que também me enviou material documental para minha pesquisa que só localizei na biblioteca da USP; Sensei Paulo Bartolo que me enviou do seu acervo pessoal o último documento que faltava para a pesquisa, documento raro e pouco conhecido.

Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa Sôma – Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, por toda a sua colaboração, debates, críticas, sugestões e ideias que só me engrandecem.

A banca examinadora, aos professores titulares Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz e Prof. Dr. Jaison Basani por aceitarem serem meus avaliadores e contribuírem para esta pesquisa. Aos professores Prof. Dr. Michel Milistetd, Prof. Dr. Fabrício Menegon e Prof. Dra. Hannah Aires por aceitarem serem os suplentes em minha banca avaliativa. Peço desculpas caso não tenha citado alguém, mas tenho certeza que você está em meu coração.

O meu muito obrigado a todos.

“Valorize o velho enquanto aprende a compreender o novo; O que é velho o que é novo, é simplesmente uma questão de tempo; Entre miríades de atividades, mantenha sua mente limpa; O caminho - quem promete manter-se bom e verdadeiro.” (FUNAKOSHI, 2014, p.17)

## RESUMO

O Karate chega ao Brasil em 1908 com os imigrantes japoneses, desde então sua prática ficou restrita a colônia japonesa e a poucos brasileiros interessados, porém na década de 1950 o Karate passa a ser ensinado nas primeiras escolas e academias, que buscam popularizar o ensino entre os brasileiros. Surge então o problema da barreira linguística entre os mestres japoneses e seus alunos brasileiros, o que ocasionou uma série de problemas, equívocos e más interpretações tanto dos conceitos do Karate, como das suas metodologias de ensino, criando mitos e interpretações inexistentes, assim como a reprodução em massa de modelos de ensino poucos reflexivos e baseados na imitação dos mestres japoneses vindos dos pós II Guerra Mundial. Diante deste cenário, surge o problema de pesquisa desta dissertação, como o Karatê foi apropriado, adaptado e ressignificado no Brasil a partir da tradução cultural realizada na obra escrita de Yasuyuki Sasaki, e produzida entre os anos de 1987 a 1995, em uma série de manuais que foram utilizados na realização das "Clínica de Estudos do Karate - CEPEUSP" neste período. Para compreendermos historicamente o porquê deste problema e suas consequências, usaremos como metodologia a História Cultural, que permite uma pesquisa mais abrangente dos fenômenos e problemas que tradicionalmente seriam desconsiderados pela História Tradicional. A História Cultural é um método de pesquisa multidisciplinar que considera como fontes históricas todos os vestígios culturais que nos ligam ao passado, diferentemente da História Tradicional que considera apenas os registros de documentos considerados oficiais. Considerando o universo da História Cultural, usaremos nesta dissertação como marco teórico-conceitual e como o método de análise textual os trabalhos de Peter Burke. Dessa maneira obtemos dados relevantes sobre a cultura e as tradições do Karate que chegaram ao Brasil com os japoneses e que foram aos poucos sendo traduzidas e adaptadas para a realidade brasileira e com este dados descrever historicamente através da análise das obras escritas de Yasuyuki Sasaki como este intelectual do esporte realiza a tradução cultural do Karate através de adaptações culturais e da linguagem que permitiram aproximações linguísticas e a compreensão elementos conceituais e culturais do Karate. Os dados obtidos na análise dos textos permitiram responder perguntas relevantes que Burke nos sugere para a compreensão do fenômeno a tradução cultural como: "Quem traduz?"; "Com que intenção?"; "O que se traduz?"; "Para quem se traduz?"; "De que maneira?"; "Com que consequências?" e assim obtermos como resultado da pesquisa que a tradução cultural é um processo histórico, constante e necessário no encontro de duas culturas diferentes.

**Palavras-chave:** Karate; história cultural; adaptação cultural; tradução cultural.

## ABSTRACT

Karate arrived in Brazil in 1908 with Japanese immigrants, since then its practice was restricted to the Japanese colony and to a few interested Brazilians, but in the 1950s Karate is taught in the first schools and academies, which seek to popularize teaching among The Brazilians. Then, the problem of the language barrier between the Japanese masters and their Brazilian students arose, which caused a series of problems, mistakes and misinterpretations of both the concepts of Karate and its teaching methodologies, creating myths and non-existent interpretations, as well as the mass reproduction of non-reflective teaching models based on imitation of Japanese masters from after World War II. Given this scenario, the research problem of this dissertation arises, as Karate was appropriated, adapted and reinterpreted in Brazil from the cultural translation carried out in the written work of Yasuyuki Sasaki, and produced between 1987 and 1995, in a series of manuals that were used in the realization of the "Karate Studies Clinic - CEPEUSP" in this period. In order to understand historically the reason for this problem and its consequences, we will use Cultural History as a methodology, which allows more comprehensive research of phenomena and problems that would traditionally be disregarded by Traditional History. Cultural History is a multidisciplinary research method that considers as historical sources all cultural vestiges that link us to the past, unlike Traditional History, which considers only the records of documents considered official. Considering the universe of Cultural History, we will use in this dissertation as a theoretical framework -conceptual and as the method of textual analysis the works of Peter Burke. In this way, we obtain relevant data about the culture and traditions of Karate that arrived in Brazil with the Japanese and that were gradually being translated and adapted to the Brazilian reality and with this data to describe historically through the analysis of the written works of Yasuyuki Sasaki like this The sport intellectual performs the cultural translation of Karate through cultural and language adaptations that allowed linguistic approaches and the understanding of conceptual and cultural elements of Karate. The data obtained from the analysis of the texts allowed us to answer relevant questions that Burke suggests to us for understanding the phenomenon of cultural translation, such as: "Who translates?"; "With what intention?"; "What is translated?"; "For whom does it translate?"; "In what way?"; "With what consequences?" and so we obtain as a result of the research that cultural translation is a historical, constant and necessary process in the encounter of two different cultures.

**Keywords:** Karate; cultural history; cultural adaptation; cultural translation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 OBJETIVOS.....	13
1.1.1 Objetivo Geral.....	14
1.1.2 Objetivos Específicos.....	14
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS</b> .....	16
2.1 UM OLHAR PELA HISTÓRIA CULTURAL.....	17
2.2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS DOCUMENTAL DA PESQUISA.....	17
2.3 A CATEGORIZAÇÃO DAS OBRAS.....	20
2.4 METODOLOGÍAS UTILIZADAS.....	24
2.4.1 O método de Pesquisa Bibliográfica.....	24
2.4.2 A análise das fontes históricas-culturais.....	29
<b>3 O MOVIMENTO IMIGRATÓRIO INTERNACIONAL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL</b> .....	35
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	35
3.2 A SOCIEDADE E A ECONOMIA JAPONESA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....	35
3.3 A SOCIEDADE E A ECONOMIA BRASILEIRA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....	40
3.4 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS E A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.....	42
3.5 OS PRIMEIROS “SENSEI” DE KARATE NO BRASIL.....	48
3.6 O INÍCIO E O ESTABELECIMENTO DO KARATE NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL.....	51
<b>4 O KARATE COMO CULTURA E TRADIÇÃO</b> .....	55
4.1 YASUYUKI SASAKI - UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....	77
<b>5 AS OBRAS DE YASUYUKI SASAKI: ANÁLISE DOS TEXTOS NA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL</b> .....	81
5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	81
5.2 ANÁLISE DAS OBRAS DE YASUYUKI SASAKI.....	82
<b>6 CONCLUSÕES</b> .....	141
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	150

## 1 INTRODUÇÃO

O Karate (空手)<sup>1</sup> conhecido antigamente em Okinawa, seu local de origem, como Tode (唐手) possuem seus registros iniciais (os quais se tem evidências) no século XIV, e se caracteriza como uma arte marcial de defesa onde se executam técnicas de golpes, socos, chutes, torções, imobilizações e projeções com o objetivo de defesa da vida e da honra. No início do século XX, mais precisamente em 1908, o Tode chega ao Brasil com os imigrantes japoneses de Okinawa; porém em Tóquio, o Tode chega somente em 1924, e no ano de 1934 muda o seu nome para Karate devido ao clima político e as ideologias ultranacionalistas predominantes no pensamento japonês. Em 1954, é fundada a primeira academia de Karate no Brasil, tendo como professor o japonês Mitsusuke Harada, aluno de Funakoshi Gichin, que é considerado o fundador do Karate Moderno (FROZI, MAZO 2012; BARTOLO, 2014; FUNAKOSHI, 2014; PIRES, 2017).

Observando os discursos de pesquisas ligadas a pedagogia das lutas e artes marciais, como as de Breda et al. (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012) é possível ver críticas severas as metodologias do ensino de lutas no Brasil; mas esses autores desconsideram que os problemas no ensino de lutas no Brasil tiveram a sua origem durante a sua introdução no país, principalmente as modalidades de origem oriental, devido: a) as diferenças culturais; b) a barreira linguística existente entre os professores estrangeiros que iniciavam seus trabalhos no Brasil ou daqueles que vieram anteriormente como imigrantes e ensinavam nas colônias de imigrantes os descendentes e a poucos brasileiros interessados, c) as reproduções desses métodos de ensino e prática das lutas e artes marciais pelos primeiros brasileiros que iniciaram o ensino de lutas no Brasil, e d) a invenção de mitos inexistente nas artes marciais.

Segundo Breda et al. (2010) muitas metodologias do ensino de lutas surgidas na introdução dessas modalidades ainda são realizadas nos dias de hoje, simplesmente pela reprodução daquilo que foi ensinado anteriormente com pouca racionalização ou inovação. Considerando as informações das pesquisas de Breda et al. (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012), percebe-se nos argumentos dos autores

---

<sup>1</sup> Karate (空手) ou Karate-Do (空手道) significa “O Caminho das mãos vazias” é o nome dado a antiga arte okinawana do Tode (唐手) no qual foi modificado o nome para Karate por Gichin Funakoshi em 1934 (FUNAKOSHI, 2014).

que muitas dessas metodologias chamadas “tradicionais”, mesmo que estas não tenham relação com as tradições ou com a modalidade na sua originalidade, são consideradas como “tradicionais” devido à influência do introdutor da modalidade no Brasil e à crença de seus seguidores nessas práticas.

Devido a isso, podemos destacar, ainda segundo Breda et al. (2010), que: a) aspectos metodológicos e pedagógicos do ensino de lutas voltados para uma pedagogia militarizada e hierarquizada, advinda da mentalidade do pós Segunda Guerra; b) reprodução em massa de erros referentes ao pensamento das lutas orientais e das metodologias de ensino – sendo que estas situações se perpetuam em muitas escolas ou academias; **porém não considera que muitos conceitos das artes marciais orientais e sua metodologia não foram transmitidos corretamente ou foram mal interpretados pelos primeiros alunos brasileiros que posteriormente se tornaram instrutores devido a barreira linguística.**

Este último aspecto grifado e citado acima é o de maior relevância para esta pesquisa, em todas as colônias japonesas no Brasil havia intérpretes que faziam a mediação linguística entre os imigrantes japoneses e os brasileiros (DAIGO, 2008). O relato de Caribé (1977, apud Bartolo, 2014), que foi o primeiro campeão brasileiro de Karate no ano de 1969, sobre a sua trajetória no Karate, comenta sobre a barreira linguística e o problema da tradução cultural no Karate brasileiro, afirmando que ele não sabia a língua japonesa e seu “sensei” falava o português como muita dificuldade.

Neste cenário, surge um Mestre motivado pelo desafio de aproximar o conhecimento científico e o Karate, no qual torna o Karate mais acessível, Yasuyuki Sasaki (1946-2017). Yasuyuki Sasaki através de suas experiências como “karateka”<sup>2</sup>, prática docente, estudos científicos, pedagógicos e do pensamento oriental (filosóficos)<sup>3</sup>, transmitiu para os brasileiros os ensinamentos do Karate Budo (空手武道)<sup>4</sup>, uma metodologia e uma pedagogia das lutas, materializando estes

---

<sup>2</sup> Karateka (空手家) especialista em Karate.

<sup>3</sup> Vamos usar o termo “filosófico” ou “filosofia” não como referência a filosofia (Φιλοσοφία) grega, ocidental ou acadêmica, mas como sinônimo a sabedoria, ética e teoria da educação (do Confucionismo e do Bushido) e uma metafísica (Taoista) que formam o pensamento oriental daquilo que seria mais próximo à filosofia.

<sup>4</sup> Karate Budo, se refere ao Karate voltado para a educação marcial (Budo), que tem como objetivo o desenvolvimento de um corpo saudável, a defesa da vida e a formação moral do indivíduo.

conhecimentos em um livro e uma série de manuais escritos entre 1978 e 2010, que mesmo pouco difundidas podemos considerar como referências nacionais no assunto, devido a amplitude de seu conteúdo, pois foram as primeiras obras no Brasil a tratar dessa temática de forma mais detalhada e explicativa, pois os livros escritos por autores brasileiros até então era apenas manuais com fotos e ilustrações de golpes e técnicas de lutas, sem nenhuma referência a ética, a filosofia e a parte conceitual que permitisse uma compreensão maior do Karate.

Segundo fontes do Portal da Transparência da USP (USP, 2020), Yasuyuki Sasaki iniciou o ensino do Karate na Universidade de São Paulo (USP) em 1973 até o ano de 2016, como funcionário celetista do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), dedicando-se exclusivamente ao ensino do Karate, até seu afastamento por motivos de saúde, que levaram ao seu falecimento no ano de 2017.

Durante todo o período em que Yasuyuki Sensei trabalhou como docente na CEPEUSP, ao longo de mais de quarenta anos, ocorreram diferentes transformações do Karate, tanto em relação ao tópicos, quanto à proposta e às metodologias de ensino e treinamento do Karate tanto para adultos como para crianças.

Historicamente, segundo Bartolo (2014), podemos ver as transformações do Karate no Brasil seguindo uma linha do tempo iniciada em 1908, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil vindos de Okinawa e que trazem em sua bagagem o Tode (Karate). Posteriormente, com a chegada de instrutores japoneses vindos do Japão Continental no pós Segunda Guerra, em meados da década de 1950, estes efetuaram a abertura das primeiras academias até nossos dias.

Anteriormente aos problemas apontados por Breda et.al. (2010) em suas pesquisas sobre o ensino das lutas, no final dos anos 1970, Yasuyuki Sasaki já se esforçava para superá-los. Primeiramente, Yasuyuki Sasaki quebra a barreira linguística, no qual usou da linguagem, para que ele desenvolvesse e realizasse estudos sobre a contextualização teórica do Karate para os praticantes brasileiros, através de uma série de publicações que datam entre 1978 e 2010, buscando sempre explicar para os conceitos do pensamento oriental, história do Karate, aspectos técnicos, treinamento e principalmente sobre a pedagogia do esporte aplicada ao Karate, questões estas que não haviam ainda sido publicadas no Brasil, no qual era de suma necessidade para que praticantes e professores pudessem entender melhor

essa prática corporal, evitassem grandes erros, equívocos e más interpretações que prejudicasse o ensino da arte.

Em uma perspectiva da História Cultural, a qual visa compreender como os indivíduos de cada tempo constroem a sua realidade, esse movimento realizado por Yasuyuki Sasaki pode ser denominado como “Tradução Cultural”, a qual corresponde à tradução de termos-chave, conceitos e obras literárias da língua original para o vernáculo com o objetivo de adaptar, acomodar ou domesticar elementos de uma cultura em outra, para que esses termos-chaves, conceitos ou obras escritas sejam compreendidos ou aceitas em outra cultura (BURKE, 2009; BURKE 2010).

Segundo Breda et al. (2010), um dos problema do ensino de lutas no Brasil está ligado ao uma reprodução metodológica fiel daquilo que foi ensinado sem nenhuma modificação por parte das novas gerações de mestres, instrutores e professores - dessa forma o mestre ensina como aprendeu, a próxima geração repete o mesmo modelo de ensino, e a geração futura também, sem nenhuma alteração do modelo de ensino, sem nenhuma racionalização ou atualização do conhecimento para agregar melhorias no processo pedagógico. Isto tornou-se um *ethos* das artes marciais. No pensamento de muitas escolas de lutas, qualquer modificação no método implica em uma descaracterização do estilo, escola ou linhagem, sendo considerado como ofensa para os praticantes mais ortodoxos, formando um dogma da tradição na arte marcial.

Contemporaneamente podemos ver que muitos professores de Karatê já mudaram a sua intervenção pedagógica, adequando a suas aulas às necessidades dos alunos sem descaracterizar a modalidade (CARTAXO, 2011). Como apresenta Cartaxo (2011) em sua obra, onde demonstra uma série de atividades psicomotoras e de pequenos jogos esportivos que auxiliam no desenvolvimento do Karate e podem ser aplicados no ensino de lutas tanto nas escolas de ensino básico como em academias. Apesar de parecer uma proposta inovadora, isto era sugerido por Yasuyuki Sasaki em suas obras na década de 1990, como na obra “Karate-Do: O Caminho Educativo” (SASAKI, 1991).

Diante deste cenário, é possível identificar que existiam problemas na transmissão da prática do Karate entre japoneses, brasileiros e nipo-brasileiros, os quais foram constatados por um Mestre que buscou controlá-los publicando materiais impressos educacionais. Assim, esta pesquisa compreende as obras de Yasuyuki

Sasaki como um dos caminhos da tradução do Karate para o Brasil. Assim, surge o seguinte problema de pesquisa: como ocorreu a tradução cultural do Karatê na obra escrita de Yasuyuki Sasaki produzida no período de 1987 a 1995.

Assim sendo, essa dissertação está dividida em três partes:

a) O movimento migratório internacional. Nesta parte (capítulo 3), iremos tratar em ilustrar historicamente as questões sociais, políticas e econômicas do chamado “Movimento migratório internacional” ocorrido na segunda no século XIX, que devido as desigualdades e problemas sociais que estavam ocorrendo na Europa e também no Japão, no qual, como solução para diminuição populacional e dos problemas sociais promoveu o envio de milhares de imigrantes para a América com a promessa de uma vida melhor. Foi em 1908 com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses de Okinawa no Brasil que o Karate chega em solo brasileiro.

b) O Karate como tradição e cultura. Na segunda parte (capítulo 4) iremos tratar sobre as diferenças entre a cultura e as tradições do Karate de Okinawa e comparar com o Karate japonês, que foi apropriado e adaptado no Japão Continental a partir de 1922, no qual teve uma tradição reinventada ao gosto dos japoneses. Porém o ponto em comum das duas tradições marciais é a figura do SENSEI como o responsável pela transmissão e manutenção do conhecimento. Faremos também nesse capítulo uma breve apresentação de Yasuyuki Sasaki sensei, o personagem principal de nossa pesquisa.

c) As obras de Yasuyuki Sasaki. A análise dos textos na perspectiva histórica cultural. Na última parte desta pesquisa (capítulo 5), iremos fazer a análise da obra escrita por Yasuyuki Sasaki entre os anos de 1987 a 1995, nas formas de manuais de Karate para as “Clínicas de estudos do Karate- CEPEUSP”. Para essa análise textual, usaremos como método a proposta de Peter Burke em sua obra “A tradução Cultural” que de forma dinâmica e crítica possibilita analisarmos: quem traduz? com que intenção? o que traduz? para quem traduz? quais os métodos de tradução? e quais as consequências destas traduções? – e dessa forma, poderemos compreender como ocorreu a tradução cultural do Karate no Brasil no período de 1987 a 1995.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 **Objetivo Geral**

Compreender como ocorreu a tradução cultural do Karatê na obra escrita de Yasuyuki Sasaki produzida no período de 1987 a 1995, no Brasil.

### 1.1.2 **Objetivos Específicos**

Compreender o contexto em que Yasuyuki Sasaki produziu suas obras no Brasil;

Compreender como as obras de Yasuyuki Sasaki produziram elementos para a tradução cultural do Karatê no Brasil no período de 1987 a 1995;

Compreender como as obras escritas de Yasuyuki Sasaki produziram elementos para a apropriação/reapropriação e adaptação/readaptação cultural do Karatê no Brasil, no período de 1987 a 1995.

Compreender como as obras escritas de Yasuyuki Sasaki desenvolveram ressignificações das tradições e da cultura do Karatê no Brasil, no período de 1987 a 1995.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

### 2.1 UM OLHAR PELA HISTÓRIA CULTURAL

Esta pesquisa é caracterizada como histórica documental dentro da perspectiva e metodologia da História Cultural, no qual também são utilizadas referências bibliográficas para estabelecermos relações entre o corpus documental da pesquisa com a literatura que se refere à temática da pesquisa, de maneira que possibilite uma análise crítica dos documentos e assim atingir os objetivos através dos métodos, de análise das informações obtidas nessa pesquisa.

Diferente de outros métodos históricos, a História Cultural trata da história de todas as atividades humanas, ou seja, toda a prática cultural possui um passado, assim, visa entender o passado para compreender o presente (BURKE, 1992). Desta maneira, a História Cultural permite identificar como manifestações, como o Karatê, continuam presentes nos dias de hoje em diversos países, pois sua prática encontra-se realizada em escala mundial, o que a permitiu fazer parte dos Jogos Olímpicos de 2020, em Tóquio, Japão, realizados em 2021 devido a pandemia Covid-19.

Por isso a História Cultural (ou Nova História Cultural) vem opor-se a “História Tradicional”, que trata apenas da história dos povos sob o olhar político, econômico, de guerras e acontecimentos ligados aos feitos dos detentores do poder, como uma narrativa dos acontecimentos (BURKE, 1992).

A partir desta perspectiva, lança-se um olhar histórico-cultural sobre as fontes eleitas para esta pesquisa e, para tanto, estabelece-se uma linha do tempo para contextualizar os documentos históricos e o que os discursos traduzidos para o português representam no processo de estabelecimento do Karatê no Brasil, bem como os aproximar das bases teóricas que formam o corpo da produção textual do ator que compõe o tema deste estudo.

### 2.2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS DOCUMENTAL DA PESQUISA.

Neste subcapítulo, iremos apresentar as obras escritas escolhidas de Yasuyuki Sasaki a partir do escopo geral do autor, e assim é possível fazer uma categorização dos textos e a análise das obras. Neste tópico da metodologia, irei

pontuar sinteticamente cada um dos manuais escritos e publicados por Yasuyuki Sasaki, no período de 1987 a 1995, e que serão as nossas fontes históricas, porém, outras Yasuyuki Sasaki escreveram outros manuais e um livro que servirão como material de apoio para a pesquisa.

Iremos agora caracterizar cada um dos manuais escrito por Yasuyuki Sasaki de maneira sintética:

a) Clínica de Esportes: Karatê e Capoeira. Yasuyuki Sasaki e Gladson de Oliveira Silva 1987.

Neste trabalho, Yasuyuki Sasaki escreveu cinco capítulos buscando desenvolver princípios teóricos para aplicação prática no Karate, em especial no Kumite (luta). Entre os assuntos podemos destacar “Os princípios da luta”, “Fatores que influenciam uma luta” e “Teoria do Kumite”.

b) Clínica de Esporte: Karate. Yasuyuki Sasaki 1989.

Nesta obra, Yasuyuki Sasaki repete os cinco capítulos da obra anterior buscando desenvolver princípios teóricos para aplicação prática no Karate, em especial no Kumite (luta), porém ele escreve mais três capítulos diferentes de cunho histórico e filosófico do Karate.

c) Karate-Do. O caminho educativo. Yasuyuki Sasaki 1991.

Nesta obra, escrita em 63 páginas, com doze capítulos, Yasuyuki Sasaki enfatiza os aspectos de formação humana e filosófica nas artes marciais, explicando vários conceitos da metafísica oriental, temas de nível mental e suas aplicações nas artes marciais. Também fala de aspectos pedagógicos do Karate, referentes à prática e ao ensino das artes marciais e os seus benefícios. No final apresenta a transcrição de sua palestra na USP.

d) Clínica de esportes: Karate-Do. Yasuyuki Sasaki 1993.

Nesta obra com 87 páginas e 23 capítulos, Yasuyuki Sasaki enfatiza os aspectos do Zen nas artes marciais e a evolução da personalidade do karateka; a teoria e prática da luta no Karatê, as táticas e estratégias de combate. No final apresenta novamente aspectos históricos do Karate e a tradução de parte do livro Karate Kyohan de Guichin Funakoshi.

O interessante nessa obra é que se trata de uma compilação das obras anteriores como o livro de 1987, somado com o de 1989, com a inserção de uma nova temática com o tópico “21.3 Uma Visão Científica do Karate”, que trata do artigo do

Dr. Imamura para a revista Baseball Magazine de junho de 1984 que publica uma matéria referente a psicologia de Jung e sua relação com o Karate-Budo.

e) Karate-Do. Yasuyuki Sasaki 1995.

É a obra mais volumosa de todas as produzidas, totalizando 107 páginas em 24 capítulos, no qual podemos falar que neste livro, Yasuyuki Sasaki faz uma coletânea dos temas abordados nas obras anteriores, enfatizando todos os aspectos dos seus estudos do Karate.

As outras obras de Yasuyuki Sasaki, e que nos servirão como referências são: Manual de Educação Física: Karatê-Dô / Tênis - Volume 5. Yasuyuki Sasaki e José Carlos Freitas da Silveira - 1978; foi realizada para a coleção de livros sobre vários esportes organizados pela USP. As outras obras como “O Karate e as filosofias do Budo” (1984), “Exames de Faixas e Técnicas Karate JKA” (2000) e “A prática correta das artes marciais” (2010), foram produções independentes, porém importantes para o Karate.

Nestes cinco livros aqui apresentados sinteticamente produzidos entre 1987 e 1995 são as obras selecionadas para este estudo, pois elas correspondem a uma produção com finalidade de ser utilizadas nas Clínicas de Estudos do Karate na CEPEUSP - evento realizado a cada dois anos com objetivo de divulgação do Karate nos seus aspectos teóricos, científicos e práticos com o intuito da aproximação do meio acadêmico com a comunidade através da extensão universitária de acordo com a proposta do professor Go Tani para o CEPEUSP.

Esses manuais foram confeccionados em papel sulfite, com impressão em preto em branco, porém a capa é de papel cartonado ou sulfite colorido e com brilho, o que tem como objetivo fazer um material de qualidade gráfica, porém com baixo custo de produção e que pudesse ser distribuído aos participantes das clínicas de estudo.

Ilustrando as outras obras do autor temos: Manual de Educação Física: Karatê-Do / Tênis - Volume 5. Yasuyuki Sasaki e José Carlos Freitas da Silveira - 1978; foi realizada para a coleção de livros sobre vários esportes organizados pela USP; “O Karate e as filosofias do Budo” (SASAKI, 1984), “Exames de Faixas e Técnicas Karate JKA” (SASAKI, 2000) e “A prática correta das artes marciais” (SASAKI, 2010), foram produções independentes do autor.

Com esta seleção de obras, é possível através deste corpo documental visualizar o escopo textual da obra, categorizar os textos em grupos bem definidos e a partir destas categorias obter os dados relevantes para a compreensão da tradução cultural segundo o modelo apresentado por Burke (2009).

### 2.3 A CATEGORIZAÇÃO DAS OBRAS

Considerando a ideia de categorização dos textos, foram identificados textos idênticos em várias obras do autor, o que permitiu delimitarmos para essa pesquisa, por exemplo, o tópico “Budo” aparece reproduzido literalmente em quatro obras das cinco analisadas (1987, 1989, 1993 e 1995), assim, sucessivamente os textos foram lidos, analisados e categorizados pela identificação de sua temática em grupos. Por exemplo, textos com os títulos específicos como, “História do Karate Moderno” (1989,1993,1995) e “História do Karate” (1989, 1995) ou que trazem referências históricas como o texto “Karate Kyohan” (1989, 1995) serão agrupados na categoria “História do Karate” e assim sucessivamente todos os outros textos.

Para realizar essa identificação foi construída uma tabela com os capítulos de cada obra visando verificar em quais obras esses assuntos voltam a se repetir, possibilitando apontar em quais anos os mesmos textos reaparecem ou novos textos são inseridos ou retirados.

Os motivos que fizeram esses textos serem ou não reproduzidos nos diversos manuais serão considerados nas análises textuais do autor, quando iremos falar da intencionalidade da obra tanto na sua produção, objetivos, temas como na configuração dos seus textos que são destinados a um público específico.

A tabela a seguir figura a localização dos capítulos e os respectivos anos de publicação dos mesmos nos diferentes manuais produzidos pelo CEPEUSP, sendo que é possível ver tanto o número de vezes que cada texto é publicado, assim como os anos de publicação.

Tabela 1. Capítulos dos livros reproduzidos em cada obra conforme os anos de publicação.

Textos	Número de aparições e anos
Princípios de luta; Como observar as oportunidades no ataque; Fatores que influenciam na luta; Teoria do Kumite; Budo; Conceituação da energia Ki; A verdadeira evolução das artes marciais; A prática correta das artes marciais beneficia a sua personalidade; Abertura da mente humana em quatro dimensões de olhar Zen; Opinião dos praticantes de Karate sobre os benefícios e malefícios advindos do Karate.	4 vezes: (1987, 1989, 1993, 1995)
O que é Karate-Do Tradicional; A filosofia do Budo; Karate-Dô por que treinar?; As fases evolutivas dos praticantes de Karate; Shu-Gyo - Como buscar através da prática o aprimoramento; Os benefícios da prática correta; Aspectos metodológicos no ensino do Karate; Como orientar os iniciante na prática do Karate; O Karate infantil e juvenil: grande contribuição para a sociedade; O comportamento do professor de Karate; Temas de nível mental;Kiai; As técnicas do Karate e a respiração; Competição para o Karate-Do Tradicional;Caminho do Karate-Do; A história do Karate moderno; O Karate Shotokan e os seus objetivos; Uma visão científica do Karate-Do; A prática correta do Karate-Do	3 vezes: (1991, 1993, 1995)  (1989, 1993, 1995)
História do Karate-Do; Karate-Do Kyohan	2 vezes: (1989 -1995)
Transcrição da palestra proferida pelo prof. Sasaki no Gashuku (curso) em 14.05.91, para praticantes de Karate da USP.	1 vez: (1991)

Os capítulos que Yasuyuki Sasaki mais repete e aborda são: Budo, Conceito de energia Ki, Verdadeira evolução das artes marciais, A prática correta das artes marciais, Abertura da mente humana nos quatro olhares (Zen), Opinião dos praticantes de Karate, Princípio de luta, Como observar oportunidades no ataque, Fatores de luta, Teoria do Kumite (estratégias), que aparecem em quatro obras - em segundo lugar os capítulos que mais se repetem são sobre Temas de nível mental, Aspectos pedagógicos e metodológicos, Kiai, Kokyu Waza, Competição para o Karate Tradicional, Karate Tradicional, Evolução e aprimoramento pessoal, Caminho do Karate (História do Karate), aparecem em três obras. Outros temas como Prática correta do Karate, Representação do estado Zen, e, Uma visão científica do Karate e

Karate-Do Kyohan aparecem duas vezes nas obras. A Transcrição da palestra de Yasuyuki Sasaki na USP no ano de 1991<sup>5</sup>, só aparece em uma obra.

Realizando a análise do sumário junto com a leitura das obras, foi possível organizar os textos em seis categorias de acordo com a temática apresentada e dessa maneira facilitar a análise dos textos conforme as suas especificidades, e assim mostrar evidências que permitam dialogar com Yasuyuki Sasaki e com as fontes de onde ele se baseia para a construção do seu Karate.

Observando os textos e a organização das obras foi possível dividir todos os capítulos que possuem em seus textos a mesma semelhança de temática do discurso ou semelhança nos objetivos, os quais foram incluídos cada qual nas sua categoria correspondente. Assim, todos os textos que apresentam dados históricos do Karate são agrupados na categoria “História do Karate”; todos os textos que falam sobre os conceitos do Karate são agrupados na categoria “Conceitos gerais e metafísica oriental”, e assim sucessivamente.

As seis categorias que iremos organizar os textos de Yasuyuki Sasaki para a nossa análise são: a) Conceitos e Metafísica Oriental; b) Desenvolvimento Humano; c) Pedagogia, metodologia do Karate e formação de professores; d) Prática de Karate e Princípios de luta; e) História do Karate; f) Ciência no esporte.

No capítulo 5, cada uma dessas categorias de textos será analisada e dialogadas com o autor e com os seus textos de forma que possamos compreender como Yasuyuki Sasaki se apropria desses elementos da cultura japonesa, os adapta para o Karate e traduz esses conceitos para o vernáculo. Esta análise vai permitir colher dados relevantes para a pesquisa e a escrita do capítulo 7, que dará ênfase à tradução cultural segundo Burke (2009).

A tabela a seguir nos mostra como todos os capítulos e textos contidos nas obras de Yasuyuki Sasaki se encaixam nessas categorias temáticas que selecionamos para esta pesquisa e que permitirão realizar as necessárias tanto a coleta de dados como análises dos textos aplicando a metodologia de Burke (2009) na perspectiva da História Cultural.

---

<sup>5</sup> Este texto não será analisado pois se trata de uma palestra que abrange vários aspectos do Karate que já estão nas nossas análises.

Tabela 2. Categorias textuais da obra de Yasuyuki Sasaki e os capítulos e textos correspondentes em cada categoria de sua obra.

Categoria	Textos
<b>Conceitos e metafísica oriental.</b>	Budo; Conceitualização da energia Ki; Kiai; O que é Karate-Do Tradicional; A filosofia do Budo; Temas de nível mental.
<b>Desenvolvimento humano</b>	<p>Karate-Dô por que treinar?; O Karate estilo Shotokan e os seus objetivos; Os benefícios da prática correta.</p> <p>Shu-Gyo - Como buscar através da prática o aprimoramento; A verdadeira evolução das artes marciais.</p> <p>As fases evolutivas dos praticantes de Karate; A prática correta das artes marciais beneficia a sua personalidade.</p> <p>Abertura da mente humana em quatro dimensões de olhar Zen; Opinião dos praticantes de Karate sobre os benefícios e malefícios advindos do Karate</p>
<b>Pedagogia, metodologia, formação de professores.</b>	<p>Aspectos metodológicos no ensino do Karate; Como orientar os iniciante na prática do Karate.</p> <p>O Karate infantil e juvenil: grande contribuição para a sociedade; O comportamento do professor de Karate.</p>
<b>Prática de Karate</b>	<p>As técnicas do Karate e a respiração; Competição para o Karate-Do Tradicional; Princípios de luta;</p> <p>Como observar as oportunidades no ataque; Fatores que influenciam na luta; Teoria do Kumite.</p>
<b>História do Karate</b>	História do Karate-Do; Karate-Do Kyohan; A história do Karate moderno.
<b>Ciência no esporte</b>	Uma visão científica do Karate-Do.

## 2.4 METODOLOGÍAS UTILIZADAS.

Considerando a metodologia de pesquisa histórica de acordo com a “História Cultural” e nossas necessidades, utilizamos como base duas ferramentas para elaboração da pesquisa: a) a pesquisa de pesquisa bibliográfica, que permite descrever o panorama histórico da época, a geração do problema de pesquisa, e descrever sobre o personagem pesquisado e a sua obra nos capítulos 3 e 4; b) Referenciais teórico-metodológicos da História Cultural utilizando as referências e os conceitos de Burke (2003), Burke e Hsia (2009), Geertz (2009) e Hobsbawm (2008) no capítulo 4. Já a análise da Tradução Cultural baseia-se nos textos de diferentes autores que compõem a obra “A Tradução Cultural nos Primórdios da Europa Moderna” (BURKE; HSIA, 2009), utilizada no capítulo 5 desta dissertação para que possamos fazer uma reflexão crítica do objeto pesquisado e atingirmos os objetivos da pesquisa.

### 2.4.1 O método de Pesquisa Bibliográfica.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.183), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida em material secundário, já produzido e elaborado sobre um assunto e abrange a bibliografia do tema, podendo as suas fontes serem impressas como livros, jornais e revistas, material oral como rádio e gravações ou audiovisuais como vídeos e filmes.

Assim sendo, quase todas as pesquisas partem desse princípio para os estudos sobre um assunto em específico (GIL 2002), pois coloca o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado em relação ao assunto e com isso permite ao pesquisador ver os problemas que foram solucionados nas pesquisas, assim como ver problemas que ainda não foram explorados (LAKATOS E MARCONI 2003).

A finalidade da pesquisa bibliográfica é permitir criar um banco de dados sobre o tema para termos um conhecimento da realidade do objeto estudado, ou descrever algo pertinente no estudo, permitindo o exame dos textos e dos conceitos apresentados pelos autores para que possamos selecionar o que mais se aproxima com a pesquisa. Dessa maneira, podemos perceber as relações do texto com o que

iremos pesquisar tanto no sentido amplo de conceitos gerais até os mais específicos que vão nos permitir uma análise crítica do tema pesquisado (LAKATOS E MARCONI 2003).

Segundo Lakatos e Marconi (2003 ) a pesquisa bibliográfica e a escolha dos textos pode ser feita em três etapas: a) análise dos elementos: levantamento dos textos que de forma implícita ou explícita que trazem elementos pertinentes à pesquisa; b) análise das relações textuais: tem como objetivo estabelecer as diferentes relações dos mais variados elementos do texto com a hipótese e os objetivos da pesquisa; c) análise da estrutura textual: essa análise permite verificar mais profundamente as partes que forma um todo, assim podemos ver se o texto nos oferece informações estáticas como uma ordem cronológica de fatos ou informações dinâmicas que descrevem o funcionamento ou a finalidade de algo que está sendo descrito, isto se encaixa em textos históricos e sociológicos.

Ao realizar na prática os procedimentos metodológicos acima, possibilitou a seleção de livros, artigos científicos pertinentes a esta pesquisa, tanto de autores da História Cultural como das artes marciais que dialogam criticamente com as fontes históricas pesquisadas. Alguns dos textos selecionados permitiram uma descrição histórica de fatos que situam as causas do nosso problema de pesquisa. O conjunto destas referências selecionadas possibilitaram uma reflexão crítica sobre fatos e suas consequências, no qual realizamos uma análise histórica e crítica sobre a Tradução Cultural do Karate como um fenômeno cultural e histórico.

Segundo Barros (2019), as fontes históricas são “o cerne da pesquisa histórica”, metaforicamente falando, a máquina do tempo, que permite ao historiador ir ao passado. Já o objeto de estudo histórico se refere a povos do passado ou pessoas que já morreram; porém seus vestígios permanecem, e através dessas fontes nos permitem visitar o passado e ver um breve momento do que já aconteceu.

Dessa forma, segundo Barros (2019), podemos definir que as “Fontes históricas, é tudo aquilo que, por ser produzido por seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferências, pode nos proporcionar um acesso significativo ao passado humano e seus desdobramentos no Presente.” e são essas fontes que vão constituir o universo de material que permite a pesquisa histórica.

Considerando essas definições sobre as fontes históricas, podemos observar que diferente do historiador clássico que considera como fonte de pesquisa somente

os documentos e registros públicos (e escreve a chamada história oficial) o historiador moderno utiliza de qualquer vestígio como livro, jornal, revista, periódicos, gravações em áudio ou vídeo, conteúdo disponível na internet, entre outros que trazem informações preciosas do passado humano, dessa forma, “[...] nem todo o registro escrito é um documento histórico e nem todas as fontes históricas se apresentam como um documento escrito.” (SAMARA E TUPY, 2007).

A escolha ou definição do objeto de pesquisa é uma escolha realizada pela interação entre o pesquisador e as questões que ele elabora sobre o objeto a ser pesquisado e quais os objetivos da pesquisa e quais as fontes históricas que podem ir ao encontro do objeto e dos objetivos, por isso em uma pesquisa científica não é admissível a reprodução de informações sem uma referência a fonte, por isso a seleção de fontes históricas depende do conhecimento prévio dos diversos tipos de documentos e como esses se relacionam com o tema escolhido e permitem possibilidades de análises com o uso do método de pesquisa escolhido (SAMARA E TUPY, 2007).

Por essas questões devemos considerar que sem um problema de pesquisa e fontes históricas sobre o tema não há pesquisa histórica (BARROS, 2019). Assim, estas devem ser selecionadas de acordo com o problema e as necessidades do pesquisador para a realização da pesquisa adequada à metodologia.

Estas fontes podem ser as “fontes primárias”, que trazem um testemunho direto da história, ou “fontes secundárias” que trazem o testemunho indireto da história (SAMARA E TUPY, 2007). Para este estudo, são utilizadas como fontes primárias de pesquisa, as obras escritas de Yasuyuki Sasaki. Por isso devemos observar o que se refere às fontes históricas do Karate.

As fontes históricas da história do Karate (internacional e brasileiro) são um pouco confusas e cheias de ideologias, imaginários e mitos, sendo que suas fontes são pouco precisas, no qual são necessárias uma revisão e uma análise crítica para que tais fontes possam ser interpretadas em uma pesquisa histórica (FROSI; MAZO, 2011). Diante disso, para considerar a história do Karate que nos é contada por aqueles que viveram e relataram fatos de sua época em livros ou por aqueles que mantêm a continuidade da transmissão de informações históricas que são consideradas oficiais (nas obras mais recentes ou entre os próprios grupos de praticantes pela tradição da oralidade), é preciso fazer a crítica à fonte e identificar as

sensibilidades que envolvem o depoimentos registrados, como uma maneira romântica e saudosista que exalta alguns personagens que são imortalizados nessas histórias.

O próprio mestre de Karate, Gichin Funakoshi, em seu livro publicado no Japão em 1956, comenta a sobre a inexistência de fontes históricas que possibilitam compreender a origem e a ancestralidade do Karate:

Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história do início do karatê, não sabemos quem o inventou e desenvolveu, e nem mesmo onde teve origem e evolução. Sua história inicial pode apenas ser deduzida a partir de lendas antigas que nos foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, tendem a ser criações imaginárias e provavelmente incorretas. (Funakoshi, 2000, p.30)

Considerando as fontes históricas das lutas no Brasil, Ferreira et al.(2016) faz vários apontamentos referentes às fontes históricas dos esportes de combate no país (em especial na primeira metade do século XX), e enfatiza as dificuldades de obtenção dessas fontes, pelo desfavorecimento das lutas em geral no cenário esportivo brasileiro.

Segundo Ferreira et al (2016), os três pontos relevantes são: a) as lutas não gozavam de muita popularidade, ao contrário do futebol, por exemplo; b) muitos jornais não possuíam um caderno esportivo, sendo que as notícias eram publicadas em outras seções jornalísticas do periódico, junto com outras modalidades esportivas; c) quase não existem documentos oficiais, pois as modalidades de lutas não eram organizadas por federações.

Observando essas dificuldades, é relevante considerar as fontes existentes que nos contam ou aproximam do passado do Karatê para que seja possível situar um panorama histórico e assim perceber através dos diferentes relatos e discursos, fragmentos que permitam ir ao encontro das respostas e novas indagações para o problema de pesquisa, por isso vamos usar como fontes primárias as obras escritas de Yasuyuki Sasaki que serão analisadas pelo referencial teórico-metodológico da História Cultural,

Diante das possíveis fontes que poderíamos utilizar, escolhemos como as mais apropriadas, a série de manuais escritos por Yasuyuki Sasaki na CEPEUSP entre os anos de 1987 e 1995, considerando na totalidade de sua obra, a sequência de produção escrita e a importância do seu conteúdo no contexto histórico do Karate.

Os manuais que serão as fontes principais de pesquisa, fazem parte do acervo pessoal do pesquisador, sendo que investigaremos as cinco obras escritas por Yasuyuki Sasaki entre os anos de 1987 a 1995, no qual podemos fazer um recorte temporal dos movimentos realizados por Yasuyuki Sasaki em sua trajetória como mestre das artes marciais e assim irmos ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

Segundo Barros (2019) essas fontes podem ser chamadas de “fontes culturais”, pois o que interessa destas fontes é a sua mensagem do qual o objeto (Karate) é um suporte de todos os elementos culturais que estão contidos nele. Seguindo o raciocínio de Barros (2019), também podemos chamar essas fontes de “fontes de conteúdo”, no sentido qualitativo no qual o conteúdo das mensagens das obras pode ser analisado como um conjunto de práticas e representações culturais, podendo também o seu conteúdo ser analisado em separado do objeto principal.

Em nosso caso, as fontes utilizadas nesta dissertação serão as fontes escritas, pois elas são o registro impresso das tradições orais do Karate Moderno<sup>6</sup>, que foram traduzidas para a língua portuguesa. Porém, segundo Barros (2019, p.67), nas fontes escritas existem possibilidades e também limites para uma pesquisa se considerarmos que nem todos registros impressos são realmente os mesmos registros que temos nos manuscritos e na oralidade, o que significa que nos registros impressos de uma cultura só é publicado aquilo que é de interesse do autor.

No caso do Karate em específico, eram poucos os registros escritos antigos, a maior parte do conhecimento era por transmissão oral, e os poucos registros escritos foram queimados na Batalha de Okinawa na II Guerra Mundial, limitando ainda mais as fontes de evidência histórica do Karate, e permitindo uma “reinvenção histórica” do Karate no Japão a partir de 1924, quando este chega a Tóquio (SHINZATO, Y. 2011).

#### **2.4.2 A análise das fontes históricas-culturais**

A História Cultural tem como característica uma pesquisa interdisciplinar podendo relacioná-la com várias áreas do conhecimento humano para a pesquisa histórica como a antropologia, arqueologia, sociologia, semiótica, hermenêutica, filosofia, literatura, entre outras (SAMARA e TUPY, 2007), de maneira que possamos

---

<sup>6</sup> Na história do Karate, o chamado “Karate Moderno” corresponde ao momento que o Karate que chega em Tóquio em 1922 e é adaptado ao gosto dos japoneses se diferenciando do Tode de Okinawa.

pesquisar de forma mais adequada segundo as necessidades da pesquisa e não se limitando a uma única abordagem, mas ampliando o escopo epistêmico a várias opções de abordagens metodológicas.

Segundo Samara e Tupy (2007) e outros autores, como Burke (1992) e Pesavento (2012), afirmam que a História Cultural quanto seu método é uma atividade multidisciplinar que vem dar conta de problemas que até então a “História Tradicional” não daria conta ou não abordaria, como por exemplo, está dissertação que trata da história específica de um ponto especial da história, em nosso caso, a questão da Tradução Cultural do Karate no Brasil.

Percorrendo esse pensamento e a trajetória metodológica interdisciplinar da História Cultural, que busca em outras ciências a complementaridade para a pesquisa histórica com a antropologia, arqueologia, sociologia, semiótica, hermenêutica, filosofia, literatura, entre outras como apontam Samara e Tupy (2007, p.44):

Como resultado dessa visão multidisciplinar e dos desafios teóricos enfrentados, fez-se necessário, ainda, apoiar a análise em documentos históricos que dessem sustentação a temas até então inexplorados ou que permitissem a retomada de outros, a partir de novos olhares.

Assim sendo, para compreendermos mais a História Cultural e seu método de pesquisa devemos também considerar os seus conceitos, pois estes serão aplicados na pesquisa através da análise das fontes históricas.

Segundo Burke (2010), existem vários termos para explicar o fenômeno da “globalização cultural” e sua “apropriação” e “adaptação” como: imitação cultural, apropriação cultural, plágio cultural, empréstimo cultural, aculturação, troca cultural, acomodação cultural, negociação cultural, sincretismo cultural, mistura cultural, hibridização cultural, tradução cultural e crioulização. Cada um desses termos trata com uma perspectiva diferente o mesmo fenômeno, ou seja, da mescla de culturas diferentes para formar uma nova cultura.<sup>7</sup>

Continuando o pensamento de Burke (2010, p.41), “Na história do Ocidente, uma das maneiras como a interação cultural tem sido discutida desde a Antiguidade

---

<sup>7</sup> O Karate passa por esse processo de Hibridismo Cultural várias vezes desde as mesclas do Chuan Fa e as lutas de Okinawa dando origem ao Tode, assim como sucessivamente da mescla do Karate de Okinawa com as lutas japonesas dando origem ao Karate japonês, e mais recentemente da mescla do Karate com o Taekyon dando origem ao Taekwondo e do Karate com o Boxe e o Muay Thai dando origem ao Kickboxing.

Clássica é por intermédio da ideia de imitação.” sendo o mesmo termo utilizado para pessoas que copiam ou seguem modelos estrangeiros de formas de vida ou concepção de mundo, o que podemos incluir a influência do Karatê no modo de vida dos praticantes através das significações e sentidos que oferece aos karatecas.

A essa imitação que Burke (2010) nos fala é no mesmo sentido e referência ao termo apropriação ou espólio – ou seja quando imitamos uma cultura diferente da nossa gera “Uma alternativa à imitação era a ideia de uma apropriação ou, mais evidentemente “espoliação”” (BURKE, 2010, p.41).

Segundo Batista (2018, p.229), podemos compreender que, “[...] a apropriação é um processo no qual o sujeito “torna seu” um objeto ou atividade do mundo, ajustando-o, moldando-o a si, atuando afirmativamente nos processos de negociação com os signos, com a cultura.”. Dessa forma, o sujeito que se apropria de um objeto pode alterar ou confirmar o sentido original do objeto considerando o mundo, suas percepções, crenças e subjetividade; de modo que possa ressignificar o objeto no mundo a partir de suas experiências, expectativas e interesses pelo objeto/atividade através de um processo de produção e construção entre o objeto/atividade e aquele que o apropria.

Esse diálogo existente entre o objeto/atividade a ser apropriada e o sujeito apropriador só é possível através de um processo que é cognitivo, comunicativo, informativo, social e cultural (BATISTA, 2018). Nesta perspectiva está baseada esta pesquisa, ao considerar que os japoneses utilizam desses elementos para apropriar-se dos conceitos, da metodologia, e de outros elementos do Karate e traduzi-los para a língua portuguesa, adaptando-os e ressignificando-os de acordo com a sua produção, interpretação de si e do mundo com o olhar de um Karateka japonês no Brasil.

Esse movimento de adaptação cultural feito pelos mestres japoneses que imigraram para o Brasil possibilitou para os brasileiros a apropriação do Karate no Brasil e a sua difusão em larga escala – de forma que podemos “supor” que os brasileiros realizaram um processo de apropriação cultural das artes marciais por duas vias: a) por identificação; e, b) como construção de sentido (BATISTA, 2018). Em resumo, podemos definir as duas vias de apropriação cultural da seguinte forma como nos apresenta Batista (2018):

a) apropriação como identificação: Nessa forma de apropriação, “o sujeito o ou grupo estabelece uma relação de identidade ou pertencimento” que se transforma em uma expressão de si por uma relação de afetividade com aquilo que se identifica, reconhecendo como “seu”, como parte do sujeito podendo ou não ter modificações da realidade em questão (modificação do sujeito ou modificação do objeto/atividade) (BATISTA, 2018).

b) apropriação como construção de sentido: é um processo que se dá pelo resultado de reflexões críticas de experiências passadas que permitem a transformação do sujeito apropriador pela sua relação com o objeto/atividade, as possibilidades de se transformar modificando o meio e as suas relações de acordo com a sua maneira de ver e perceber e se relacionar com o mundo (BATISTA, 2018).

Após essa apropriação cultural é necessário adaptá-la segundo as necessidades e interesse dos apropriadores, para que se incorpore as partes adaptadas a estrutura cultural já existente (BURKE, 2010, p.91); assim, podemos definir que: “A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de desconstrução e reconstrução, retirando um item de seu local de original e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente.”.

Segundo Burke (2010) isso é um movimento tão amplo e complexo que pode gerar uma “circularidade”, ou seja, uma adaptação tão complexa e completa de uma atividade que pode vir a ser re-exportada para o seu país de origem – nas artes marciais um exemplo disso é o Jujutsu (柔術 – Jiu Jitsu na forma ocidentalizada) que veio para o Brasil e foi apropriado e adaptado pela família Gracie e depois retorna ao Japão totalmente modificado e ampliado o escopo da arte.

Isso evidencia que a apropriação e adaptação cultural pode ser muito forte entre os japoneses. Segundo Burke (2010 p.68) podemos verificar que “[...] pode ser esclarecedor distinguir entre culturas com tradições fracas ou fortes de apropriação e adaptação (em outras palavras, tradições de modificação de tradições)”. Nessa direção, os japoneses já haviam retirado da China muitas tradições que foram adaptadas entre o século VIII e século XII como o sistema ético do Bushido e a política vindas do Confucionismo, fomentando o surgimento dos Samurais e gerando novas tradições (COSTA, 2019), e também nesse período a religião budista, a escrita chinesa, no século XVI com o contato com o ocidente os japoneses adaptaram as armas de fogo, e a partir do século XIX na era Meiji se apropriou o modelo militar e

educacional da Alemanha, a política da Inglaterra e o capitalismo dos Estados Unidos (BURKE, 2010) adaptando às necessidades políticas e econômicas dos Nipônicos.

Outro elemento importante para a apropriação, adaptação e ressignificação do karate no Brasil foi a "tradução cultural" dos conceitos teóricos do Karate da língua japonesa para o português, seja pela oralidade ou pela publicação escrita, e sem essa tradução cultural não seria possível a comunicação entre japoneses e brasileiros. Burke (2010, p.97), sobre os tradutores, nos diz que: "As pessoas que transferiram suas lealdades de uma cultura para outra tem muitas vezes representado um papel importante no processo de interpretação...", sendo estes tradutores muitas vezes imigrantes, refugiados ou exilados que conseguem possuir uma "consciência dúplice" das duas culturas.

A tradução cultural segundo Burke (2010) diz que é um processo no qual se converte "conceitos e as experiências de outras pessoas em seus equivalentes no nosso próprio vocabulário", como a linguagem científica e a linguagem técnica, por exemplo. O que permite dizer que estas traduções possuem intencionalidades, finalidades, e não são neutras, pois sempre servem a algum propósito por parte do tradutor ou dos motivos e razões que o levam a traduzir (BURKE, 2010).

Por isso, compreender o processo de tradução cultural é o primeiro passo para entender o processo de apropriação, adaptação e ressignificação de uma prática cultural em uma cultura hospedeira - por isso, o objetivo principal desta dissertação é compreender a "Tradução Cultural" como um fenômeno histórico.

Considerando a importância da tradução cultural para esta pesquisa, é que escolhemos como método de análise da tradução cultural do Karate no Brasil a metodologia de Burke (2010) no qual nos guia através de seis perguntas pertinentes tanto para com a História Cultural como para a nossa análise, assim sendo estas perguntas são: a) Quem traduz? b) Com quais intenções? c) O que traduz? d) Para quem traduz? e) Como traduz? f) Quais as consequências da tradução?

Observando cada uma das perguntas proposta por Burke (2010), iremos responder várias outras questões a respeito da pergunta para que assim consigamos analisar cada um dos seis aspectos na sua totalidade e atingir a compreensão da tradução cultural do Karate no Brasil.

Pergunta número um, “Quem traduz?”, vai analisar as obras escolhidas e responder: Quem traduz? Uma única pessoa ou várias pessoas? Um tradutor profissional ou amador? De qual nacionalidade? Qual a sua formação no escopo do assunto traduzido? Quais os idiomas de domínio desse tradutor?

Pergunta número dois: Com quais intenções uma obra foi traduzida? As intenções são pessoais ou impessoais? Teria motivações ideológicas, políticas, sociais ou econômicas? As intenções da tradução são implícitas ou explícitas? Intenções de dominação cultural ou subordinação de uma cultura sobre a outra? Intenções de conversão e dominação de indivíduos de uma cultura sob a liderança de uma cultura dominante? Intenções de uma tradução, que pode ser formativa, informativa, de atualização, de divulgação ou conversão?

Pergunta número três, analisa o texto que foi traduzido, “O que se traduz?”. Obras de um idioma para o vernáculo? Traduções da tradução? São traduções da tradução de versões de autores diferentes? São obra de um assunto específico? São obras originais ou adaptadas de um terceiro idioma?

Pergunta número quatro, “Para quem se traduz?": É para um público específico? É para o público em geral? É para um público culto ou para as massas?

Pergunta número cinco, “Como se traduz?” Quais os métodos de tradução? Quais as estratégias de tradução? A tradução é literal palavra por palavra ou a tradução é no contexto da linguagem a ser traduzida?

Pergunta número seis: “Quais as consequências da tradução?”. Quais as contribuições e influências da tradução para os aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos? Se ocasionou a conversão ou dominação de uma cultura sobre a outra? A tradução contribuiu ou não para uma cultura compreender outra cultura que se faz presente no cotidiano? Quais as consequências positivas e negativas de uma tradução?

### **3 O MOVIMENTO IMIGRATÓRIO INTERNACIONAL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL**

#### **3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Para entendermos a chegada do Karate no Brasil, temos que considerar os porquês da imigração de Japoneses ao Brasil no início até a metade do século XX, os motivos sociais, políticos e econômicos que fizeram os japoneses imigrar para o Brasil e nessa trajetória, iniciar o ensino de vários aspectos da cultura nipônica, incluindo do Karate.

Para que possamos esboçar esse cenário, faremos a análise dos estudos de Yamashiro (1964), Itokazu (2000), Daigo (2008) e Fausto (1995), os quais são importantes e preciosas para entendermos os motivos dos vários “Movimentos Imigratórios Internacionais”, fenômeno mundial do final do século XIX que dura até a metade do século XX e que inclui o Brasil como um dos países receptivos aos imigrantes.

Considerando esses aspectos veremos as implicações políticas e econômicas dos dois países (Brasil e Japão), em especial o jogo de interesses no qual em 1908 o navio Kasato Maru chega em Santos-SP com 781 imigrantes japoneses, que se estabelecem no estado de São Paulo, e juntos com seus sonhos trouxeram em suas bagagens toda a cultura de seu país, no qual muitas delas foram adaptadas e apropriadas por nós e que hoje fazem parte de nosso dia a dia – ou seja, heranças deixadas no Brasil através desse movimento.

A ideia desse capítulo é esboçar uma “História do Karate no Brasil entre 1908 e 1954” compreendendo a “História da Imigração Japonesa no Brasil”, e assim buscar entender as condições e motivações que levaram os imigrantes a iniciar o ensino do Karate no país.

#### **3.2 A SOCIEDADE E A ECONOMIA JAPONESA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.**

Segundo Yamashiro (1964) e Itokazu (2000) a sociedade japonesa no século XIX, era ainda uma sociedade feudal, agrícola, dividida em castas onde no

topo encontramos os *Bushi* ou “Guerreiros” formado pelos “*Samurai*” os “Servidores do Estado”, em seguida viriam os camponeses, que seriam responsáveis pela produção do alimento e o sustento dos Samurais, abaixo dos camponeses se encontravam os artesãos, comerciantes e por último os mendigos e os chamados de “*Eta*” ou rejeitados, geralmente uma classe formada por pessoas e famílias que não tinham relação com alguma casta ou foram expulsas destas - os únicos que se aproximavam dos *Bushi* era a categoria dos “*Gakusha*” ou intelectuais, formado por monges budistas, xintoístas e filósofos, no qual possuíam grande prestígio político e militar, sendo muitos responsáveis pela educação dos Samurais.

Além dessa sociedade de castas, o crescimento acelerado do cristianismo no século XVII, ocasionou mudanças no pensamento japonês que ia contra os costumes e a religião oficial causando divergências entre o *Shogunato* (Governo Militar) e muitos Samurais convertidos, o que resultou em ameaças à soberania nacional e revoltas internas como o levante de camponeses cristãos contra o governo em 1637. Outro ponto foi a rivalidade entre católicos de Portugal e protestantes holandeses, com o medo de desordem social que os dois grupos opositores poderiam promover o Japão fechou as fronteiras em 1639 isolando os japoneses das relações exteriores, inclusive proibindo a entrada de estrangeiros e a saída dos nipônicos do país até a chegada dos navios americanos do Comodoro Matthew Perry em 1853, no qual pressionou o Japão para a abertura dos seus portos para o comércio internacional (YAMASHIRO, 1964; ITOKAZU, 2000).

Segundo Itokazu (2000), o grande problema econômico do Japão no final da Era Edo e início da Era Meiji, foram os seguintes:

- 1) O empobrecimento dos camponeses: nesse caso os camponeses sustentavam os Samurais com alimento, trabalho e impostos. O excesso da exploração do trabalho dos camponeses por parte dos Samurais, ocasiona uma péssima qualidade de vida aos camponeses que gerou o descontentamento dos camponeses que não querem mais servir aos Samurais, ocasionando o êxodo rural e o crescimento demográfico nas cidades onde os camponeses busca de uma vida melhor e alternativas diferentes de trabalho. Os poucos que permanecem no campo desenvolvem a cultura de subsistência e manufatura artesanal de produtos de uso pessoal.

2) A queda da classe Samurai: os Samurais eram os servidores públicos e militares do Shogunato e viviam da exploração do que era produzido de riquezas, alimentos e impostos das outras castas, o que proporciona aos Samurais uma vida de luxo e ócio devido ao período de paz e sem guerras, exercendo cargos burocráticos na administração pública e na cobrança de impostos e na administração dos feudos.

3) O crescimento das cidades e o êxodo rural na busca de condições melhores de vida, ocasionou com o crescimento demográfico nos centros urbanos o aumento da prostituição, aborto, infanticídio e todo o tipo possível de delitos. As famílias estavam passando por uma nova estruturação sendo que os jovens abandonaram as suas famílias no meio rural para tentar a sorte nas cidades em busca de oportunidades e uma vida mais fácil - porém isso era uma ficção pois o reflexo disso foi o aumento dos níveis de criminalidade, pobreza e miséria.

4) O surgimento e a ascensão de uma nova classe social no Japão os "*Chonin*" (町人) ou "homens da cidade" formados por comerciantes, banqueiros e agiotas que usaram da oportunidade do crescimento das cidades para enriquecer e por isso forneciam empréstimos financeiros para os Samurais e que a cada dia se endividaram mais para manter a ostentação de seu padrão de vida luxuosa (poderíamos dizer que os *Chonin* seriam equivalentes a burguesia do século XV na Europa).

Dado esse panorama de uma sociedade desestruturada com vários problemas sociais e econômicos, o *Shogum* Tokugawa devolve o poder a Família Imperial, assumindo o comando do Japão o imperador Mutsuhito, no qual inicia a Era Meiji (1868 - 1912) ou "Período da Restauração" no qual tinha como objetivo modernizar o Japão após os 265 anos da Era Edo (1603 -1868) e recuperar o tempo perdido com o "Shogunato" ou governo militar e o isolamento político e econômico (YAMASHIRO, 1964; ITOKAZU, 2000).

Com esse projeto de modernização, o Japão poderia se equiparar com uma potência europeia moderna e evitar a dominação dos europeus e americanos que tinham interesse no local. Isso permitiu aos ocidentais verem os japoneses não como um povo exótico e atrasado, mas sim uma nação civilizada e mesmo com costumes diferentes, ao contrário da África, Índia, China, Sião e Vietnã que eram considerados por seus costumes "atrasados" ou "inferiores" em relação aos ocidentais e estavam

sendo transformadas em colônias de exploração e dominação (YAMASHIRO, 1964; ITOKAZU, 2000).

O projeto do governo japonês para a restauração nacional e modernização tinha como objetivo as seguintes mudanças segundo Yamashiro (1964) e Itokazu (2000):

Reforma administrativa do novo governo: com a queda dos militares e o poder é transmitido para a Corte Imperial, por isso todos os cargos administrativos militares foram substituídos por novos cargos como o de Primeiro Ministro, Chefe de Gabinete e os Conselheiros Imperiais (equivalentes a ministros) com a ideia de impedir qualquer tentativa de retorno do Shogunato.

Juramento dos cinco artigos: foram estabelecidos cinco artigos de base que permitiram a elaboração tanto de uma constituição democrática como da implantação dos objetivos reformistas da Era Meiji e do governo constitucional.

Transferência da capital de Kyoto para Tóquio. Kyoto foi por mil anos a capital do Japão, considerando os objetivos da Era Meiji uma nova capital, moderna e renovada seria necessária por isso essa mudança.

Os feudos ou "Han" foram instintos e as terras foram entregues ao novo governo.

Abolição do sistema de castas, porém para fins de registro de origem ficou dividido as famílias "Aristocratas", famílias "Samurais" e famílias do "Povo". Os *Chonin* (homens da cidade) e o *Etas* (mendigos e excluídos) passaram a poder usar o sobrenome. E segundo a nova lei, todas as pessoas passariam a ter os mesmos direitos e deveres, tanto civis como políticos.

Direito à propriedade privada, em especial a compra e venda livre das terras agrícolas que na política do Shogunato não era permitida.

Mudança monetária nacional: a moeda oficial passou a ser o Yene em substituição ao "*Ohban*" e ao "*Koban*".

Surgiram os primeiros trens, navios a vapor, "*jinrikisha*", carruagens, etc. - substituindo as viagens a pé ou a cavalo, e que tornaram as viagens mais cômodas e rápidas. A estrada de ferro Tóquio-Yokohama foi inaugurada em 1872.

Nas comunicações o governo criou os serviços de Correios, e implantou as primeiras unidades do telégrafo e do telefone. Jornais e revistas também começam a circular em larga escala.

Desenvolvimento do setor industrial com a chegada das máquinas de produção do ocidente, assim como a presença de técnicos estrangeiros dando treinamento no uso das máquinas, qualificando a produção industrial e substituindo a produção artesanal de manufatura. O mesmo acontece no setor agrícola que substituiu a agricultura de subsistência pela agricultura de extensão.

Desenvolvimento do setor bancário com a criação dos primeiros bancos japoneses.

Influência cultural do ocidente, Estados Unidos e Inglaterra em especial, seguido da Alemanha e França. Segundo Yamashiro (1964, p.152):

Com a evolução da nova cultura, os costumes sofreram, naturalmente, sua influência e se modificaram radicalmente. Desapareceu o hábito de trazer katana (espada) à cintura, os homens começaram a cortar o cabelo à ocidental, vestiram o traje europeu. Jornais e revistas surgiram, a luz elétrica e lâmpadas a gás passaram a iluminar as ruas das cidades, prédios de estilo ocidental foram erguidos. Até a alimentação sofreu modificação sob o influxo da arte culinária ocidental. A carne de vaca, que era praticamente desconhecida, se tornou prato muito apreciado, e restaurantes de comida ocidental apareceram nas cidades, com grande afluência de público. A influência ocidental atingia o próprio meio e o próprio modo de vida dos japoneses que, durante tanto tempo, estiveram isolados do mundo. A ocidentalização do Japão era um fato.

Liberdade religiosa, além do Budismo e Shintoísmo, abriu-se espaço para o Cristianismo.

Educação e ciência: nesse setor o governo japonês em 1872 estabeleceu o "Regime de Instrução" criando escolas primárias e secundárias no modelo ocidental em todo o país, e é explicando ao povo a importância da educação tanto para homens como para as mulheres. Em Tóquio foi criada a primeira universidade nos moldes ocidentais, e com a presença de vários professores americanos e europeus. O mesmo aconteceu com a ciência, onde as universidades contrataram cientistas de todo o mundo para fundar os primeiros centros de pesquisas e formar os primeiros cientistas japoneses. Com isso permitiu o acesso à educação de todo o povo e não apenas as elites.

Abertura do Japão para as relações exteriores: O Japão permaneceu fechado para outros países por 265 anos; porém com a Era Meiji, o Japão voltou a fazer

comércio com outros países, e iniciou acordos diplomáticos, em especial com os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França. Dezoito anos após o início da era Meiji, em 1895, o Japão estabelece com o Brasil o tratado de amizade, comércio e navegação entre os dois países.

Foram muitas mudanças no pouco tempo nos 45 anos da Era Meiji, porém além de todos os avanços também houve consequências negativas para a sociedade japonesa, entre as principais consequências podemos citar segundo Itokazu (2000 p.40) o acúmulo populacional nas cidades ocasionando o aumento da pobreza, dos desempregados e desocupados - com esse diagnóstico o governo japonês desenvolveu uma política de imigração para outros países com a finalidade de diminuição dos problemas sociais e realocação da população desocupada ou desempregada. Segundo Itokazu (2000) “Durante o fim do século XIX, ainda investiram na imigração para: a costa oeste dos Estados Unidos; atividade de coleta de pérolas na Austrália; exploração de níquel na Nova Caledônia; atividade pesqueira no Canadá e posteriormente na América do Sul, o Peru em 1899.”.

### 3.3 A SOCIEDADE E A ECONOMIA BRASILEIRA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Segundo Kanashiro (2000), Fausto (1995) e Peixoto (1944) o Brasil era uma colônia portuguesa que tinha como objetivo enriquecer a metrópole, sendo que o processo de colonização para exploração do Brasil se inicia no primeiro quarto do século XVI, e ao contrário da terras espanholas que possuíam grandes quantidades de metais no Brasil a riqueza era bastante diferente, a riqueza do Brasil era a produção de açúcar, alimentos a extração de madeiras, em especial o comércio do pau-brasil que era muito valorizado na Europa.

Para garantir o espaço territorial do Brasil, a Coroa Portuguesa envia para o Brasil a sua primeira leva de imigrantes portugueses, com a promessa de enriquecimento no Novo Mundo - nesse grupo estavam militares, degenerados, e pessoas de “segunda categoria” como ex-criminosos e elementos considerados perigosos. Primeiramente esses imigrantes viviam do trabalho do extrativismo vegetal, porém logo perceberam as longas extensões de terras cultiváveis e iniciaram a

agricultura extensiva de monocultura para exportação, em especial o café, essa foi a principal fonte econômica e de riqueza no Brasil até 1929 (KANASHIRO, 2000).

O grande problema de Portugal a respeito da agricultura extensiva era a contratação de mão de obra para trabalhar na lavoura e garantir as metas de produção para exportação aos mercados consumidores. Para resolver isso, houve primeiramente a tentativa de incorporar a população indígena nas fazendas através da chegada dos Jesuítas, que tentaram civilizar e catequizar os índios nos modelos Europeus (KANASHIRO, 2000).

Porém a cultura indígena do Brasil era incompatível com o modelo Europeu de cultura, os indígenas tinham alimento em abundância permitindo a pesca, caça e coleta de frutas, e dedicavam-se a outras atividades tribais como os ritos religiosos pagãos e as guerras contra outras tribos (FAUSTO, 1995).

As tentativas de catequização dos índios tanto pelos portugueses como pelos Jesuítas não foram bem sucedidas e muitos índios acabaram sendo mortos na tentativa de impedir sua dominação, ou escravizados pelo “bugreiros”<sup>8</sup>; a solução foi trazer a mão de obra escrava vinda da África, que era comercializada como instrumento de trabalho servil nas grandes lavouras (açúcar, fumo e depois o café), mineração e pecuária (KANASHIRO, 2000; FAUSTO, 1995).

O sistema de mão de obra de escravos negros durou até 1888 quando foi proibida a escravidão no Brasil, após esse momento os negros foram libertos se nenhuma garantia de sobrevivência, alguns libertos foram embora das fazendas para as periferias das cidades vivendo em condições mínimas, formando os “cortiços” e as “favelas”; outros foram absorvidos como mão de obra nas fazendas e receberiam salários, porém com a ânsia de liberdade muitos negros trabalhavam apenas dois ou três dias da semana para a sobrevivência e nos outros dias desfrutava do convívio familiar ócio e da liberdade que até então desconheciam; os negros não tinham a intenção de trabalhar para o enriquecimento próprio (KANASHIRO, 2000).

Segundo Itokazu (2000) com o fim do trabalho escravo a solução do governo brasileiro foi importar mão de obra assalariada da Europa, através de acordos internacionais entre os países europeus e Brasil a fim de suprir a falta de mão de obra

---

<sup>8</sup> Eram homens especializados em capturar e escravizar índios ou realizar ataques e extermínio das tribos que estavam próximas às áreas de interesse dos fazendeiros.

nas lavouras, pois se acreditava que os negros não aceitariam continuar trabalhando nas fazendas como assalariados depois da abolição

Outra condição a favor disso, foi que na Europa a situação tecnológica, científica, econômica e política já demonstrava grandes avanços na melhoria da qualidade de vida dos europeus em muitos países, porém esses avanços não eram suficientes para abranger toda a população europeia o que ocasionou em grandes níveis de desigualdade social - por isso vários governos incentivava a imigração internacional de seus compatriotas para a América.

Um fator que não deve ser descartado em nosso estudo e que foi apontado por Itokazu (2000) e Fausto (1995) que influenciou diretamente as políticas de imigração no Brasil foram as políticas de “Branqueamento” do Brasil, devido aos grandes números de negros que teriam vindo da África como escravos somados aos índios e mestiços e que impediam que as grandes potências econômicas europeias vissem o Brasil como um país civilizado.

Segundo Itokazu (2000) e Fausto (1995), o primeiro ponto foi a vinda da Corte Imperial em 1808 de Portugal, no qual queria manter no Brasil todos os traços da cultura europeia na arquitetura, roupas, língua, hábitos e costumes, teatro, música etc., principalmente no Rio de Janeiro, capital do Império. O segundo ponto foi mais incisivo esse processo de branqueamento após a Abolição da Escravatura, no qual os negros e mestiços estavam “livres” e seus padrões de cultura representavam uma vida primitiva, selvagem e de barbárie que iriam contra o pensamento cultural e científico europeu.

Isso seria um processo que com a presença dos europeus no Brasil, nesse caso, a vinda de uma população “melhor”, poderia de alguma forma de civilizar o Brasil, e no futuro produzir mão de obra especializada e necessária para a futura industrialização do Brasil - mas isso só ocorre após a quebra total da agricultura como fonte principal da riqueza nacional em 1929 (ITOKAZU, 2000; FAUSTO, 1995).

### 3.4 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS E A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.

Segundo Itokazu (2000) os movimentos migratórios no mundo sempre existiram, porém nos séculos XVI e XVII com a formação dos Estados Modernos e o

Movimento Mercantilista, houve a necessidade de expansão dos mercados consumidores e mercados de exploração de matéria prima para sustentar as metrópoles. Para garantir o domínio territorial muitos países mandavam como exploradores militares, degenerados, presos políticos e qualquer um que queria tentar a sorte no Novo Mundo. Porém, foi no século XIX que houve o grande movimento migratório internacional, com o número de 75 milhões europeus que imigraram para outros países do mundo em especial para a América.

No século XIX, a Europa já possuía vários avanços tecnológicos e científicos que elevaram a produção industrial e também a qualidade e a perspectiva de vida das pessoas, diminuindo as taxas de mortalidade, em especial destacam-se os progressos na medicina, na produção de alimentos em larga escala - porém mesmo com esses avanços a maior parte da população europeia encontrava-se na miséria por isso muitos países tomaram medidas para solucionar esse problema, em especial incentivar a colonização da África, Oceania; os descontentes com seus países e suas políticas buscavam a migração para a América, pois acreditavam espírito da Revolução Francesa estava presente no “Novo Mundo” e que teriam a liberdade política e religiosa que não tiveram na Europa. (ITOKAZU, 2000).

Segundo Itokazu (2000), a imigração no Brasil inicia-se em 1808 com a chegada da Família Real no Brasil, com a criação de pequenos núcleos coloniais que não tiveram grande desenvolvimento; porém segundo Fausto (1995, p.275) foi entre 1887 e 1930 que 3,8 milhões de estrangeiros chegaram ao Brasil, sendo que entre 1887 e 1914 foi o período de maior fluxo de imigrantes no Brasil, sendo que retoma o fluxo migratório em 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial até 1930 com exceção dos japoneses que vieram em grandes números ao Brasil entre 1930 e 1940 e depois da Segunda Guerra Mundial em 1953 até 1965.

Como já dito, foi durante o Segundo Reinado, o Brasil tentou copiar os padrões de vida da Europa, como roupas, arquitetura, teatro e tecnologias como meio de civilizar o país e manter uma proximidade com as nações desenvolvidas. Porém o sonho de um país desenvolvido não poderia ser concretizado com o grande número de negros e mestiços circulando livremente no Brasil - por isso se adotou uma política de “branqueamento”, baseada na teoria científica da “superioridade das raças” que estava muito desenvolvida nos círculos intelectuais europeus no século XIX, e que chega no Brasil através da juventude aristocrática que estudava nas universidades

européias. Nessa classificação os alemães seriam considerados a raça superior seguida dos outros europeus brancos, esse pensamento alavancou a imigração europeia para as Américas (ITOKAZU, 2000).

Segundo Itokazu (2000) e Fausto (1995) esse projeto de “branqueamento” ganha força iniciando em 1824 com a chegada dos alemães no Brasil, em especial no sul, porém em 1859 o governo alemão proibiu a saída de alemães para o Brasil conhecido como “inferno tropical” - após a abolição da escravatura em 1888, houve a necessidade de mão de obra para as lavouras de café, e com isso iniciou a vinda de imigrantes da Itália para trabalhar como assalariados e substituir os escravos, esses imigrantes, foram subsidiados pelo governo italiano em 1870, até o momento que o governo italiano proibiu a imigração em 1902, no qual considerou maus tratos para os imigrantes que estavam no Brasil.

A solução para o problema da mão de obra nas fazendas de café poderia ser resolvida com a vinda de imigrantes asiáticos. Segundo Daigo (2008, p.6), os primeiros imigrantes asiáticos que chegaram ao Brasil foram cerca de 500 chineses em 1819 para o trabalho em plantações de chá no Rio de Janeiro e nas minas de Minas Gerais, ainda que o Brasil não tivesse tanta carência da força laboral e necessidade de imigrantes naquela época. Porém o governo brasileiro preferiu os japoneses por serem considerados “menos piores” do que os chineses que eram mal vistos, devido a um número considerável de imigrantes chineses nos Estados Unidos que estavam participando dos movimentos sindicais (ITOKAZU, 2000).

Para isso, a partir de 1894, o Brasil iniciou uma série de acordos comerciais extra oficiais e acordos de imigração oficiais entre os dois países. Extra oficialmente o primeiro acordo foi em 1894 entre a Kichisha Imin Kaisha e a Companhia Prado Jordão com o objetivo de trazer trabalhadores japoneses, porém isso não se concretizou, pois não existia acordos diplomáticos entre os países. O primeiro acordo oficial entre os governos do Brasil e do Japão foi o “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação” Brasil-Japão, em 5 de novembro 1895 pelos embaixadores Gabriel de Toledo Piza e Arasuke Sone (ITOKAZU, 2000).

Segundo Itokazu (2000, p.44) “...em 1897 a Companhia Prado Jordão firmou contrato com a Toyo Imin Kaisha, que deveria recrutar 1500 a 2000 jovens de 20 a 30 anos, para trabalharem temporariamente nas lavouras de café por três anos...” porém

como foi um período de crise na cultura cafeeira de São Paulo o recrutamento dos novos trabalhadores teve de ser adiado.

Segundo Daigo (2008), Itokazu (2000) e Nogueira (1984), foi somente em 1905 que o ministro Fukashi Sugimura, chegou ao país. Ele visitou diversas localidades no Brasil e foi bem recebido em todos os lugares, tanto pelas autoridades locais como pela população que o aplaudia por onde passava e era homenageado com honrarias.

As visitas dos enviados do Império Japonês continuavam visitando o Brasil. Em 1906, Ryu Mizuno, presidente da Kokoku Shokumin Kaisha (Companhia Imperial de Emigração) visitou o Brasil, acompanhado de Teijiro Suzuki, que pretendia ir ao Peru e no Brasil trabalhou experimentalmente na Fazenda Tibiriçá que pretendia receber os imigrantes japoneses. Mizuno voltou ao Brasil no ano seguinte e celebrou o contrato entre o Estado de São Paulo e o Império Japonês para vinda de imigrantes japoneses (NOGUEIRA, 1984; ITOKAZU, 2000; DAIGO, 2008).

No ano de 1907 iniciou o recrutamento de japoneses para a vinda ao Brasil com o aval do governo dos dois países. Entre os requisitos do Governo Brasileiro, exigia-se o recrutamento de famílias de três cinco pessoas entre doze e quarenta anos de idade, compostas por uma maioria masculina para que fosse suprimida a necessidade de força braçal e mão de obra nas lavouras (NOGUEIRA, 1984).

Segundo Daigo (2008), o primeiro vapor a transportar os imigrantes japoneses para o Brasil, o Kasato Maru, zarpou do porto de Kobe no dia 28 de abril de 1908, fez escalas em Cingapura e Cidade do Cabo e, após 51 dias de viagem, chegou ao porto de Santos no dia 18 de junho. Eram, ao todo, 781 imigrantes; entre eles 595 homens e 186 mulheres que compunham 168 famílias.

Dentre esses primeiros migrantes podemos afirmar segundo Daigo (2008) que 324 eram provenientes da província de Okinawa, 172 provenientes da província de Kagoshima, os outros imigrantes eram de outras províncias incluindo Tóquio. As províncias de Okinawa e Kagoshima foram as escolhidas devido ao clima quente, muito parecido com o clima do Brasil, o que facilitaria a adaptação dos imigrantes.

Por isso é possível afirmar que entre os 324 imigrantes de Okinawa que chegaram ao Brasil existiam alguns indivíduos que praticaram o To-De (Karate) e trouxeram essa arte para o Brasil já em 1908. Vejamos as evidências:

- a) Segundo Funakoshi (2014) e Stevens (2007), em Okinawa, o To-De (唐手), que depois mudou seu nome para Karate (空手) em 1932) era praticado pela maioria dos homens da ilha, como método de defesa pessoal, ginástica, e era uma disciplina obrigatória nas escolas públicas desde 1902<sup>9</sup>.
- b) Segundo Bartolo (2014) Segundo Funakoshi (2014) e Stevens (2007), foi somente em 1922, que o To-De foi apresentado fora de Okinawa para os japoneses na Exposição Atlética de Tóquio, após a apresentação a convite do Governo Imperial Japonês o professor Funakoshi Gichin inicia o ensino do Karate no Japão Continental.

Segundo Daigo (2008), Itokazu (2000), Handa (1987) e Nogueira (1984) a imigração japonesa no Brasil não se encerra em 1908 com a vinda do Kasato Maru, estende em outros momentos com a vinda de mais navios até o ano de 1973.

Conforme Handa (1987) e Daigo (2000), em 1910 o Ryojun Maru chega ao porto de Santos com mais 910 imigrantes; os navios continuam chegando do Japão como o Itsukushima Maru e o Kanagawa Maru em 1912, Wakasaka Maru em 1913 e o Teikoku Maru 1914.

Com o início da Primeira Guerra Mundial o fluxo de japoneses diminuiu, porém, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o fluxo de imigrantes japoneses para o Brasil cresceu enormemente. Os imigrantes já não estavam mais no campo, muitos já haviam se estabelecido nas cidades, criando pequenos negócios, como mercearias, quitandas, marcenarias e tinturarias. Entre 1917 e 1940, vieram 164 mil japoneses para o Brasil, sendo que a maior parte dos imigrantes chegou entre 1920-1930 (DAIGO 2008).

Segundo Handa (1987) e Daigo (2008), durante a Segunda Guerra Mundial, instaurou-se mundialmente um forte espírito nacionalista, o que influenciou o pensamento de muitos imigrantes japoneses que desejavam votar para o Japão. Em 1941 com a entrada do Japão na II Guerra Mundial, após atacar Pearl Harbor, os imigrantes japoneses no Brasil<sup>10</sup> sofreram inúmeras sanções, como a proibição do

---

<sup>9</sup> Alguns pesquisadores atuais, tem a hipótese que em Okinawa somente os Peichin (guerreiros) e seus parentes tinham o conhecimento das artes marciais. Após o Karate chegar no Japão que se cria um imaginário do Karate como uma luta de resistência contra o sistema opressor, nesse caso do camponês ou pescador contra os Samurais.

<sup>10</sup> Não só no Brasil, mas em especial nos EUA, onde ficaram presos em campos de concentração.

ensino, difusão por qualquer meio escrito ou falado de tudo que fosse referência ao Japão, muitos imigrantes foram presos e acusados de espionagem, e muitos imigrantes sofreram represálias, ameaças e até ataques dos brasileiros. Essas sanções, incluindo outras de nível econômico e político, com anulação dos acordos de cooperação, a declaração de guerra do Brasil contra o Japão, que durou até agosto de 1945, e após isso, levou ainda mais cinco anos para se estabelecer novos acordos diplomáticos entre o Brasil e o Japão.

Após a Segunda Guerra Mundial o Brasil encontrou muitos problemas com os imigrantes japoneses, primeiramente, dividiu a colônia em dois grupos rivais, de um lado os “derrotistas” que acreditaram na derrota japonesa depois de Hiroshima e Nagasaki, e os “vitoriosos” que acreditavam que o Japão ainda estaria em guerra e não teria sido derrotada, e com isso criaram o grupo ultra nacionalistas *Shindo Reimei* que defendiam as ideias do governo imperial japonês. Sua revolta e crença na supremacia japonesa era tanta que realizaram uma série de ataques terroristas<sup>11</sup>, principalmente contra os próprios compatriotas, pois não admitiram a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial (DAIGO, 2008; HANDA, 1987).

Os ataques da *Shindo Reimei* duraram até 1947, quando o DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, deu conta do caso, prendendo mais de 800 membros do grupo, que participaram de mais de cem ataques terroristas e deixaram 23 mortos. Os criminosos foram julgados e condenados à prisão e à extradição<sup>12</sup> (DAIGO, 2008; HANDA, 1987).

Segundo Daigo (2008) após os incidentes e a disputa entre "vitoriosos" e “derrotados”, a união da Colônia Japonesa no Brasil se fez através da solicitação da Prefeitura de São Paulo no ano de 1952, para que fosse realizada uma apresentação cultural dos japoneses nas comemorações Quarto Centenário do aniversário de São Paulo em 1954 - para tal feito foi acordado entre os imigrantes que nada mais seria dito sobre a guerra. Com esse feito, a colônia passou a se unir cada vez mais, expandindo a divulgação da cultura japonesa no Brasil, assim como promovendo a vinda de mais imigrantes que estavam em situação de dificuldades no Japão, mas principalmente, estavam decididos a permanecer no Brasil como sua nova pátria.

---

<sup>11</sup> Os ataques foram feitos contra os próprios imigrantes que eram contra a guerra e admitiram a derrota japonesa. (DAIGO 2008, HANDA 1987).

<sup>12</sup> Segundo Daigo (2008) a extradição nunca foi feita.

Outro fato importante para restabelecer as relações entre o Brasil e o Japão, foram as concessões obtidas por Yasutaru Matsubara, amigo pessoal do Presidente Getúlio Vargas que permitiu a partir de 1953 a retomada da entrada de japoneses no Brasil, e com isso a retomada da imigração japonesa no pós-guerra (DAIGO, 2008).

Assim sendo, a imigração japonesa se estende em outros momentos com a vinda de mais navios até o ano de 1973 e se estendeu de forma esporádica até os anos 80. Segundo Daigo (2008) entre 1953 e 1973 mais 50 mil japoneses vieram ao Brasil, junto com esses imigrantes vários mestres de Karate, muitos destes famosos, como os Mestres Yoshihide Shinzato (1954, mas só iniciou a dar aulas em 1962), Mitsuke Harada (1954), Seichi Akamine (1959), Juichi Sagara (1959) por exemplo, seguidos posteriormente de outros Mestres como o próprio Yasuyuki Sasaki que chega em 1958 com apenas 12 anos de idade.

Segundo Daigo (2008) todo esse processo da imigração japonesa no Brasil totalizou cerca de 250 mil japoneses que vieram para o Brasil entre 1908 e 1973.

Considerando um aspecto geral, entre as principais motivações que levaram os japoneses imigraram para o Brasil, podemos destacar segundo Daigo (2008), Itozazu (2000), Handa (1987) e Nogueira (1984), os seguintes pontos:

Durante a Era Meiji (1868 - 1912), mesmo com as mudanças na economia, política, tecnologia e educação, houve um aumento significativo dos problemas sociais, em especial o aumento do desemprego e dos desocupados nas grandes cidades, o que aumentou os níveis de criminalidade. A oportunidade de trabalho em outros países era uma solução para esse problema, pois significaria melhores oportunidades de trabalho e a esperança de uma vida melhor.

Apoio do Governo Imperial Japonês para a imigração de seus compatriotas para outros países. Para isso foi feito tratados entre os governos do Japão e do Brasil para validar as intenções dos dois países - nesse caso houve visitas de vistorias do governo japonês que viu as condições de qualidade de vida favoráveis à vinda dos nipônicos para o Brasil.

Promessa de enriquecimento rápido nas Américas trabalhando nas lavouras de café e retorno para o Japão no prazo de 3 a 4 anos.

Infelizmente as promessas não foram cumpridas, e com isso permitiu que os imigrantes lutassem por seus direitos, muitos fugindo das fazendas e se

estabelecendo nas cidades, com isso permitiu um intercâmbio cultural, onde muitos elementos da cultura japonesa foram apropriados pelos brasileiros nessas trocas.

### 3.5 OS PRIMEIROS “SENSEI” DE KARATE NO BRASIL

É muito difícil afirmar quem foram os primeiros mestres e praticantes do To-De (Karate) no Brasil, considerando que a chegada dos primeiros imigrantes em 1908, trouxe um número de okinawanos. Considerando que Okinawa é o berço do Karate, é possível afirmar que entre esses imigrantes encontravam-se pessoas conhecedoras dessa arte - Bartolo (2014 p.125).

Conforme Bartolo (2014), no período entre 1908 e 1954, o Karate, era praticado pela colônia japonesa nos seus redutos, em especial nos nichos formados nas fazendas onde estes primeiros imigrantes foram estabelecidos, e por poucos brasileiros que se interessavam pelo Karate e tinham a simpatia dos japoneses.

Segundo a Confederação Brasileira de Kendo (2020) na live de Luis Kobayashi, o jornal Brasil Ji-ho da colônia japonesa no Brasil com data de 14 de novembro de 1919, notícia em matéria, que na data de 31 de outubro de 1919, comemorando o “Dia do Imperador”, realizou-se uma demonstração de To-De (Karate) em Campo Grande Mato Grosso.

Os relatos de Handa (1987) afirma que muitos dos imigrantes de Okinawa que fugiram das fazendas de café, participaram da construção da ferrovia entre São Paulo e Campo Grande, iniciada em 1909, sendo que no final da construção se estabeleceu na cidade mato grossense, onde foi um reduto de okinawanos no Brasil.

Conforme relatos do Mestre Masahiro Shinzato (2020) em sua live sobre o início do Karate no Brasil, com a chegada da família Shinzato em 1954 em Santos SP, seu pai, Mestre Yoshihide Shinzato introduz o estilo Shorin Ryu no Brasil, podemos ter uma ideia de como o Karate era praticado nas fazendas e colônias de japoneses no Brasil.

Segundo os relatos do Mestre Masahiro Shinzato, ele via seu pai e seu tio treinando esporadicamente o Karate após o horário de trabalho ao ar livre na fazenda. Se treinava com qualquer roupa confortável, não havia luz elétrica, e a presença de insetos impedia treinamentos prolongados, assim, as aulas de Karate eram ministradas somente para as pessoas da família e poucos amigos próximos. Somente

em 1962, após oito anos de permanência no Brasil Mestre Yoshihide Shinzato decide abrir a sua academia em Santos.

Com esse depoimento, podemos ter uma noção de como o *To-De* (Karate) era praticado nas colônias japonesas no Brasil até 1954, quando foi inaugurada a primeira academia/escola de Karate Moderno (Japonês) no Brasil.

Segundo Bartolo (2014), em 1955, Mitsusuke Harada, recém formado em economia pela Universidade de Waseda, chega ao Brasil para trabalhar no Banco América do Sul - portador do 5º Dan de Karate, no mesmo ano abre em São Paulo na Rua Quintino Bocaiúva 255, a primeira academia oficial de Karate no Brasil, com o intuito de atrair alunos e divulgar o Karate como arte marcial para os Brasileiros; após isso outros professores vieram do Japão, alguns com o intuito de ensinar Karate no Brasil abrindo novas academias como Seiichi Akamine (1959), Juichi Sagara (1959) e Yoshihide Shinzato (1962) outros, vieram para trabalhar em outros setores e aderiram ao ensino do Karate pois tinham graduações elevadas na modalidade e após a insistência de pessoas interessadas abriram as suas escolas - dentre esses mestres destacamos: Koji Takamatsu (1956) Yasutaka Tanaka (1962); Sadamu Uriu (1962).

Durante os anos 60 e 70 do século XX, outros japoneses vieram ao Brasil, alguns com o objetivo de ensinar Karate e outros para trabalhar em suas profissões e acabaram tendo convites para ensinar Karate no qual fizeram da arte a sua profissão. Por exemplo Yoshizo Machida, que chega ao Brasil em 1968, para trabalhar como engenheiro do governo japonês em obras da colônia japonesa no Pará; após um ano de trabalho como engenheiro larga a engenharia e decide dar aulas de Karate na cidade de Belém do Pará, onde vive e ensina Karate até hoje (BARTOLO, 2014).

A conclusão que podemos chegar através dos relatos acima, é que alguns professores chegaram ao Brasil com o intuito de ensinar o Karate, visto que no Japão a concorrência com outros professores era maior, e assim poderiam se estabelecer em um país onde seriam os pioneiros da arte - já outros professores vieram com o intuito de exercer suas profissões, como economista, engenheiro ou agrônomo, mas em virtude da popularidade e aceitação que o Karate estava tendo no Brasil, decidiram deixar de ser apenas praticantes e iniciaram o ensino do Karate nas capitais onde existia o interesse e não havia professores, tornando-se pioneiros na massificação do Karate no Brasil.

Dessa maneira podemos estabelecer pelas evidências até aqui coletadas nas fontes de pesquisa, uma linha do tempo da história do Karate no Brasil, dividindo em duas partes:

A história do Karate no Brasil: entre 1908 e 1953; que corresponde a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil, em especial os okinawanos e a prática do Karate limitada às colônias japonesas e aos poucos brasileiros interessados - no qual se tem raras informações sobre esse período. Muitas dessas informações seriam obtidas através dos relatos orais de quem viveu durante o período e permanece vivo.

A história do Karate no Brasil: iniciado em 1954 com a inauguração da primeira escola do Karate no Brasil até os nossos dias, onde se possui referências e documentos, como livros, jornais, revistas, fotos e depoimentos.

Segundo Burke (2003) com esse panorama podemos afirmar que se inicia o estabelecimento de variedade de situações, de reações e de resultados que permitiram a incorporação e aceitação cultural dos elementos do Japão no Brasil, incluindo o Karate. Veremos a seguir essa questão de forma aprofundada, considerando uma análise a partir da História Cultural como os conceitos de Burke (2003).

### 3.6 O INÍCIO E O ESTABELECIMENTO DO KARATE NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL

Considerando as ideias de Burke (2003, p.27), "Práticas híbridas podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures.", e ao relacionar esta afirmação com o contexto do Karate, não podemos afirmar que esta prática, no Brasil, não é uma modalidade "híbrida" como seria também o Kickboxing ou Ju-Jitsu Brasileiro (BJJ)<sup>13</sup>, pois no caso do Karate, sempre se buscou um modelo japonês a ser seguido, um modelo trazido pelos imigrantes japoneses, mas que mantêm uma ligação direta com as escolas, modelos e referências japoneses até os dias de hoje.

---

<sup>13</sup> O Kickboxing surgiu da mistura do Karate com o Boxe nos EUA, e do Karate com o Muay Thai no Japão. Hoje possui características próprias que as diferenciam das modalidades originais que as deu origem. O mesmo acontece com o Ju-Jitsu Brasileiro que surge da adaptação do Ju-Jitsu moderno trazido pelo Conde Koma, hoje o Ju-Jitsu Brasileiro não tem relação com o Ju-Jitsu Tradicional japonês nem com o Ju-Jitsu moderno hoje chamado de Judo.

Se observarmos de forma mais profunda, o próprio Karate já seria uma cultura "híbrida", que surgiu do intercâmbio de Okinawa com vários países onde existiram trocas de técnicas e cultura marcial, principalmente da China e do Sudeste Asiático, que foram se adaptando e readaptando até se tornarem o escopo cultural do que hoje é o Karate, com suas características próprias (MCCARTHY, 1995).

A propagação do Karate no Brasil, iniciada em 1954, se fez por trocas culturais sem a imposição de uma cultura dominante sob uma cultura dominada, pois o brasileiro se submete ao treinamento por vontade própria, no qual poderíamos dizer segundo Burke (2003, p.41-42) "por intermédio da imitação" da cultura japonesa que a cada dia estava se estabelecendo, e partindo dessa idéia vem a "apropriação" dessa cultura incorporando esse modelo estrangeiro no Brasil, seja de forma consciente ou inconsciente.

Outros termos sugeridos por Burke (2003) seriam: "assimilação", "acomodação" e "tradução", que podem ser utilizados para explicar o início do Karate no Brasil - vejamos como cada conceito se relaciona com o Karate.

O conceito de "assimilação cultural" "corresponderia à ideia de uma cultura subordinada adotando as características de uma cultura dominante" (BURKE,2003, p.44), o qual pode ser aplicado à figura do Sensei como um modelo inquestionável do conhecimento do Karate (como veremos mais no quinto capítulo desta dissertação) a quem o aluno se submete a prática do Karate.

Já a "acomodação cultural" é explicada por Burke (2003) referindo-se a necessidade de adaptação da cultura ao público que vai recebê-la, de forma a ser aceitável pelos receptores - essa necessidade de "acomodação" foi percebida por vários mestres ao iniciar o ensino do Karate no Brasil; por exemplo, Shinzato Sensei adapta o seu Karate para o povo brasileiro que busca mais um esporte do que uma atividade guerreira (BARTOLO, 2014). Isso gera posteriormente o que Burke (2010) vai explicar como "adaptação" ou "reapropriação" da cultura.

Por último, conforme Burke (2003), traremos o conceito de "tradução cultural"<sup>14</sup>, que corresponde a tentativa de tradução de determinados conceitos de uma cultura para o entendimento em outra cultura, por exemplo a tradução de vários

---

<sup>14</sup> Esse conceito será o principal utilizado nesta dissertação, e sua metodologia apresentada por Burke (2009) será aplicada no capítulo cinco.

conceitos ligados diretamente ao Karate, como o conceito de Kime (決め), que pode ser traduzido no Karate como “foco” ou tensão muscular correta no instante do impacto do golpe; porém no Judô é traduzido como “decisão” na hora da luta.

Continuando o raciocínio de Burke (2003), o problema da tradução cultural é que esta tradução pode levar a erros conceituais graves, principalmente, em casos como acima, onde o doador (os mestres japoneses) pode dar traduções diferentes de um mesmo conceito na língua portuguesa. Assim sendo, para os doadores da cultura qualquer tradução é um erro, ou algo impreciso, enquanto para os receptores é possível fazer ajustes da tradução.

Burke (2003) considera a existência de consequências durante as trocas culturais, sendo algumas vezes a rejeição da cultura, em outros casos a aceitação que leva a adaptação, como foi o Karate no Brasil e hoje a Capoeira no Japão, que segundo a Federação Mundial de Capoeira (2021) já existem capoeirista japoneses competindo internacionalmente<sup>15</sup>.

A primeira forma de reação que iremos tratar, segundo Burke (2003, p.77) será a “moda de tudo o que é estrangeiro” - exemplo mais concreto é o que já foi citado nesse capítulo sobre a Era Meiji (1868 - 1912) e o processo de ocidentalização do Japão, que mesmo com focos de resistência, a moda dos hábitos e costumes ocidentais influenciou os japoneses. O mesmo aconteceu no Brasil, ao se apropriar da cultura japonesa, como a culinária e as artes marciais - nos anos 1960 e 1970 o Karate era novidade e moda, hoje temos um grande número de restaurantes de Sushi ou culinária japonesa.

Seguindo as ideias de Burke (2003), a “adaptação” cultural seria uma reação comum entre os encontros culturais, que permite incorporar partes de uma estrutura tradicional em um novo contexto onde essa cultura é aceita. Nesse caso seria uma desconstrução e uma reconstrução, retirando um item de seu local original e modificando-o para se encaixar no novo contexto que se encontra.

No Karate esse processo de adaptação foi essencial, para ser inserido no Brasil, porém nem toda a adaptação foi bem sucedida, principalmente pela barreira linguística dos primeiros Mestres. Muitos Mestres de Karate não sabiam falar

---

<sup>15</sup> Atualmente, segundo a Federação Mundial de Capoeira ([www.capoeiraws.com/lang.pt.](http://www.capoeiraws.com/lang.pt.)), três japoneses são campeões mundiais de Capoeira em categorias de pesos diferentes na modalidade de apresentação solo.

português e ensinavam seus alunos que repetiam as lições por imitação; esses alunos com o passar do tempo se tornaram os primeiros brasileiros a ensinar Karate e o mesmo modelo de ensino foi reproduzido o que levou a uma série de problemas em relação ao ensino do Karate no Brasil que persiste até hoje (BREDA et al. 2010; DEL VECCHIO e FRANCHINI, 2012).

Um desses problemas seria a falta de racionalização e de bases pedagógicas existem até os dias de hoje, pois muitos professores ainda reproduzem por gerações uma série de práticas que não possuem relações com as lutas, incluindo o Karate, e dizem se tratar de métodos tradicionais, muito mais voltados para reproduzir um sistema fechado, militarista e hierárquico do que uma aula de lutas ou artes marciais (BREDA et al, 2010).

Muitos desses métodos militaristas e hierárquicos foram trazidos ao Brasil pelos mestres que vieram do Japão no pós-guerra com o intuito de ensinar Karate, muitos vindo de um Japão devastado pela Segunda Guerra Mundial.

Considerando todo esse processo de aculturação do Karate no Brasil, podemos dizer que a partir desse cenário, estabelece uma nova “cultura” e inicia uma nova “tradição” no país, nesse caso o “Karate no Brasil”. Para compreender como e o que seria esse “Karate no Brasil” como tradição e cultura (traduzida, apropriada e adaptada), dedicamos o próximo capítulo.

#### 4 O KARATE COMO CULTURA E TRADIÇÃO

Para compreendermos o que seria “cultura do Karatê”, primeiramente teremos que entender o significado de cultura e determinar um conceito que contemple os referenciais teórico-metodológicos dessa pesquisa, ou seja, o conceito de cultura na História Cultural.

Taylor (1920), na obra 'Primitive Culture', significou o termo cultura como “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, o que tornou bastante popular essa definição, pois ela abrange um escopo muito grande de possibilidades de estudos, e de construção cultural e que torna amplo e diversificado. Isto permitiu que outros conceitos surgissem. Para este estudo, o conceito de cultura utilizado segue o pensamento de Geertz (2008, p.66), o qual define que cultura da seguinte maneira:

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e sua atividade em relação à vida. (Geertz 2008, p.66).

Para além deste, Geertz acrescenta outro significado para a cultura, e adota o método de pesquisa semiótica para desenvolvê-lo, no qual faz a interpretação dos símbolos e seus significados, suas referências, sentidos, usos, percepções, particularidades, tanto no real como no imaginário dos indivíduos inseridos em um nicho cultural específico e forma modelos culturais bem definidos (GEERTZ, 2008).

Nesse caso para Geertz (2008), o símbolo pode ter múltiplas definições e significados, como convenções de um tipo específicos, sinais que predizem algo que poderá ou não acontecer, referências a algo ou alguém. Seguindo o raciocínio de Geertz, o símbolo é algo que possui algum vínculo de concepção e a concepção é o significado do símbolo. Dessa forma, os padrões culturais são conjuntos que formam modelos simbólicos, fazendo com que os indivíduos modelam as relações entre os entes e os indivíduos envolvidos.

Por essas razões, aplicar a definição da cultura pela semiótica como sugere Geertz permite a esta pesquisa uma ferramenta mais sofisticada para a investigação e um refinamento tanto metodológico para a pesquisa de forma que ela se torne sólida e consistente, diferentemente de Taylor (1920) que poderia nos levar a um relativismo conceitual e metodológico.

Dessa forma as artes marciais, possuem além de uma cultura própria os seus símbolos universais e também símbolos particulares que estabelecem as relações entre mestres e discípulos, entre os pares de um mesmo grupo, assim como diferenciações entre grupos distintos - porém símbolos específicos de um determinado grupo no qual possui um significado coletivo, permite formar uma coesão de indivíduos em torno de uma mesma prática, muitas vezes com um caráter de reverência ou até mesmo de sagrado (GEERTZ, 2008).

Os argumentos de Geertz permite-nos deduzir que pelo símbolo do sagrado, como os ritos das artes marciais, permite um conjunto de disposições, rituais, tendências, ideologias, motivações e práticas formando perfis de atitudes morais e mentais de determinado grupo em específico no qual é possível em alguns casos perceber o envolvimento do indivíduo em uma determinada cultura marcial.

Seguindo a linha de raciocínio, as religiões e as artes marciais possuem uma convergência muito próxima em suas simbologias, a partir da concepção de Geertz (2008, p.67) sobre as religiões:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2008, p.67).

Nesse caso, a experiência religiosa assim com a experiência nas artes marciais além de fundamentada nos símbolos, corresponde também à aceitação de uma autoridade (GEERTZ, 2008), nesse caso na figura do Sensei como autoridade máxima do Karate (LOWRY, 2012) podendo hoje ser chamado de mestre, professor ou técnico/treinador, seja ele por uma das três formas de "imagem e autoridade" existentes nessa relação: a) pela via tradicional - que corresponde quando o mestre lhe dá autorização para ensinar; b) pela via carismática - quando as pessoas de forma espontânea lhe pedem para serem ensinadas ; ou c) pela via legal e racional - através da certificação ou cursos que de habilitam para dar aulas (FERNANDEZ, 1991).

O raciocínio acima nos permite concluir que a mesma relação se faz com a outra parte desta relação, nesse caso, o subordinado a autoridade, seja o discípulo, o aluno ou o atleta, pois estes permitem a existência da autoridade, caso esta autoridade existe sem seguidores ela perde a sua força e significado e com isso desaparece. Por isso muitos estilos e práticas das lutas ancestrais se perderam no tempo, ou foram modificadas, readaptadas e ressignificadas para que determinada "cultura marcial" se mantivesse viva como "tradição".

Com isso, permite continuar discursos de ortodoxia e dogmatismo de muitos sistemas marciais (em especial no oriente), que mantêm as suas tradições intocáveis e inquestionáveis, passando este conhecimento de geração em geração, somente a poucos escolhidos que se mostram aptos a se submeter aos dogmas, suas crenças, significados e símbolos; por exemplo, como nos conta Reid e Croucher (2003) sobre a existência no Japão da escola de lutas chamada Tenshin Shoden Katori Shinto Ryu, fundada em 1447 e que mantêm até hoje como tradição o seu sistema de ensino e prática da modalidade; segundo Reid e Croucher (2003) o mesmo fenômeno do dogmatismo das tradições marciais acontece em outras partes do mundo em outras escolas e sistemas de lutas marciais.

Segundo Lowry (2012), podemos exemplificar alguns símbolos que formam a cultura das artes marciais como a figura do Sensei, o kimono, a faixa preta, o tatame, o Dojo, as regras de etiqueta e reverência, entres tantos outros símbolos que explicitam esse universo com as suas motivações, concepções metafísicas, visões de mundo particulares e coletivas dos indivíduos que forma a população adepta das artes marciais; isso permite a estudos como o de Lowry (2012) que tentam traduzir e explicar para nós ocidentais os significados dos símbolos culturais existentes nas artes marciais do oriente, porém explicar cada elemento da cultura do Karate e seus significados originais e como o ocidente a interpreta seria tema para uma outra pesquisa, porém iremos tratar desse tema de forma sintética para ilustrar essa diferença.

Segundo Enkamp (2021), podemos afirmar aqui é que existe duas culturas distintas do Karate, uma do Karate de Okinawa e outra do Karate do Japão - e considerando a presença tanto de okinawanos como de japoneses no Brasil, percebemos que ambas culturas estão presentes no país, sendo que a cultura do Karate de Okinawa chega em 1908 com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil,

já a cultura do Karate do Japão chega em 1954 com a abertura da primeira escola de Karate em São Paulo.

Veremos agora algumas diferenças culturais do Karate de Opinava e do Japão, pois como já dito, ambas “versões do Karate” estão presentes no Brasil entre as práticas da LAMEC mais significativas que temos. Por isso, quatro elementos culturais do Karate foram escolhidos por representarem no *ethos* do Karate importância significativa para os karatekas desde o início de suas práticas: a) vestimenta, b) sistema de graduações, c) local de treinamento; c) divisão de escolas e estilos, e d) a figura do Sensei. A escolha desses elementos se configura em razão destes estarem presentes em todas as escolas de Karate no mundo.

A vestimenta: segundo Lowry (2012), a visão ocidental da roupa tradicional dos japoneses é o que chamamos de "*kimono*" - porém o *kimono* é uma roupa feminina de seda, cheia de bordados de flores feitos a mão - as roupas masculinas eram os *wagui* ou jaquetas e os *hakama* saia masculina, muito comum vê-las em filmes de Samurais; porém, a maioria das pessoas do Japão antigo andavam nuas ou quase nuas, principalmente os mais pobres e aqueles que exerciam serviços braçais que no máximo usavam uma tanga tapando os genitais.

Porém, somente no final do século XIX e início do século XX com a criação das artes marciais modernas do Japão, que o *keiko-gui*, ou uniforme de treino, foi criado, por Jigoro Kano para o Judô inspiradas na vestimenta dos "*yakkos*" ou serviçais dos Samurais, outras hipóteses são que o *keiko-gui* foi inspirado nas vestes dos bombeiros da época ou no "*happy*" roupa colorida que os homens usam nos festivais comemorativos do Japão (LOWRY, 2012). Independente da origem, o modelo foi adotado no Judô e permanece até hoje.

No caso do Karate em Okinawa é diferente, os praticantes treinavam com roupas comuns, e no verão por Okinawa se tratar de uma ilha tropical, se treinava ao ar livre ou nas praias usando somente tangas (LOWRY, 2012).

O Karate chega a Tóquio em 1922 e inicialmente era praticado como em Okinawa, com uma roupa comum ou adequada ao exercício físico, mas a tradição marcial japonesa do *Bujutsu/Budo* e seu código de conduta o *Bushido* considerava deslegante a postura dos okinawanos em relação às Artes Marciais. Considerando isso e com o objetivo de desenvolver o ensino do Karate no Japão, Funakoshi Gichin

adota o *keiko-gui* igual ao do Judo para que o Karate fosse aceito e adequado ao padrão Japonês (LOWRY, 2012).

Segundo Lowry (2012), o *keiko-gui* branco não representa a pureza, simplicidade e uma alma humilde como muitos divulgam, mas sim por ser a cor natural do algodão, não necessitando tingimento e por isso se torna mais barato, e combina com os valores e necessidades das artes marciais do *Budo*, por isso no Karate do Japão não se tem a necessidade de usar outras cores - já em Okinawa, alguns Mestres que também praticam o *Kobudo* usam a jaqueta na cor preta.

Sobre o sistema de graduações no Japão tradicionalmente não existia, os alunos praticavam por anos com um Mestre e quando este achava que já havia ensinado tudo lhe entregava um diploma escrito à mão certificando o aluno que já havia dominado com maestria, e conhecia as técnicas secretas da arte e autorizando-o a abrir a sua escola de lutas - isso é chamado de *Menkyo*, e apenas dois ou três alunos por escola o recebiam - algumas outras escolas emitem certificação tipo *Menkyo* para os alunos ao completarem cinco anos, dez anos e quinze anos de prática (LOWRY, 2012; REID e CROUCHER, 2003).

Esse sistema foi modificado por Jigoro Kano em 1883, no qual outorgou a faixa preta para seus alunos mais antigos, separando-os dos alunos novos e permitindo que os novatos fizessem a iniciação no Judo e os antigos os treinos avançados. Esses sistemas de graduações foram aperfeiçoados criando o sistema conhecido como *dan-i* e separa os alunos em *yudansha* ou graus inferiores, e *kodansha* graus superiores, sendo dividido o sistema em dez níveis inferiores na faixa branca e dez níveis superiores a partir da faixa preta - o modelo atual de faixas, feitas de algodão com várias costuras só foi criado e adotado em 1907 (LOWRY, 2012).

As informações de Lowry (2012) dizem que o judoka Miconosuke Kawashi em 1929 foi ensinar Judô nos EUA, e em 1936 em Paris, era um inovador para apresentar o Judô aos não japoneses e criou um sistema de faixas coloridas para dividir os alunos conforme o tempo de aprendizado e permitir que em cada nível novo o aluno tenha um conteúdo de treinamento diferenciado. A ideia pegou e logo se espalhou em toda a Europa e EUA. Assim sendo, não existem explicações filosóficas em relação às cores das faixas como muitos ensinam, por exemplo, que a faixa branca é pureza e a faixa amarela é luz e assim sucessivamente.

O mesmo aconteceu com o Karate, em Okinawa não existe o sistema de graduações, os alunos permaneciam por toda a vida com seus Mestres, mesmo quando estavam ensinando para outros, mantinham contato eles. Em 1928, Gichin Funakoshi dá a faixa preta aos seus alunos mais antigos e adota do sistema *dan-i*, no qual todas as escolas de Karate no Japão Continental<sup>16</sup> são encorajadas a adotar esse sistema (LOWRY, 2012). Os professores de Karate, atualmente, no mundo todo usam o sistema *dan-i*, incluindo as escolas de Okinawa - algumas escolas de Karate após o nível de 5º *dan* de Karate utilizam a faixa vermelha e branca e os mais graduados de nível de 9º e 10º *dan* a faixa vermelha como no Judo.

O local de treinamento se difere muito na cultura do Japão e de Okinawa. Conforme Reid e Croucher (2003) em Okinawa o Karate é ensinado na casa do Mestre, geralmente no pátio, no *Dojo* particular (sala de treino) ou em lugares remotos como praias, bosques e montanhas, geralmente à noite ou ao amanhecer.

O próprio Mestre Funakoshi em seu livro “Karate-Do. Meu modo de vida.” relata a sua experiência de treinamento com o Mestre Azato, seu professor.

Noite após noite, frequentemente no pátio da casa dos Azato, sob a observação do mestre, eu praticava um kata (“exercício formal”) repetidas vezes, semana após semana, às vezes mês após mês, até tê-lo dominado completamente para satisfação do meu professor. Essa repetição constante de um único kata era estafante, muitas vezes exasperante e ocasionalmente humilhante. Mais de uma vez tive de lamber o pó no assoalho do dojô ou no pátio de Azato. Mas a prática era rígida, e nunca era autorizado a passar a outro kata sem que Azato estivesse convencido de que eu tinha compreendido bem o que estivera exercitando. (FUNAKOSHI, 2000, p.15)

No Japão o local de treinamento das artes marciais eram diferentes dos locais de prática de Okinawa, e podemos dizer que nas antigas artes do *Bujutsu*, as lutas eram praticadas tanto nos *Dojo* (sala de treino) quanto ao ar livre, em especial nos terrenos de guerra, pois os guerreiros deveriam estar adaptados a qualquer tipo de combate; porém nas artes modernas do *Budo*, como o Judo ou Kendo, as aulas e treinamentos se limitaram ao espaço do *Dojo* moderno com o chão de tatame ou madeira (LOWRY, 2012).

---

<sup>16</sup> Japão continental é um termo utilizado para designar as quatro grandes ilhas, Honshu, Kyoshu, Shikoku e Hokkaido das outras ilhas menores como as 150 ilhas da província de Okinawa.

Esses *Dojos* tradicionais japoneses, conforme o relato de Lowry (2012), eram lugares onde era exigido uma série de procedimentos e práticas de rituais de etiqueta, regrados e padronizados conforme o costume do local, eram parte da etiqueta e cultura guerreira do Japão. Cada parte do *Dojo* tinha um significado e pertencia a algum posto hierárquico entre os alunos, instrutores e o Mestre. Por exemplo, jamais é permitido um aluno iniciante sentar-se à esquerda do Mestre, local destinado aos alunos mais antigos.

Quanto ao treinamento era sempre exigido o máximo de cada aluno, nunca menos que isso, desculpas não eram aceitas para diminuir o rigor do treinamento, o combate era muito mais voltado para a superação dos nossos limites do que a superação de colegas ou adversários. Nesse caso, em um *Dojo* tradicional nunca ninguém vai se sentir à vontade, mas sim pressionado, e fora da sua zona de conforto, sempre desafiado a enfrentar algo a fim de superar-se.

Nos *Dojo* mais modernos do início do século XX, podemos ver outra característica que diferencia dos modelos tradicionais de Okinawa e do Japão, que foi o modelo de ginásio esportivo, onde incluiu-se atividades e características atléticas devido a esportivização e especialização dos praticantes para o esporte competitivo, perdendo muitos elementos da tradição marcial (LOWRY, 2012)

No filme “Karate-Kid - A hora da verdade” podemos ver a diferenciação entre o treinamento de Okinawa e no Japão através da analogia das escolas rivais da história do filme. De um lado o Cobra Kai, com uma sala repleta de alunos, e de outro o Miyagui-Do onde o Sr. Miyagui ensinava a Daniel em sua casa ou ao ar livre. Essa também é uma diferença crucial, pois em Okinawa o ensino era limitado a poucos alunos e membros da família (FUNAKOSHI, 2000), já no Japão o *Dojo* é um local onde se tinha vários alunos que rivalizavam com outras escolas, seguindo atualmente um modelo corporativo e comercial de ensino (BARTOLO, 2014)

Por último iremos falar da divisão de escolas dentro do Karate. Em Okinawa não existia divisão dos *Ryu* que seriam escolas como era nas artes marciais do Japão, o que causava um espírito de rivalidade e inimizade entre os *Ryu*. O *Tode* (Karate) era regionalizado em três estilos de lutas delimitados pelo local de origem, que seriam as vilas de Naha, Tomari e Shuri, cada um com as suas características próprias (REID e CROUCHER, 2003; BARTOLO, 2014; MCCARTHY, 1995).

O próprio Mestre Funakoshi Gichin (2000), a respeito do assunto, comenta que seus Mestres tinham um espírito de amizade em relação a outros Mestres e permitiam a transmissão e troca de informações e conhecimentos entre si e entre seus alunos, por isso não existia um padrão de *Tode* (Karate), onde cada praticante conforme adquire experiência criava a sua maneira particular de treinar.

Segundo Funakoshi (2000,p.21) tanto Azato como seu bom amigo Itosu compartilhavam pelo menos uma qualidade de grandeza:

[...] não tinham a mínima inveja de outros mestres. Eles me apresentavam aos professores de seu círculo de conhecidos, incentivando-me a aprender de cada um a técnica em que esse se sobressaía. Em minha experiência, os instrutores de karatê quase sempre relutam em permitir que seus alunos estudem com instrutores de outras escolas, mas isto estava longe de ser verdade com relação a Azato e Itosu. (FUNAKOSHI, 2000, p.21).

Esse tipo de intercâmbio entre os mestres foi interrompido quando o *Tode* (Karate) chega a Tóquio, através de pressões políticas da Dai Nippon *Butokukai*, o órgão responsável pela organização das lutas e artes marciais no Japão, que exigia que cada Mestre criasse o seu estilo e a sua linhagem, onde cada Mestre iria concorrer com o outro defendendo não o nome do Karate, mas da sua escola. Isso tornaria os Mestres de Okinawa concorrentes entre si, dificultando o desenvolvimento de uma arte estrangeira no Japão (BARTOLO,2014; ENKAMP, 2020).

Karate em Okinawa era ensinado de maneira informal. Os alunos eram designados para aprender o "*tokui kata*" (Kata particular) a critério do instrutor. Não existia nenhum sistema de classificação, portanto, não havia critérios estabelecidos para o avanço. Os alunos eram *senpai* (sênior) ou *kohai* (júnior). Nenhum uniforme reconhecível (gi) foi usado. O Karate era indiscriminadamente referido como Te, Bu (artes marciais) ou *Tode*. Esse individualismo era estranho ao conceito japonês de *Wa* (和 - harmonia). As artes marciais japonesas foram estruturadas em torno do sistema *Ryû-Ha* propagado pela Dai Nippon Butokukai. A *Ryû-Ha* incluía uma continuidade histórica, transmissão metodológica e estilo pedagógico (MOTTERN, 2001, p.235; apud JOHNSON, 2012, p.66).

Segundo Frosi e Mazo (2011 p.305), o *Tode* (Karate) não era uma arte da cultura japonesa e por isso precisou ser modificada, padronizada, e seu escopo teórico e prático registrado, por isso, o *Tode* ( Karate) passa a se adaptar para essas normativas, como já dito, no uso do *Keiko Gi* branco, a mudança do nome *Tode* para

Karate, o sistema de graduações *Dan-I*, o modelo de divisão de escolas e estilos entre outros pontos que vieram modificar até mesmo limitar o Karate.

Outros pontos relevantes que os japoneses mudam em relação à Okinawa é a modificação em relação ao pensamento, enquanto em Okinawa o pensamento é fundamentado no Taoísmo, Budismo e Confucionismo os japoneses mudam esse pensamento apropriando-os e transformando-os para o Bushido (FROSI e MAZO, 2011; COSTA, 2019) como base da ética e da metafísica que guia o “novo” Karate, assim como, a ligação do Karate com a identidade nacional japonesa na figura do Samurai que em Okinawa é inexistente. Segundo Frosi e Mazo (2011, p.305):

Em contrapartida, o Karate-Dō foi muito influenciado pelo espírito Samurai, um fenômeno tipicamente japonês, pois, como dito anteriormente, nasce a partir do ingresso no sistema Butokukai. Portanto, é uma arte que pretende estar ligada aos mesmos preceitos de outras formas de Budō japonês, onde o principal objetivo é construir um indivíduo útil para a sociedade, remetendos-nos à produção de corpos dóceis [...] (FROSI, MAZO, 2011, P.305)

Com esse panorama cultural tão significativo é perceptível a diferença do Karate de Okinawa e do Japão, e vemos a existência de duas tradições distintas do Karate como já dito, e assim afirmar que temos duas tradições, o Karate de Okinawa e o Karate do Japão.

Mas nem todas as tradições que temos correspondem a uma história que nos remete ao passado longínquo, pois segundo Hobsbawm (2008) muitas das tradições que acreditamos que são antigas, na verdade são bastantes recentes, ou foram inventadas.

No caso do Karate, entendemos que ele foi inventado e reinventado como tradição, primeiro em Okinawa e depois no Japão. Porém, o que difere as duas tradições é que em Okinawa mesmo que inventado o Karate surge através de regras tácitas, por um conjunto de práticas abertamente aceitas que vincula valores, e normas éticas de conduta no qual se estabelece uma continuidade com o passado (basta ver a árvore genealógica das escolas de Karate); já no Japão a tradição do Karate é inventada por meio de uma institucionalização e formalização padronizada, que em pouco tempo se estabelece amplamente, mesmo que se tenha uma referência com o passado histórico (HOBSEBWM, 2008) que não é o do Japão.

Seguindo esse raciocínio, de acordo com Hobsbawm (2008), a invenção de uma tradição remete ao objetivo de invariabilidade do objeto, impondo práticas fixas,

formalizadas e padronizadas, porém, isso não impede inovações, adaptações e modificações se desejadas para adaptar a tradição e permitir a continuidade desta.

A grosso modo, nenhum fato histórico se iguala a Era Meiji (1866-1912) no sentido de uma total reinvenção de uma sociedade e cultura como foi no Japão, mas para isso ter ocorrido os japoneses utilizaram elementos antigos para inventar novas tradições como foi a transformação das artes da guerra (Bujutsu) nas artes marciais modernas do Japão (Budo), no qual Hobsbawm (2008), explica que no Japão em especial no final do século XIX muitas tradições foram inventadas e institucionalizadas com o propósito de promover a identidade nacional, Vamos aprofundar a questão comparando as duas “tradições” marciais.

Considerando o Karate de Okinawa, vamos iniciar com a formação do povo e do Reino Ryukyu (onde encontra-se Okinawa), que até hoje é um mistério. Segundo fontes como Sakima (2000) e McCarthy (1995), a formação desse povo é ligada a miscigenação de várias etnias que migraram para a ilha, como chineses, tailandeses, coreanos, filipinos e mongóis, sendo alguns japoneses os últimos a entrarem na ilha. Até o século XIV, este era um local disputado por guerras civis entre pequenos reinos formados por clãs e aldeias. Somente no século XV com a unificação do Reino Ryukyu é que se estabeleceu acordo comercial e cultural com a China, o que permitiu a apropriação da cultura chinesa em diversos aspectos como escrita, filosofia, arte, política, tecnologia, medicina entre outros.

Conforme Sakima (2000), no século XV Okinawa havia feito acordos comerciais com a China, Japão, Índia, Tailândia, Sumatra, Java, Patane, Coréia e Malaca (Malásia) onde situava o maior centro comercial do oriente, no qual além dos comerciantes orientais, encontravam-se comerciantes e representantes mulçumanos árabes, turcos, egípcios, e cristãos abissínios e armênios - para esse feito os Okinawa tinham 44 embaixadas nos países do oriente e produziram os melhores navios, treinaram os melhores navegadores e comerciantes de toda a Ásia para tal feito, e dessa forma puderam garantir a sobrevivência do Reino Ryukyu, pois suas ilhas possuem pouco espaço para o cultivo de alimentos, sendo a pesca e o cultivo de verduras e legumes a maior fonte de alimento, e os lucros do comércio sua fonte de riqueza.

Enkamp (2020) em sua pesquisa documentada na série de vídeos “Karate Nerd in China - Discovery the Roots of Karate” fala do intercâmbio e Okinawa com

outros povos asiáticos, nesse caso podemos afirmar uma relação do Karate com outras modalidades de artes marciais do oriente, como o *Chuanfa* chinês (拳法 *Kung-fu* ou *Kempo*); em outros vídeos Enkamp (2020), mostra as semelhanças do Karate com o *Muay Thay* e o *Kali* das Filipinas - assim, concordando com Enkamp (2020) e McCarthy (1995) que o Tode ou Karate de Okinawa seria um conjunto de técnicas de vários estilos de lutas do oriente em especial o *Chuanfa* (*Kung Fu / Kempo*) com suas variações das regiões litorâneas onde havia o contato de seus povos com os okinawanos.

Essas trocas culturais entre okinawanos e outros povos era realizada pelas comitivas de comércio que eram formadas por duas figuras sociais de Okinawa: 1) o *Aijin*, que eram nobres que realizavam as transações comerciais; 2) os *Peichin* ou guerreiros, que acompanhavam as comitivas como seguranças tanto das embarcações como dos nobres (MCCARTHY, 1995; SHINZATO, Y. 2011)

Foram os *Peichin* que levaram muitas técnicas de luta desarmada que aprenderam em outros países para Okinawa, pois o grande motivo da necessidade da criação do *Tode* (Karate) foi que no século XII quando o Reino *Ryukyu* foi unificado pela primeira vez, as armas foram proibidas e apreendidas, sendo as únicas alternativas a luta sem armas (*Tode/ Karate*) e a luta com armas adaptadas (Okinawa *Kobudo*) que utilizava ferramentas agrícolas e de pesca como armas, remos, bastões, lanças de pesca, correntes, foices entre outras que já eram usadas como técnica de luta na china e em outros países, pois passava despercebida pelas autoridades (MCCARTHY, 1995).

Algumas referências como de Fozi e Mazo (2011), discordam dessas fontes e consideram o contrário, que através do processo multicultural da formação do povo de Okinawa teve a formação do *Tode* (Karate) e o uso de ferramentas agrícolas e de pesca como armas, devido a necessidade da classe dos "*Heimin*" ou camponeses de se oporem aos abusos dos *Peichin* mediante a cobrança de impostos; nesse caso, segundo Frosi e Mazo (2011), como penalidade dos *Peichin* a casa e a propriedade dos camponeses era queimada.

Independentemente da versão que poderíamos considerar como correta para a origem do *Tode* (Karate) e do *Kobudo*<sup>17</sup> em Okinawa, podemos ver que em ambas as versões, considerando os conceitos de Burke (2003) sobre a apropriação e adaptação cultural, veremos que o *Tode* (Karate) em Okinawa surge de uma necessidade que exige a apropriação e a adaptação de elementos para formar uma cultura guerreira de sobrevivência, por meio de defesa sem o uso de armas ou com a adaptação de ferramentas para o uso bélico que foi feito pelo povo de Okinawa no século XV.

Dessa apropriação cultural, surgiu a tradição do *Tode* (Karate), que foi desenvolvida em toda Okinawa passando de geração em geração, em especial de pai para filho, com exceção de poucos alunos que fossem fora do círculo familiar (FUNAKOSHI, 2000).

Assim sendo, cada família tinha o seu próprio *Tode* (Karate), de acordo com as experiências adquiridas e acumuladas como treinamento e intercâmbio com outros praticantes e até com outros países. O motivo do segredo era que em Okinawa houve a proibição do uso de armas primeiramente pela dinastia Sho no século XV, e a luta também era proibida, limitando sua prática somente para os *Peichin*; a segunda proibição foi quando o Clã Satsuma do Japão invade e domina Okinawa (FROZI e MAZO, 2011).

Se analisarmos mais a fundo e segundo os registros históricos do *Tode* (Karate), segundo McCarthy (1995), podemos ver que a genealogia do *Tode* (Karate) segue uma sequência de personagens ligados à classe dos *Peichin*. Entretanto, temos os registros desde o Século XVII, com Chantan Yara (1668-1756), *Peichin* Takahara (1683-1760), Paichin Kanga (1733-1815), Peichin Matsumura (1809-1899), incluindo outras pessoas da nobreza como Anko Itosu (1831-1915), Anko Azato (1827-1906) e seus alunos, também de origem nobre e que se tornaram os mestres fundadores do Karate moderno como Kenwa Mabuni (1889-1952), Funakoshi Guichin (1865 - 1957), Choki Motobu (1870-1944) entre outros.

Foi no século XIX que essa tradição se desenvolveu mais em Okinawa pela presença de um grande número de mestres liderados por Sokon Bushi Matsumura

---

<sup>17</sup> Atualmente existem algumas especulações que o Karate teria surgido das técnicas do Kobudo (古武道 - armas antigas) que seriam executadas sem o uso de armas devido proibição destas. A falta de referências históricas não permite comprovar essa especulação.

(Peichin Matsumura), e novos mestres que disseminaram seus conhecimentos e devido à liberação da prática do Karate, principalmente entre 1890 e 1921, despertando o interesse do público como das autoridades em relação aos benefícios da sua prática, por exemplo, sendo inseridas como método de educação física escolar em 1902 nas escolas públicas de Okinawa e depois a pedido do Imperador o Tode (Karate) chega a Tóquio em 1922 (MCCARTHY, 1995; BARTOLO, 2014; OLIVEIRA, 2020).

Considerando as informações acima podemos ter um esboço da Tradição do Tode (Karate) em Okinawa, que é formada de maneira espontânea entre os okinawanos em especial os *Peichin*, através de trocas culturais que permitiram cada praticante criar a sua maneira de praticar a arte, em especial das tradições marciais vindas da China e que ainda fazem parte da atualmente nas Tradições do Karate em Okinawa, como o *Kata*, o *Bunkai*, o *Hojo Undo* ou exercícios de ginástica e condicionamento físico com pesos e equipamentos, o *Kobudo* ou armas, o *Makiwara* e outros equipamentos de calejamento, a filosofia confucionista entre outros elementos tradicionais que permitem distinguir do Karate Japonês.

Quando o Tode (Karate) chega ao Japão Continental em 1922, não estamos mais na Era Meiji (1868-1912) e sim na Era Taisho (1912-1926) período de forte desenvolvimento do pensamento nacionalista japonês. Devido a esse panorama, inventa-se uma nova tradição, pelo processo de apropriação, adaptação e tradução cultural da arte de Okinawa no novo território. Nesse caso, segundo Johnson (2012), nos diz que o Karate de Okinawa foi “japonezado”, ou seja, modificado durante a sua transição de Okinawa para o Japão, e os diferentes contextos sociais implicam diretamente em mudanças culturais significativas, principalmente por criar um imaginário referente a tradições ligadas ao Karate que são inexistentes em Okinawa, ou seja, considera-se o Karate japonês como uma Tradição Inventada e, como conceitua Hobsbawm (2008), pode ser reinventada.

Esse processo foi iniciado pelo Mestre Funakoshi Gichin que implementou o Tode (Karate) em Tóquio. Segundo Stevens (2007) e Funakoshi (2014) em volta de 1934 Funakoshi muda o nome de Tode (Karate 唐手) para Karate (空手) - pois os ideogramas 唐手 são pronunciados em Okinawa como Tode e no Japão Continental é pronunciado como Karate; porém o ideograma 唐 no Japão continental faz

referência à China, e considerando que em 1931 os japoneses invadem a China e controlaram a região da Manchúria seria uma ofensa manter a escrita. Assim por motivos políticos e de ideologia ultranacionalista e imperialista que fazem parte do pensamento japonês, o uso da escrita 唐手 foi considerada inadequada e foi substituído o ideograma 唐 pelo ideograma 空 que também é pronunciado Kara, mas significa vazio, e assim a arte deixa de ser Mãos Chinesas para Mãos Vazias.

Considerando o espírito ultranacionalista e imperialista japonês a filosofia do Karate de Okinawa que era baseada no Confucionismo chinês, foi substituída pelo *Bushido* (Código de Ética dos Samurais) e o Budo (Caminho Cultural Marcial), sendo o início do século XX um período de forte espírito ultranacionalista no Japão em especial contra os russos e os chineses - isso incorpora no Karate a ideologia dominante e insere o "Espírito do Samurai", sendo que em Okinawa, não houve a existência de Samurai, mas sim de *Peichin*, que foram opositores dos Samurais em muitos momentos. Assim, no Japão Continental, foi eliminada qualquer referência do Karate com suas influências estrangeiras e assim se inventa uma tradição baseada nos interesses políticos do Império (MCCARTHY, 1995; BARTOLO, 2014).

No processo de "japonezamento" do Karate, outras adaptações culturais foram acontecendo, algumas por exigência da Dai Nippon Butokukai, e outras mudanças vindas da necessidade dos mestres em se comunicar com os japoneses, como a mudança da nomenclatura técnica do Karate da língua Uchinaguchi de Okinawa para o japonês oficial, como os nomes dos Kata: *Wanshu* para *Empi*, *Kushanku* para *Kanku*, *Naihanchi* para *Tekki*; e, como já dito anteriormente, o uso obrigatório do *Keiko-Gui* (kimono) branco como no Judo, organização do sistema de graduação, formalização dos *Ryu* ou escolas de Karate conforme as características técnicas de cada linhagem, tudo de acordo com o padrão da cultura e da tradição marcial japonesa (MCCARTHY, 1995; JOHNSON, 2012; BARTOLO, 2014).

Muitos movimentos do Karate de Okinawa foram adaptados pela influência das lutas japonesas em especial o Kendo (esgrima); as ciências e a estética ocidental também contribuíram para isso com os estudos da biomecânica iniciados por Nakayama (2004) - isso causou a descaracterização de muitos movimentos e sequências dos *Kata*, basta ver por exemplo o *Kata Seisan* de Okinawa e sua versão

japonesa chamada de *Hangetsu* e assim fazer a arte se parecer mais japonesa e menos okinawana (BARTOLO, 2014).

Essas mudanças permitiram que o Karate fosse aceito em Tóquio e no Japão Continental, mas isso gerou protesto entre muitos mestres de Okinawa que não aceitaram essa adaptação por descaracterizar o Karate e discriminar a cultura de Okinawa - esse problema da discriminação dos *Uchina* (Okinawanos) no restante do Japão ainda é muito forte, pois ainda são vistos como um povo inferior, inculto e são considerados pelos japoneses como *Gaijin*.

O que podemos observar até aqui tanto sobre o Karate de Okinawa como o Karate Japonês, é que Segundo Hobsbawm (2008), o processo de adaptação de uma cultura é necessária quando há uma necessidade de “conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins.” e, esse movimento de adaptação e reinvenção das tradições foi muito comum no século XIX e início do século XX – o que corresponde na história do Japão a uma relação direta com a Era Meiji e seus pressupostos políticos do Imperador Mutsuhito, que era a modernização do Japão nos moldes europeus, a extinção dos Samurais e sua substituição pelo exército moderno, não havendo mais espaço para as artes marciais antigas (BENESCH, 2012), dessa forma, as antigas tradições marciais japonesas se adaptaram e se transformaram em práticas voltadas para a saúde, educação e defesa pessoal, como o *Kenjutsu* (Combate de espadas) em *Kendo* (Esgrima), o *Ju Jitsu* em *Judô*, o *Tode* em *Karate-Do*.

Segundo Nunes (2012) e Hobsbawm (2008): durante toda a Era Meiji (1865-1912) o Japão buscou desenvolver dois segmentos importantes: a) criação e desenvolvimento de uma identidade nacional; b) adaptação ou invenção das suas tradições que viessem a caracterizar o Japão como cultura civilizada. As lutas e artes marciais foram amplamente readaptadas nesse período, como forma de manter as referências às tradições Samurais, segundo Hobsbawm (2008, p.16):

Aliás, o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles “tradicionalistas” ou não, já indica essa ruptura. Tais movimentos, comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo (a não ser, talvez, criando refúgios naturais humanos para aspectos isolados da vida arcaica): estão destinados a se transformarem em tradições inventadas. Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não devem ser

confundidas com a “invenção das tradições”. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. (Hobsbawm, 2008, p.16).

Considerando as ideias de Hobsbawm (2008), o “Karate Moderno” que chega em 1922 em Tóquio, seria uma Tradição Inventada, e pode ser considerada tanto como as tradições construídas de forma tácita ou livremente construídas em uma comunidade, até as tradições construídas pelas instituições que regulamentam essas ações em um determinado período histórico; porém a grande característica de ambas as formas de inventar uma tradição é sua relação ou ligação com o passado.

Por isso, “As práticas tradicionalmente existentes – canções folclóricas, campeonatos de ginástica e de tiro ao alvo – foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais.” (HOBBSAWM, 2008) e, da mesma forma, o Karate quando chega ao Japão passa por essas transformações nas diferenças culturais entre Okinawa e Japão, mas por adequar o Karate ao "espírito Japonês".

Segundo Enkamp (2020 - b) existem muitas diferenças entre o Karate de Okinawa e o Karate japonês, podemos citar algumas como: a) em Okinawa o Karate é desenvolvido com movimentos simples e voltados para eficiência em combate de defesa pessoal, já no Japão a cientifização do Karate pela análise biomecânica e pela influência estética do movimento que caracteriza as tradições marciais japonesas; b) em Okinawa do Karate é conhecido como um “estilo de vida”, uma busca por uma corpo saudável e pela felicidade, realização pessoal, isso difere do Japão, pois a mentalidade do treino é guiada pelo "Espírito do Samurai" onde as atitudes são de total seriedade e os treinos são sempre com o imaginário tenso de uma luta de vida ou morte; c) no Japão o Karate é explicado com conceitos vindos de outras artes como do Judo e Kendo, conceitos que não existem em Okinawa ou que até possuem divergências se comparar as diferenças entre as explicações de Mestres do Japão e de Okinawa.

Um exemplo desse processo de “japonização” do Karate foi o estilo Wado Ryu, criado por Hinori Otsuka (1892-1982) - nascido no Japão inicia aos seis anos o treinamento no Ju Jitsu Shinto Yoshin Ryu e aos 29 anos já havia obtido o mais alto nível de graduação na arte. Em 1922, iniciou o treinamento do Tode (Karate) com Funakoshi Gichin (Shotokan), teve lições de Kenwa Mabuni (Shito Ryu) e Choki

Motobu (Motobu Ryu), e no ano de 1934 funda a sua escola o Wado-Ryu, onde pode fundir o seu conhecimento de Ju Jitsu, Karate e Kendo (esgrima japonesa) em uma só arte, que se caracteriza por bases altas, posturas corporais e estratégias de combate do Kendo, socos e chutes do Karate e técnicas de quedas e imobilizações do Ju Jitsu (MCCARTHY, 1995; REID E CROUCHER, 2003; FROZI E MAZO, 2011; BARTOLO, 2014).

Outro fato importante nesse processo de “japonização” do Karate, foi a esportivização do Karate em 1957 realizada pela Nihon Karate Kyokai, sob o comando de Masatoshi Nakayama (1913 - 1987) no qual criou regras de competições para as modalidades de *Shiai Kata* (competição de demonstrações) e *Shiai Kumite* (competição de luta). Entre os principais motivos para a esportivização do Karate seriam: a) aproximação do Karate com o Judo e Kendo que já eram modalidades competitivas; b) popularização e maior visibilidade da modalidade com a promoção de eventos (BARTOLO, 2014).

Dessa forma, podemos ver que as tradições do Karate Japonês foram criadas a partir de 1922, partindo de ideias imaginárias que não fazem parte da cultura de Okinawa, mas que algumas dessas ideias fazem parte da cultura e da tradição do Japão. Por essas mudanças culturais o Karate foi aceito entre os japoneses e, após a Segunda Guerra Mundial o Karate se globaliza e passa a ser disseminado no mundo, sendo que o modelo da cultura japonesa incorporado no Karate permanece como um dogma em muitas escolas de Karate.

Em 1909, com os primeiros imigrantes, o Tode (Karate) que chega ao Brasil é o da cultura e da tradição de Okinawa com suas características originais, quando vários grandes mestres ainda eram vivos, como Itosu, Arakaki, Higaonna, e seus principais alunos que vieram a fundar as escolas atuais, como Funakoshi, Uechi, Motobu, Mabuni, Miyagi e Chibana já estavam treinando, e por isso se supõe que os primeiros que trouxeram o Karate para o Brasil tinha ligações com estes nomes de Okinawa (BARTOLO, 2014; KOBAYASHI, 2020). A principal questão histórica desse período no Brasil é a escassez de registro e evidências que permitam escrever esta parte da história com os rigores, adequações e metodologia que ela merece (KOBAYASHI, 2020).

Já o Karate japonês e moderno chega em 1954 no Brasil (BARTOLO, 2014), totalmente diferenciado e apropriado e reinventado pelos japoneses, dentro dos

padrões de vestimentas, hierarquia, modelo pedagógico, sistema de graduações e progressões, definição de termos, conceitos, linguagem, científico, biomecânico, como apresentado neste capítulo. Alguns desses Mestres que vieram para o Brasil foram alunos diretos dos grandes fundadores, como Harada Sensei que foi aluno de Funakoshi Guichin, fundador do Shotokan, e Shinzato Sensei que foi aluno de Chibana Choshin fundador do Shorin Ryu (BARTOLO, 2014).

Logo em seguida, na década de 1960, os novos Mestres japoneses que chegam ao Brasil nos trazem o Karate Esportivo dentro dos padrões japoneses de *Budo* (BARTOLO, 2014). Esse modelo japonês, é o que foi difundido em larga escala e que vigora atualmente no Brasil, pois percebe-se que até mesmo as escolas com origem em Okinawa adotaram essa padronização, organizada, formal, hierarquizada e por isso teve grande aceitação do público.

Assim sendo, e considerando o Karate como uma cultura que se formou a partir de trocas culturais, da apropriação e adaptação de vários elementos que permitiu observarmos a existência duas tradições distintas: o Karate de Okinawa e o Karate japonês, sendo que ambas tradições chegam ao Brasil no século XX - a tradição de Okinawa em 1908 e a do Japão em 1954, que foram por necessidade readaptadas no Brasil.

Porém existe um elemento dessa cultura e tradição que permanece presente Karate tanto em Okinawa, Japão e Brasil, que é a figura do Sensei ou Mestre como um elemento central na cultura do Karate pelo significado que ele representa tanto para os alunos, para a comunidade karateka e como responsável pelas decisões que irão ocasionar a manutenção, alteração, construção, desconstrução e difusão do conhecimento dentro de um Dojo.

Etimologicamente a palavra japonesa “Sensei” (先生) significa “Aquele que Nasceu Antes”, ou seja, segundo notas de Bull (2011) na obra de Lowry (2011), a palavra Sensei, não deve ser confundida nem como professor, nem como mestre de Artes Marciais, não tendo equivalente na língua portuguesa para a palavra. No Japão é usada para designar alguém que lidera um *Dojo* (escola) e é digno de todo o respeito, porém não é considerado um modelo de perfeição absoluta, ou idealizada.

Segundo Lowry (2011), o Sensei das escolas tradicionais está muito mais ligado a uma figura de “Liderança e Autoridade”, sendo um modelo técnico marcial e que nunca pode ser confundido com o técnico ou treinador esportivo, muito menos

com um pai, terapeuta, ou guru que possui todas as respostas para a vida dos alunos. O Sensei nem sempre sabe de tudo, possui falhas técnicas e não é um ser infalível e invencível como temos idealizado este estereótipo por influência do cinema americano.

O Sensei é um produto da criação cultural dada a determinadas circunstâncias que criaram o Sensei, em especial alguns aspectos particulares do Japão feudal: a) a criação de comunidades firmemente interligadas, com a necessidade de uma liderança autoritária para a manutenção e coesão dos membros dos grupos formados por clãs; b) a influência da cultura chinesa na escrita, sendo que está escrita era de reprodução lenta e por isso a transmissão do conhecimento foi feita de forma oral por ser o meio mais rápido e direto nas relações de professor e aluno; c) relação entre professor e aluno por meio de ensino individualizado ou com poucos alunos o que permitia ao professor maior dedicação para com os alunos; d) a introdução do Confucionismo no Japão no Sec. IV, que pregava a ordem social e a reverência aos mais velhos, a antiguidade de posto pela idade - isso favoreceu a criação da figura do Sensei (LOWRY, 2011).

Com a influência do ocidente no Japão no final do século XIX, o modelo corporativo influencia muitas escolas marciais do Japão moderno, principalmente no final da Segunda Guerra Mundial, especialmente no quesito de propagação da modalidade/arte com a ida de instrutores japoneses para outros países e também muitos ocidentais iniciam a dar aulas em seus países de origem. Isso significa que o modelo feudal de Sensei é substituído por um grupo de várias pessoas que representam a arte/modalidade através de uma comissão, associação ou federação, que por sua vez designam como os professores irão trabalhar em seus países, estados ou cidades (LOWRY, 2011).

Continuando o raciocínio de Lowry (2011), muitas vezes alguém podem se tornar faixa preta treinando em qualquer local do mundo onde tenhamos acesso a um professor, que possivelmente nunca tenha treinado no Japão ou com um "Sensei", mas com alguém mais antigo que este na modalidade/arte, que não é o modelo ou a referência, ele é o membro de uma organização moderna que o autoriza a ensinar diante do preenchimento de alguns pré requisitos e seu trabalho é apresentar ou reproduzir um modelo a ser seguido e nunca questionado ou modificado.

Analisando os argumentos acima, podemos perceber que o Budo Moderno ou Artes Marciais Modernas (no modelo japonês) muito se diferem do Ko-Ryu ou “Escolas Antigas” onde o conhecimento estava apenas centrado no Sensei, que era a referência máxima para os alunos. Por isso podemos concluir que num Budo Moderno como o Karate qualquer praticante que tenha vontade, ou seja, indicado pelo seu professor pode se tornar um “Instrutor”, um “Técnico” ou “Professor” desde que cumpra com certos pré-requisitos que as associações ou federações que administram o Karate impõem e exigem.

Isso permite que haja uma ruptura e uma divisão dentro do próprio Karate, gerando disputas e tensões internas, em especial para com as propostas existentes no ensino do Karate que formam nichos bem definidos que pregam cada grupo uma ideologia que sustenta as suas crenças para legitimá-la e se impor diante dos outros. Nesse caso podemos ver três grandes grupos no Karate, com propostas de ensino e prática bem distintas:

a) Karatê Tradicional: caracteriza-se pelas escolas de Karatê onde buscam manter as antigas tradições marciais que as caracterizam. Nessas escolas, geralmente a prática é voltada para a defesa pessoal, o desenvolvimento de um corpo saudável e os aspectos filosóficos de formação humana. Sua pedagogia em muitas delas ainda é realizada de forma tecnicista e intuitiva como meio e um método baseado no Zen, ou seja, na vivência e experiência prática individual.

Reproduzem um modelo rígido e repetitivo baseado no acúmulo das experiências dos mestres anteriores que precederam seu trabalho na escola, como uma continuidade da imagem dos antepassados repetindo a sua forma de aprender, treinar e ensinar. A mesma rigidez se encontra no modelo de hierarquia da escola, que determina o grau de aproximação com o Mestre pela graduação (grau da faixa), conhecimento adquirido na escola e o tempo de vivência no Dojo.

Esse modelo de escola e ensino do Karate é muito mais presente em Okinawa e em alguns locais no Japão, porém é um modelo que atualmente está tendo uma busca crescente no ocidente, pois a grande maioria dos praticantes de Karate não compete, e por isso buscam resgatar ou adaptar outro modelo de Karate.

b) Karatê Educacional: que pode ter participação esportiva ou não, e que busca através do Karatê estabelecer um programa de desenvolvimento físico, moral e de desenvolvimento pessoal, que tem como objetivo a formação de pessoas úteis à

sociedade. Para isso ser realizado a formação do professor deve ter uma base filosófica humanista e pedagógica, para orientar os alunos e atingir os objetivos educacionais.

Essa proposta inicia em Okinawa quando o Tode (Karate) sai da clandestinidade e passa a ser adaptado como método de educação física escolar em 1902 (FUNAKOSHI, 2014). Com esse propósito, foi retirado as técnicas mais violentas e contundentes do treinamento para evitar ferimentos entre as crianças; os Kata que eram complexos foram simplificados em uma série de cinco Kata, com uma sequência bem definida de progressões pedagógicas para o primeiro ao quinto ano do ensino fundamental.

Atualmente, em muitas escolas de Karate ainda se preocupam muito com os aspectos de formação humana através das Artes Marciais, considerando tanto os aspectos educacionais, como os científicos e esportivos de maneira que todos possam contribuir para a formação humana.

c) Karatê Esportivo: que pode ter aspectos educacionais ou não, mas que seu objetivo é a formação de atletas de competição ou alto rendimento. Dessa forma os métodos racionalizados baseados nas ciências do esporte e na adequação às exigências dos programas competitivos serão as prioridades.

Atualmente pelo fato do Karate ter se tornado um esporte Olímpico<sup>18</sup>, um grande número, ou quase a maioria das escolas de Karate buscam a formação de “atletas”, e não a formação de “karatekas”, pois implica a inúmeras questões tanto do status social do treinador que forma campeões dentro das federações, como questões econômicas, como verbas públicas para as associações esportivas, salário dos técnicos, patrocínios etc.

Seguindo o raciocínio sobre as atuais propostas de ensino do Karate, e conforme Fernandez (1991), podemos ver também que cada uma dessas abordagens possui as figuras próprias, a saber:

a) Mestres e Discípulos: caracterizam culturalmente as figuras mais clássicas do ensino das artes marciais. Neste sistema de ensino, é marcado por uma série de

---

<sup>18</sup> O Karate foi oficialmente incluído no programa oficial dos Jogos Olímpicos em 2016 para a edição de 2020, Tóquio. Porém o conflito entre as entidades da modalidade que defendem versões diferentes, no qual todas desejam a participação nos Jogos Olímpicos fez com que o COI retirasse a modalidade do programa oficial.

códigos éticos e morais, espiritualidade, e restrições na relação Mestre e Discípulo, onde as técnicas não são ensinadas explicitamente, dessa forma o aluno deverá aceitar todos os ensinamentos e ordens sem questionamentos, e o aprendizado será realizado durante muitos anos de prática por via intuitiva.

b) Professor e Alunos: com a globalização das artes marciais orientais, muitos Mestres passaram a racionalizar as suas práticas e buscaram embasamento científico e pedagógico tornando-se professores. Nesse modelo, o professor estabelece metas qualitativas para seus alunos que por um sistema de progressões venham a ter um domínio técnico dos movimentos e também a compreensão racional das suas ações e práticas.

c) Treinadores e Competidores: esta figura é a mais recente, pois são figuras especializadas apenas em competições esportivas, e a sua meta não é educacional nem a conservação das antigas tradições, mas sim os resultados competitivos, baseado em tomada de decisões metodológicas de treinamento baseados na racionalização do método científico e na melhor adequação possível para obtenção de pontos e adequação às regras específicas da competição.

Considerando a posição tanto de Lowry (2011) como de Fernandez (1991), atualmente seria difícil aqui no ocidente definir a palavra Sensei, ou determinar quem pode ou quem não pode ser chamado de Sensei.

Segundo o vídeo de Enkamp (2020), no próprio Japão muitos professores de Karate não são chamados de Sensei, pois nem sempre quem ensina Karate serve como modelo e exemplo positivo para os outros - o "título" de Sensei seria algo espontâneo, que os alunos e a comunidade envolvida no Dojo atribuem a quem está ensinando e liderando o grupo, através da demonstração de suas virtudes morais, intelectuais e marciais. Por isso, no próprio Japão, existe uma diferença entre o Kyoshi ou instrutor e o Sensei, que seria nada mais que o modelo a ser reconhecido e seguido por todos dentro de um Dojo.

No caso de Yasuyuki Sasaki, observando a sua biografia e sua obra escrita, podemos afirmar que ele foi um Sensei, pois foi um modelo para seus alunos e seguidores, por isso, deixou o seu legado tanto na formação de pessoas que foram seus alunos (alguns permaneceram com Sasaki por mais de trinta anos) e também nas suas obras que hoje são o legado do pensamento desse Mestre - por isso é

importante apresentá-lo, para que possamos conhecer um pouco do nosso personagem principal.

#### 4.1 YASUYUKI SASAKI - UMA BREVE APRESENTAÇÃO

A ideia desta dissertação não está em fazer uma pesquisa biográfica de Yasuyuki Sasaki, contando sobre sua vida e feitos esportivos; creio que suas histórias serão transmitidas pelos seus alunos, colegas e amigos do Dojo e dos tatames no final dos treinos e aulas de Karatê, nos encontros entre amigos e colegas de kimono, que rememoram estes momentos.

Entretanto, para entendimento do tema da pesquisa, iremos descrever brevemente elementos que configuram o autor das obras analisadas nesta pesquisa.

Segundo Bartolo (2019), Yasuyuki Sasaki nasceu em 08 de março de 1946, na cidade de Hokkaido no Japão, e desde criança praticou o Budo (Artes Marciais), primeiramente o Judô e depois o Karate, no qual com 17 anos já era faixa preta, devido aos treinamentos e o incentivo de seu pai, também karateka e ex-piloto da força aérea japonesa.

A família Sasaki chega ao Brasil no ano de 1958, com doze anos de idade, onde Sasaki continua os seus treinamentos nas artes marciais e também nos estudos escolares. No ano de 1969, ingressou na Escola de Educação Física da USP, formando-se em 1972, ano em que foi convidado a iniciar as aulas de Karatê na CEPEUSP, onde permaneceu como professor até 2017, ano que veio a falecer.

Como atleta, Yasuyuki Sasaki foi dezesseis vezes campeão paulista, várias vezes campeão brasileiro e pan-americano; no ano de 2006 ficou em terceiro lugar no Campeonato Mundial de Mestres – Gotemba, Japão. Além de atleta, realizou diversas viagens de estudo e intercâmbio internacional, principalmente ao Japão, se aperfeiçoando com os maiores mestres do mundo de sua época (BARTOLO, 2014; BARTOLO, 2019).

Yasuyuki Sasaki não era contra as competições, e dizia que: “O torneio é necessário para enfrentar o medo, a ansiedade e buscar autoconfiança.” (BARTOLO, 2019) porém era também um defensor das tradições das Artes Marciais, em especial o Karate no qual “o objetivo das artes marciais é formar um bom cidadão, útil à sociedade, lúcido, com confiança.” (BARTOLO, 2019).

Como produtor de conhecimento sobre o Karate, Yasuyuki Sasaki escreveu vários manuais referentes aos vários aspectos do Karate, apostilas e material de apoio aos alunos nos seus cursos e palestras, sempre buscando as melhores adaptações pedagógicas, didáticas e metodológicas de forma que todos pudessem ter acesso aos conteúdos referentes a esta prática. Segundo fontes de Bartolo (2014), até as publicações de Yasuyuki Sasaki, livros de Karate não haviam sido traduzidos para o português, só havia livros importados do assunto, geralmente em japonês, inglês ou alemão, e eram de difícil acesso.

A obra escrita de Yasuyuki Sasaki, não foi algo aleatório ou de caridade para a comunidade karateka do Brasil, ele teve as suas motivações como karateka, como estudioso do Karate e também como professor do CEPEUSP entre 1972 e 2016, no qual, praticamente toda a sua obra foi desenvolvida.

Segundo palestra do professor Go Tani na Clínica de Estudos do Karate da CEPEUSP no ano de 2018, por volta de 1986, após seu retorno do doutorado no Japão, Go Tani assume a direção do CEPEUSP, onde “era mal visto” pela comunidade acadêmica, pois havia se tornado um grande clube esportivo dos alunos (TANI, 2018).

Esse fato ocorre devido ao Decreto-lei nº 705 de 25 de julho de 1969, reforçada pela Lei nº 69450 de 1 de novembro 1971, a qual torna obrigatória a disciplina de Educação Física para todos os alunos nas universidades brasileiras; considerando isso se cria nas universidades públicas centros esportivos, oportunizando a prática esportiva de várias modalidades. Na CEPEUSP, Yasuyuki Sasaki inicia o Karate em 1972 como projeto, e no ano de 1973 é efetivado como professor da modalidade (BARTOLO, 2014).

Segundo Go Tani (2018), o seu desafio era reverter a imagem da CEPEUSP, e transformá-lo em um centro de excelência esportiva, onde pudesse estabelecer quatro pontos:

- a- Legitimar as práticas esportivas na CEPEUSP, através da disseminação do conhecimento do esporte e dos conhecimentos referentes a essas modalidades.
- b- Aproximação do meio acadêmico e a prática esportiva;
- c- Estudo, produção e disseminação do conhecimento referente às modalidades oferecidas na CEPEUSP;

d- Aproximação da USP com a comunidade por meio de cursos de extensão universitária, realização de clínicas de estudo, eventos, livros e impressos.

Go Tani (2018) conta que, com esses objetivos, ele se reúne com os professores da CEPEUSP e propõe que estes trabalhassem norteados pelos quatro pontos acima citados, e realizem congressos, seminários e clínicas de estudo cada qual da sua modalidade. Após um ano, Yasuyuki Sasaki e Mestre Gladson (Capoeira), foram os primeiros a apresentar o projeto da I Clínica de Estudos Karate e Capoeira no ano de 1987, juntamente com o primeiro manual escrito pelos Mestres, dividido em duas seções, uma para o Karate e outra para a Capoeira.

O resultado desse trabalho, segundo Go Tani (2018), foi tão satisfatório que foi repetido em todos os anos ímpares entre 1987 e 1995, depois tem uma pausa nas edições e retorna em 2002 sempre nos anos pares, até o afastamento de Yasuyuki Sasaki das suas atividades.

As Clínicas de Estudo do Karate na CEPEUSP, são formatadas sempre com duração de dois a quatro dias de atividades, em dois ou três turnos, sendo sempre uma série de palestras com palestrantes convidados que pesquisam o Karate, aulas práticas e no último dia uma competição dividida em duas categorias: a) categoria universitária; b) categoria não universitária (FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATE TRADICIONAL, 2005).

Outro ponto relevante é o intercâmbio Brasil - Japão, em especial com a Universidade Kokushinkan, que por várias oportunidades enviou seus Mestres para cursos e treinamentos, assim como sua equipe de Karate para treinamento e troca de experiências junto dos praticantes brasileiros. Esse fato também contribuiu para que os brasileiros pudessem ir ao Japão e terem acesso ao Karate no seu país de origem (FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATE TRADICIONAL, 2005).

No ano de 2018 o grupo de Karate da CEPEUSP realizou mais uma edição da Clínica de Estudos do Karate, nesse ano com a participação de vários karatekas doutores e pesquisadores do assunto, que além da divulgação dos aspectos científicos do karate, realizaram aulas práticas da modalidade - porém o ponto principal foi uma homenagem a Yasuyuki Sasaki em razão das suas contribuições para o desenvolvimento de pesquisas científicas sobre o Karate no Brasil.

Considerando o ambiente da CEPEUSP como um centro esportivo e sua proximidade com a USP e a Faculdade de Educação Física, bem como as metas e

diretrizes que Go Tani tinha na CEPEUSP durante a sua gestão, isto permite a Yasuyuki Sasaki o desenvolvimento de seu trabalho de pesquisa e a publicação de seus manuais na Clínica de Estudos do Karate.

Analisando esses manuais, identifica-se que, apesar de não se tratar de produções científicas, são trabalhos nos quais ele faz dois movimentos: a) tradução cultural dos conceitos, cultura e teoria do Karate para a língua brasileira, considerando os limites da tradução, porém de linguagem clara e objetiva para o entendimento e compreensão dos conceitos; b) aproximação das ciências do esporte e da pedagogia do esporte para qualquer pessoa que quisesse entender o Karate, em uma escrita sintética, em linguagem acessível.

A relação entre Yasuyuki Sasaki e Go Tani era de amizade, eles foram colegas na graduação em Educação Física, porém com caminhos e carreiras diferentes; Yasuyuki Sasaki dedicando-se a extensão universitária e ao ensino do esporte na CEPEUSP, já Go Tani, faixa preta de Judo, seguiu a carreira acadêmica (TANI, 2018).

Em algumas obras Yasuyuki Sasaki apresenta textos relacionando o Karate com o desenvolvimentismo, isso nos faz refletir que houve afinidade e aproximação intelectual entre Yasuyuki Sasaki e Go Tani, o que permitiu a troca de informações científicas e pedagógicas e sua relação com a Artes Marciais e o esporte em geral - porém a apresentação e a análise profunda da obra escrita de Yasuyuki Sasaki é o assunto do próximo capítulo.

Dessa maneira, concluímos nessa seção que o Karate na CEPEUSP atinge os objetivos propostos por Go Tani, além das aulas de Karate para alunos da USP e comunidade em geral, aproximando a comunidade da universidade, Yasuyuki Sasaki busca legitimar o Karate no seu campo teórico e prático unindo ciência e tradição.

## 5 AS OBRAS DE YASUYUKI SASAKI: ANÁLISE DOS TEXTOS NA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL.

### 5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo iremos apresentar e analisar os textos das obras de Yasuyuki Sasaki que foram produzidas na CEPEUSP para a realização das edições das Clínicas de Estudo do Karate-Do, como material de estudo para os participantes.

Os textos que fazem parte das obras, serão analisados de acordo com as categorias no qual os textos foram selecionados e agrupados, conforme o que apresentamos nos pressupostos teóricos-metodológicos, no qual essa categorização textual permitiu conhecermos, apresentar e compreender o pensamento de Sasaki em relação ao Karate, identificar seus discursos, os autores que ele utiliza, entre outros elementos pertinentes e assim realizarmos a coleta de dados e a análise da Tradução Cultural pela perspectiva da História Cultural.

Dessa maneira, foi possível em alguns pontos da análise, aprofundar as discussões com o auxílio de outros autores que dialogam com os mesmos temas e estudos, o que foi possível demonstrar que as ideias de Yasuyuki Sasaki podem ser ampliadas, e discutidas com um olhar crítico, ou seja, sem um olhar dogmático como é apresentado por muitos mestres e professores em seus discursos sobre o Karate.

Mesmo que em alguns pontos foi realizado o aprofundamento do diálogo com o autor e também discussão dos temas, a análise realizada apresenta **limitações** metodológicas devido a impossibilidade de acesso às referências que Yasuyuki Sasaki utiliza para escrever os manuais; outro ponto relevante é que mesmo com o acesso a estas obras, teríamos que ter um tempo muito grande para a realização deste aprofundamento, pois implicaria em realizar uma leitura e tradução destas obras que estão escritas na língua japonesa, por isso nos limitaremos a analisar os manuais da CEPEUSP e toda a produção referente aos temas que foi publicada nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa.

Em síntese, apresentamos as ideias de Yasuyuki Sasaki em seus manuais aqui analisados, porém deixamos claro que este tipo de pesquisa e análise existem alguns limites relevantes a se considerar como: a) a escassez de fontes históricas e de pesquisa; b) a falta de acesso a bibliografia original usada pelo autor; c) a barreira

linguística para leitura e reinterpretação dos textos japoneses; d) limites no uso da metodologia, pois implicaria na necessidade de uso de outras metodologias paralelas e que desviassem a pesquisa dos seus objetivos propostos e levariam a nossa pesquisa para outras áreas do conhecimento.

## 5.2 ANÁLISE DAS OBRAS

Segundo Burke (2009), os tradutores podem ser amadores ou profissionais, podendo ser de dois tipos tradutores de textos escritos e tradutores orais ou intérpretes cada qual com o seu objetivo e características próprias de atuação, enquanto os primeiros traduzem um texto ou obra literária os segundos servem como intermediários na conversação de pessoas que não dominam o mesmo idioma.

No caso do Karate no Brasil, a barreira linguística foi um dos maiores problemas encontrado tanto pelos mestres japoneses como pelos praticantes brasileiros durante muito tempo, por exemplo, nas colônias japonesas havia intérpretes que mediam as comunicações entre os imigrantes e os brasileiros (DAIGO, 2008); da mesma forma no Karate, segundo relatos de alunos dos primeiros mestres, as aulas eram práticas e sem contextualização teórica, pois o vocabulário dos japoneses no vernáculo era pobre assim como o vocabulário em japonês dos brasileiros era mínimo (CARIBÉ, 1977, apud BARTOLO, 2014).

Isso mostra a escassez de recursos para a tradução, fato presente na modernidade e que persiste em muitos momentos da contemporaneidade, sendo que no período moderno os principais objetivos da tradução cultural eram: primeiro, de cunho político-religioso na dominação e conversão de novos cristãos nos povos colonizados pelos europeus; segundo traduções de textos técnicos, científicos e literários (BURKE, 2009), na contemporaneidade percebe-se que os objetivos da tradução se estende a outros objetos de tradução como filmes, músicas e todo o tipo de cultura que pode ou precisa ser traduzida.

A compreensão do idioma japonês se fazia necessário e somente através de iniciativas de muitos praticantes anônimos - que geralmente não compartilharam essas traduções para se ter alguma vantagem em relação a outros praticantes - é nesse fato, que se inicia a Tradução Cultural do Karate no Brasil. O relato de Caribé (1977, apud. BARTOLO, 2014) é um exemplo desse movimento:

O meu primeiro mestre, de nacionalidade japonesa, falava português com dificuldade, enquanto o meu vocabulário de japonês não ia além de dez palavras. Assim a prática avançava enquanto a teoria caminhava a passos lentos. Tive uma ideia que me custou “os olhos da cara”: comprei livros em inglês, francês e japonês, paguei caro para que fossem traduzidos e, a partir daí, comecei a ter muito mais certeza do que fazia. (CARIBÉ, 1977, apud BARTOLO, 2014).

Considerando esses fatos o Karate no Brasil não podia mais ser “apropriado culturalmente” pelos brasileiros apenas por uma “imitação” tanto no sentido técnico e gestual dos golpes e movimentos como na “Imitação Cultural”, por exemplo, no uso do *Keikogi* (Kimono) ou dos rituais de etiqueta no *Dojo*, pertencentes ao Japão e que são distantes da nossa realidade cultural, pois existia entre os próprios praticantes uma necessidade de entendimento e compreensão do Karate nos seus aspectos teóricos e conceituais que permitissem uma maior compreensão do Karate como um todo e não uma mera repetição e imitação sem sentido e inquestionável daquilo que os japoneses mostraram durante as aulas.

Uma das maneiras mais comuns de Interação Cultural desde a antiguidade clássica é a ideia de Imitação Cultural, que podia ser tanto uma imitação criativa como uma imitação servil, ou, uma imitação dos modelos estrangeiros da moda, o que caracteriza também uma forma de Apropriação Cultural que se pega apenas aquilo que lhe é conveniente ou necessário de outra cultura (BURKE, 2003).

Objetivando a figura do nosso personagem, Yasuyuki Sasaki era formado em Educação Física pela USP e faixa preta de Karate, uma mistura de atleta e de professor (BARTOLO, 2014, 2019), o que é muito comum nas lutas o exercício simultâneo desses dois papéis pela mesma pessoa. Assim sendo, o fato de Yasuyuki Sasaki ter sido professor na CEPEUSP o motivou a desenvolver o seu lado docente, motivado pelas metas de trabalho no local, no qual além de ministrar as aulas da modalidade, produziu material teórico e impresso sobre o Karate, aproximando tradições orientais, a ciência e o esporte para a comunidade da universidade (TANI, 2018), e assim supomos que Yasuyuki Sasaki realizou uma leitura e o diagnóstico do ambiente, no qual percebeu as necessidades dos alunos através de suas vivências como professor e atleta, e dessa forma delimitou um escopo teórico e prático significativo sobre o Karate a ser traduzido para o português.

Pela apresentação e análise da obra escrita, vemos que Yasuyuki Sasaki, além de professor e atleta era uma Karateka, ou seja, um especialista do Karate, um estudioso dos conceitos, da teoria e da prática. Yasuyuki Sasaki acordava diariamente a 5h da manhã para fazer meditação Zen, às segundas, quartas e sexta das 6 horas e 15 minutos até as 7 horas e 30 minutos treinava Karate - após isso ia dar aulas na CEPEUSP e na sua academia a *Lembukan* (BARTOLO, 2014; BARTOLO, 2019).

Com isso percebemos que Yasuyuki Sasaki não fazia parte do meio acadêmico como professor universitário, mas sim com professor da extensão universitária, e não era um tradutor profissional, mesmo tendo o domínio da língua japonesa, no qual em muitas ocasiões foi intérprete de outros mestres japoneses que visitaram o Brasil; porém seu desafio foi dominar o português: “Com 14 anos, em um país bem diferente do seu, a começar pela língua, Sasaki se dedicou aos estudos e ao Karate.” (BARTOLO, 2014, p.195). Em outra passagem sobre Yasuyuki Sasaki diz que “Em 1969, com pouco conhecimento do português, ingressou na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP).” (BARTOLO, 2014, p.196)

Mesmo diante desses desafios, Yasuyuki Sasaki realizou a escrita de um livro, oito manuais e um inúmero número textos de impressos<sup>19</sup> (geralmente em uma a quatro folhas de ofício, em xerox ou impressas) que ele dava aos participantes de seus cursos ou palestras para elucidar os ouvintes a respeito do que iria ensinar - todos esses escritos foram em língua portuguesa.

No escopo da produção do autor podemos dizer que toda a sua produção foi importante para o Karate brasileiro, cada qual ao seu tempo, com seus objetivos e com suas motivações, sejam as obras voltadas para seus alunos da CEPEUSP, da sua academia a *Lembukan* ou para os karatekas da Instituto JKA do Brasil, no qual era uma das principais figuras atuantes na divulgação, organização e ensino do Karate da escola *Nihon Karate Kyokai*.

Outro ponto característico de Yasuyuki Sasaki, e que nos transmite de forma explícita nas suas obras são as suas crenças para com o *Karate Shotokan Nihon Karate Kyokai*, escola fundada por Gichin Funakoshi e Masatoshi Nakayama em 1948 - ou seja, um Karate moderno, apropriado, adaptado e modificado as exigências do

---

<sup>19</sup> Esses impressos não serão utilizados como referências para esta pesquisa, pois mesmo com o aumento das fontes de pesquisa, não interfere nos objetivos desta pesquisa, sendo que os manuais e o livro possuem um corpo documental mais forte e consistente.

Japão Imperialista do início do século XX (representado pelo *Botokukai*), que prega o “Espírito de Samurai” pelo *Budo* e *Bushido* e faz mínimas referências a sua origem multicultural em Okinawa. Assim sendo Yasuyuki Sasaki traduz para nós o “espírito” do Karate Japonês.

Isso permite afirmar que mesmo diante das diferenças culturais e do desafio da língua portuguesa, Yasuyuki Sasaki tinha de maneira implícita ou natural “um forte senso da missão do tradutor” (MARKER, 1985, apud BURKE, 2009), nesse caso traduzindo do a maior parte dos textos do japonês para o vernáculo.

O que podemos observar pelas evidências encontradas nos textos, é que, a escolha dos temas e conceitos que foram traduzidos do japonês para o vernáculo estavam cheias de intencionalidades de tipos bem marcantes, algumas implícitas e outras explícitas (que não iremos determinar nessa pesquisa quais seriam as implícitas ou explícitas), como por exemplo: a) transmitir uma educação japonesa do *Budo* para os “*Gaijin*” (外人 - bárbaros, estrangeiros) brasileiros; b) divulgar a cultura e pensamento do *Budo* japonês do pós II Guerra Mundial, com um Japão derrotado e ressentido com o mundo, buscando sua reconstrução, afirmação e aprovação internacional; c) os desafios que o professor Go Tani propõe para as práticas esportivas na CEPEUSP, especialmente ao diferencial que ele exige das modalidades tendo como base a Instituição Pública de Ensino como produtora e disseminadora de conhecimento; e) o público ao qual essas obras são produzidas e distribuídas.

Segundo a História Cultural, quando falamos das intenções das traduções, estamos falando dos objetivos que estes projetos se propõem a realizar com a tradução dos textos do original para o vernáculo. Segundo Burke (2009) na modernidade, os projetos mais importantes eram os religiosos para a conversão dos povos colonizados para o cristianismo, introduzindo o cristianismo para muitas línguas como o tupy, japonês, chinês e árabe.

Muitas traduções da cultura na modernidade, foram realizadas partindo de outros projetos e outros temas como a história oficial, literatura e ciências, principalmente em países que quiseram se atualizar em relação à Europa (BURKE, 2009), o mesmo aconteceu com o Japão na Era Meiji (1868-1912), que inicia um processo de difusão das ciências e educação nos modelos ocidentais e em massa para povo se atualizar e atingir os mesmos níveis das potências europeias (YAMASHIRO, 1964; ITOKAZU, 2000).

Em relação ao Karate, foi no final da Segunda Guerra Mundial que iniciou o processo de internacionalização da arte, e por isso, o modelo ocidental passa a influenciar muitos aspectos dessa arte, principalmente pela influência do pensamento cartesiano e o modelo de Karate científico já iniciado por Nakayama (BARREIRA, MASSIMI, 2006). Segundo Funakoshi (2000, p.97) a respeito da internacionalização do Karate:

Assim, o Karatê-dō que, na minha infância, era uma atividade clandestina local de Okinawa, finalmente havia se transformado numa das artes marciais do Japão antes de criar asas e voar para a América. Atualmente é conhecido em todo o mundo. Enquanto escrevo essas notas, recebo pedidos de informações, e também de instrutores, de todos os lugares. Ainda admirado pela quantidade de pessoas que ouviram falar do karatê, dou-me conta agora de que logo que este livro esteja concluído precisarei dar início a um novo projeto — **o de enviar especialistas de karatê japoneses a outros países do mundo**. (FUNAKOSHI, 2000, p.97. Grifos nossos).

Com essas informações, somadas as informações de Bartolo (2014) sobre a história do Karate no Brasil, é possível deduzir que não existiu um projeto de tradução cultural do Karate para que os professores japoneses de Karate pudessem introduzir a modalidade em outros países adequando o japonês ao vernáculo do local ao qual seria o destino do professor. Isso leva a pensar sobre algumas questões importantes, como a do “Nacionalismo Cultural”, onde se utiliza da linguagem para a promoção da identidade nacional em cada tradição (BURKE, 2009), caso o contrário os professores japoneses que chegaram ao Brasil com intenção de ensinar o Karate para brasileiros viriam do Japão com um domínio razoável do vernáculo e conhecimento da cultura local para que pudessem melhor se adaptarem ao novo contexto.

Outro ponto importante foi a chegada de alunos ocidentais no Japão para realizarem treinamento com os mestres japoneses, tanto Funakoshi como seu sucessor Nakayama demonstram preocupação sobre essa questão, que tange a três problemas: a) o problema da barreira linguística; b) as diferenças culturais; c) a metodologia de ensino.

Antes da guerra, muito poucos não-japoneses sabiam alguma coisa sobre o karatê, ou tinham o desejo de aprendê-lo. Os que achavam o caminho para meu Dojô eram repórteres ou instrutores de educação física que tinham ouvido falar do interesse japonês pelo karatê. O fim da guerra trouxe a ocupação, e então muitos soldados americanos começaram a visitar-me e a

solicitar instrução. Não sei dizer como chegaram a ouvir falar em mim. (FUNAKOSHI, 2000, p.96).

Depois disso tive inúmeras outras experiências com americanos visitantes e da ocupação, e logo me acostumei a ver rostos estrangeiros (incluindo alguns do sexo feminino) no dōjō da Karatê Kyōkai. Fui convidado a ensinar karatê ao oficial instrutor de educação física na base da Força Aérea Americana em Tachikawa, e um pouco mais tarde me foi solicitado que fizesse demonstrações de katas ao comandante da base em Kisarazu, prefeitura de Chiba. (FUNAKOSHI, 2000, p.97).

Para explicar numerosos e complexos movimentos do corpo, é meu desejo oferecer um livro inteiramente ilustrado, com texto atualizado, baseado na experiência que adquiri com essa arte ao longo de um período de 46 anos. Este desejo está sendo realizado com a publicação desta série, O Melhor do Karate, em que meus primeiros escritos foram totalmente revistos com a ajuda e o estímulo dos meus leitores. Esta nova série explica em detalhes o que é o Karate-Do, numa linguagem que, se espera, seja a mais simples possível, e espero sinceramente que seja de ajuda aos adeptos desta arte. Espero também que os karatekas de muitos países consigam se entender melhor depois da leitura dessa série de livros. (NAKAYAMA, 2006, p.10)

Dessa forma ao considerar o Karate como uma tradição japonesa (inventada a partir de 1934 quando lhe é dado esse nome) em escala mundial, onde pelas Artes Marciais se afirmaria a cultura e a identidade desse povo, permite um sentimento de poder por parte do sensei japonês como o dono do conhecimento que é incompreensível pelos seus alunos ocidentais. Isso permite a construção de argumentos que ainda consideram a existência de um modelo onde o professor tem o total controle sobre os alunos de forma autoritária, centralizando o poder em uma escala hierárquica que favorece os Mestres e Federações e controlando os praticantes (BREDA et.al. 2010; DEL VECCHIO E FRANCHINI, 2012).

Especificamente, a respeito de Yasuyuki Sasaki, podemos considerar que mesmo estando no círculo dos mestres japoneses no Brasil, as motivações e intenções quando escreveu seus textos e traduções tiveram várias intenções explícitas com já dito anteriormente, sendo que os dois tópicos a seguir são relevante diante a sua intencionalidade explícita: a) os desafios que o professor Go Tani propõe para as práticas esportivas na CEPEUSP, especialmente ao diferencial que ele exige das modalidades tendo como base a Instituição Pública de Ensino como produtora e disseminadora de conhecimento; b) divulgar e transmitir a educação japonesa pela

cultura e pensamento do *Budo* japonês do pós II Guerra Mundial, com um Japão derrotado e ressentido com o mundo, buscando sua reconstrução, afirmação e aprovação internacional.

Primeiramente, as intenções de Yasuyuki Sasaki partiram de uma exigência da CEPEUSP, realizada pelo seu diretor, professor Dr. Go Tani em 1986, que realizou uma remodelagem conceitual na CEPEUSP, no qual considerava o local como “um centro de disseminação do conhecimento” que deveria “unir os conhecimentos científicos com os conhecimentos da prática”, oportunizando aos praticantes das modalidades adquirirem conhecimentos que vão além da prática (TANI, 2018).

Professor Go Tani desafia Yasuyuki Sasaki, para que este oferecesse um Karate diferenciado, e que além do Karate pudesse oferecer para os alunos uma série de conhecimento acerca da modalidade. Com isso, Tani sugere a Sasaki a realização de clínicas de estudos, competições, e a escrita de livros sobre o Karate. Após um ano Yasuyuki Sasaki apresenta o modelo do primeiro manual de Karate e o projeto da primeira clínica de estudos, que foi realizada em 1987 juntamente com o professor Gladson de Oliveira Silva (Mestre Gladison) da Capoeira (TANI, 2018).

Outro ponto forte que professor Go Tani sugere a Yasuyuki Sasaki é a produção científica, com a utilização dos laboratórios de pesquisa da faculdade de Educação Física e Desportos da USP, porém, não se tem informações de qualquer produção científica publicada por Yasuyuki Sasaki, mas, alguns de seus alunos de Karate na CEPEUSP tornaram-se doutores em diversas áreas do conhecimento como em Física, Geologia e Nutrição; indiretamente Yasuyuki sasaki influenciou outros karatekas a se tornarem pesquisadores tendo como referência as suas publicações e a sua pessoa como estudioso e praticante do Karate.

A intencionalidade do professor Go Tani ao desafiar o Sensei Yasuyuki Sasaki, foi de tal amplitude, que o projeto da "Clínica de Estudos do Karate CEPEUSP" foi levada a sério que suas edições permaneceram a cada dois anos entre 1987 e 2005, e depois retomada em 2010, 2012 e 2018 com a 'XIII Clínica de Estudos do Karate Shotokan', no qual foi realizada uma homenagem póstuma a Yasuyuki Sasaki, pelo seu trabalho em disseminador do conhecimento do Karate no Brasil.

Os discursos do Karate que foram traduzidos culturalmente por Yasuyuki Sasaki, tem a intencionalidade explícita em divulgar o *Karate Budo*, estilo *Shotokan - Nihon Karate Kyokai*, escola está fundada por Funakoshi Gichin e Masatoshi

Nakayama em 1948 (JKA, 2021), e que foi pioneira no envio de instrutores de Karate para vários países após a Segunda Guerra Mundial (FUNAKOSHI, 2000).

Este Karate difundido pela Nihon Karate Kyokai, pode ser considerado o que há de mais característico do que chamamos de Karate Japonês, iniciado pelas adaptações do Tode de Okinawa a partir de 1922 com chegada de Funakoshi Gichin a Tóquio, e de acordo com os ideais políticos do Império Japonês e as determinações da *Butokukai* para as artes marciais, como já explicado anteriormente (FROSI, MAZO 2011; JOHNSON, 2012).

A própria entidade japonesa ao qual Yasuyuki Sasaki representava aqui em seu site apresenta o seguinte discurso:

Fundada em 1948, a Japan Karate Association foi altamente aclamada por suas atividades sociais, e em 1957 foi aprovada como uma "associação incorporada" pelo Ministério da Educação na época, e vem se esforçando para herdar e desenvolver adequadamente a cultura insubstituível das artes marciais a que o Japão deu origem (Budo). (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2021-A).

Em outra passagem a entidade apresenta os seus propósitos de forma bastante explícita sobre a sua maneira de promover uma educação marcial (*Budo*) nos moldes da cultura japonesa de forma a divulgá-la para os povos estrangeiros, usando o Karate como um modelo ideal de educação:

O objetivo da JKA é contribuir para a paz mundial através da: 1) realização de pesquisas e fornecer instruções do Karatê-Do, 2) influenciar crianças e adolescentes a melhorar sua saúde física e mental, bem como cultivar o espírito das artes marciais (Budo), e 3) ampla distribuição do conceito de arte marcial japonesa que enfatiza os modos e o respeito. (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2021-B).

Assim sendo, se a *Nihon Karate Kyokai*, deixa explícita os seus objetivos em relação à utilização como meio de difusão da cultura marcial japonesa (*Budo*), afim de educar outros povos por esse modelo e afirmar a sua cultura no cenário mundial, é necessário entendermos o que Yasuyuki Sasaki nos traduz dentro desta intencionalidade.

Outro aspecto bastante relevante nas obras de Yasuyuki Sasaki, é a sua trajetória no tempo considerando a história da educação física no Brasil entre os anos de 1973 a 2016, período em que ele trabalha na CEPEUSP como professor de Karate,

no qual podemos ver claramente as mudanças nas concepções teórica e metodológicas no ensino dos esportes e da educação física, assim com uma intencionalidade implícita que permite interpretações a respeito de suas concepções teóricas da educação física.

Segundo Ramos (1982, apud Soares, 2012) entre 1946 e 1964 devido à forte influência militarista (Segunda Guerra Mundial e Ditadura Militar no Brasil), permitiu o desenvolvimento de metodologia militarizadas e tecnicistas no ensino dos esportes, e foi nesse período que Yasuyuki Sasaki tem as suas primeiras experiências no Karate ainda na infância (BARTOLO, 2014)

Como professor de Karate iniciando as suas atividades em 1973 na CEPEUSP, Yasuyuki Sasaki vive o período do Regime Militar no Brasil, no qual utiliza das escolas de todos os níveis, incluindo o ensino superior, como fontes de difusão do regime militar através das aulas de educação física e desportos (DARIDO E RANGEL, 2005, APUD, SOARES, 2012), foi nesse momento da história da educação física que se difundiu o modelo tecnicista, centrado no gesto técnico e na repetição, muito comum nas artes marciais e que em muitas escolas permanecem até hoje, sendo alvo de críticas como a de Breda (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012).

Foi só a partir de 1980 que chegaram ao Brasil novas concepções de educação física e de novas metodologias para o ensino dos desportos como as concepções psicomotoras, desenvolvimentistas e construtivistas do ensino dos esportes (SOARES, 2012), e foi neste período, entre 1987 e 1995 que Yasuyuki Sasaki escreve e publica os seus manuais, e implicitamente avança contra as concepções tecnicistas predominantes de sua época, contextualizando o Karate nos seus aspectos teóricos e conceituais proporcionando aos alunos karatekas não somente uma prática repetitiva e imitativa de socos e chutes mas sim, a prática significativa e reflexiva das artes marciais, algo muito diferenciado para os padrões da época, pois foram traduzidos textos do Karate de grande importância cultural.

Se perguntarmos o que foi traduzido por Yasuyuki Sasaki, não podemos dizer que foi somente textos referentes ao Karate, pois o Karate japonês que se inicia em 1922 passou por um processo de japonização, se diferenciando das tradições de

Okinawa (JOHNSON, 2012 ), e com isso, uma das principais influências dos japoneses foi a inserção dos princípios de treinamento e conceitos do Kendo no Karate; assim sendo, como já dito o Karate foi apropriado e adaptado pelos japoneses de forma a acomodar essa prática a cultura e ao gosto japonês. Por essas evidências é possível afirmar que durante a apropriação cultural e adaptação do Karate no Japão todos os conceitos do Karate com origem na cultura de Okinawa foram substituídos pelos conceitos do Kendo por ser uma prática corporal aceita pelos japoneses e que possui referências históricas com o Japão na figura dos Samurai e que se adequam às ideologias políticas do Japão Imperialistas do início do século XX (FUNAKOSHI, 2014)

O ponto interessante é que, em todos os manuais escritos por Yasuyuki Sasaki, as bibliografias são as mesmas ou são omitidas. Realizamos ao longo do desenvolvimento dessa dissertação uma pesquisa sobre essas referências a fim de localizá-los para leitura e análise dos textos originais, porém, nem mesmo os contatos que moram no Japão conseguiram localizar essas obras, o que ocasionou em um limite para a análise das obras de Yasuyuki Sasaki, e com isso nos limitamos somente a análise da sua produção na CEPEUSP.

Se observarmos as referências bibliográficas nas obras de Yasuyuki Sasaki encontraremos as seguintes obras nas edições dos anos de 1987 e 1989:

MOCHIDA, M & NAKANO, Y. Encyclopedia of Kendo. Tokyo, Kodansha, 1975.

NIKKEI, Ningen I no Fukki. Tokio, Kousei 1966.

NOMA, H. Kendo Dokuhon. Tokio, Kodansha, 1975.

TANAKA, M. Hasha Karate-Do. Baseball Magazine, 1985.

Nos anos seguintes, 1991,1993,1995, Yasuyuki Sasaki introduz mais uma obra do Kendo nas referências bibliográficas:

SHIRAKAMI, T. Kendo. Tokio. Narumido, 1978.

Porém em todos os cinco manuais analisados encontramos explicitamente textos de autores específicos do Karate que não são mencionados nas referências bibliográficas como por exemplo:

FUNAKOSHI, G. Karate-Do Kyohan. Kodansha, Tokio 1956. (Edição em japonês)

FUNAKOSHI, G. Karate-Do Kyohan. Tsutomu Ohshima e Kodansha International, 1973. (Edição em língua inglesa).

NAKAYAMA, M. Dynamic Karate. Kodansha International. 1966. (Edição em língua inglesa).

Isso reflete que as obras escolhidas para a tradução cultural são aquelas que buscam preencher as prioridades e lacunas da cultura hospedeira, por isso na tradução os textos podem ser modificados para levar ao leitor a receber as impressões da outra cultura (BURKE, 2009), ou então, as obras são escolhidas pela cultura dominante para uma domesticação da cultura local trazendo novos elementos para os colonizados, geralmente os que facilitam a dominação ou acultramento dos grupos étnicos subordinados (KOWALSKA, 2009).

No caso das obras aqui analisadas, percebemos que Yasuyuki Sasaki foi perceptivo em relação às lacunas culturais no Karate do Brasil, e fez as escolhas de acordo com a sua percepção da questão, ou seja, sua experiência como karateka e docente, possibilitou a escolha dos textos a serem traduzidos. Dessa maneira o que é traduzido é aquilo que um grupo de uma cultura acha de interessante na outra (BURKE, 2009), ou, aquilo que pode ser adaptado no campo das ideias passando o texto de uma língua para a outra tornando o que foi traduzido como um agente de mudança na cultura hospedeira (BURKE, 2009).

Sobre os autores específicos do Karate, Yasuyuki Sasaki traz em suas obras fragmentos de dois importantes mestres e autores do Karate Shotokan, Funakoshi Gichin (1868-1957) e Masatoshi Nakayama (1913-1987). Sobre Funakoshi, seus livros foram escritos e publicados no Japão entre 1924 e 1956, as edições em língua inglesa foram detectadas datas variadas, entre 1973 e 2003 e, no Brasil, essas traduções foram feitas entre 1994 e 2014 - por exemplo o livro "Karate-Do Kyohan" publicado em 1956 a segunda edição no Japão, já a edição americana data 1973 e a edição brasileira em 2014. Sobre Nakayama não foram localizadas informações precisas sobre as datas de publicação de suas obras no Japão, sabe-se que a edição em inglês é do ano de 1966, e a sua tradução para o português é de 2004.

Considerando esses fatores é impossível afirmar quais dessas obras citadas, tiveram as suas edições no idioma original utilizadas por Yasuyuki Sasaki para a tradução. Por exemplo, a tradução do texto "Karate-Do Kyohan" (1989,1995) foi realizada por Ana Maria Figueiredo, mas dificilmente saberemos se esta tradução foi

do japonês para o português ou uma tradução da versão em língua inglesa. A única maneira de realizar uma análise mais precisa sobre as obras traduzidas por Yasuyuki Sasaki seria pelo acesso ao seu acervo pessoal de livros e escritos.

Assim sendo, podemos perceber pelos argumentos acima que nem toda a tradução cultural do Karate foi feita das traduções do japonês para o vernáculo, e o inglês pode ter sido o segundo idioma utilizado para a versão vernácula.

Independentemente do idioma que foi utilizado para traduzir para o vernáculo, temos que entender que os objetivos destas traduções (considerando as motivações que a CEPEUSP pede para Yasuyuki Sasaki realizar) é atingir direta e indiretamente o público karateka, e dessa forma os conhecimentos do Karate poderiam ser difundidos, tendo como ponto de partida a universidade pública.

Se observarmos atentamente, o público karateka é bem variado, e é formado por crianças, jovens, adultos e idosos de ambos os sexos, basta ver pesquisas dos mais variados temas, mas que delimitam esses públicos como objeto de estudo como os trabalhos de Aranha (2006), Colombo (2015), Galati, Breda e Scaglia (2007), Campos e Lago (2019) com crianças, Solano et al. (2016), Vianna (2008) com adultos e Lima (2020) com idosos.

Porém se considerarmos o público da CEPEUSP, em especial os que participavam das “Clínicas de estudo do Karate”, podemos deduzir que esse público é formado geralmente por universitários praticantes de Karate, professores universitários e professores de Karate. Segundo a CEPEUSP, as turmas de Karate são destinadas a alunos maiores de 18 anos, dividido em nível I faixas brancas e amarelas, nível II faixas vermelhas e laranjas e nível III faixas verdes a preta - que tem como objetivo final representar a equipe da CEPEUSP nos torneios de Karate (CEPEUSP, 2021).

Podemos assim considerar que muitas traduções são feitas para diferentes grupos, com diferentes níveis de instrução, geralmente para um público culto ou para um público que está aberto às ideias de outras culturas (BURKE, 2009), e essas considerações correspondem ao público do Karate no Brasil, pois o texto selecionados e escritos por Yasuyuki Sasaki não se trata de uma pesquisa acadêmica destinada somente a um único público, mas um texto formativo e informativo contendo a tradução de conceitos e vários assuntos ligados ao Karate que ainda não haviam sido

traduzidos para o português e com isso permitiu o acesso de vários públicos a estas informações.

As informações que foram traduzidas culturalmente nas obras de Yasuyuki Sasaki só puderam serem compreendidas pelos seus leitores devido “à maneira” e “às estratégias” de tradução usadas pelo autor, através de suas intencionalidades e crenças quanto karateka durante a tradução do japonês para o vernáculo, principalmente em transmitir as suas crenças e seu modo de compreender o Karate à maneira japonesa, como um *Budo* que se firma na cultura nipônica após a II Guerra Mundial, com a fundação da *Nihon Karate Kyokai* em 1948.

Segundo Burke (2009) quando vamos ver “de que maneira” uma obra é traduzida seguem algumas reflexões sobre: quais as teorias, estratégias e táticas de tradução foram usadas pelo tradutor?

Essa é uma resposta difícil de saber, pois Yasuyuki Sasaki não era um tradutor profissional, pois sua vida foi dedicada ao estudo e ensino do Karate, mas entre as estratégias de tradução, Burke (2009, p.32) apresenta duas: a) tradução de palavra por palavra; b) tradução do sentido do texto. Se analisarmos o vocabulário técnico do Karate, veremos que o idioma japonês é formado por um grande número de ideogramas, sendo que um único ideograma possui várias pronúncias e vários significados, o que ficaria difícil para traduzir palavra por palavra - se observarmos os ideogramas que formam a palavra Karate (空手) servem para várias outras expressões técnicas do Karate, por exemplo o ideograma “空” conforme o contexto que está escrito, tem várias pronúncias e significados na língua japonesa como *Sora* (céu), *Ku* (universo), *Kara* (vazio) e podem formar palavras com significados diferentes no vocabulário da arte, como *Karate* (空手 - Mão Vazia), *Ku-Do* (空道 - Caminho Universal), *Kanku* (觀空 - Olhar Para o Céu) - outro exemplo é o ideograma “手” que pode ser pronunciado como *Te*, *Shu* ou *Su* que significa “Mão” e forma palavras como *Karate* (空手 - Mão Vazia), *Shuto* (手刀 - Mão Espada), *Unsu* (雲手 - Mãos nas nuvens) ou *Kumite* (組み手 - Luta). Este exemplo mostra uma variedade de termos e empregos das palavras que permitem percebermos a existência de palavras vagas ou que dificultam uma tradução (BURKE, 2009).

Aquilo que não é possível de ser traduzido para uma língua pode ser tão significativo e revelador quanto o que é traduzido (KOWALSKA, 2009), porém

algumas omissões ou modificações nas traduções podem ser feitas por motivos políticos, religiosos, de manutenção do poder dominante, ou considerar ofensivo o uso de palavras diferentes com diferentes pensamentos em outras línguas (BURKE, 2009).

Quanto mais distante forem os idiomas as serem traduzidos para um vernáculo, maior será o problema para a tradução, o que causa a intraduzibilidade dos idiomas como característica presente em todas as línguas, pois em qualquer idioma há muitas propriedades e termos são difíceis de expressar em outro idioma com o mesmo sentido e importância, por isso muitos tradutores traduzem com liberdade e uso fluente do idioma ao qual vai ser traduzido para “domesticar o texto”, o que hoje chamamos de “aculturação” do texto traduzido (BURKE, 2009), ou seja, uma adaptação cultural onde uma cultura (idioma) é descontextualizado, modificado o seu original e depois re-contextualizado para se encaixar no seu novo ambiente (BURKE, 2003).

Considerando essa breve argumentação sobre o idioma japonês, e sobre as formas de tradução, é possível deduzir que Yasuyuki Sasaki não traduziu palavra por palavra, mas apresentou o conceito de acordo com o sentido do texto e de acordo com o contexto do vernáculo, possibilitando a compreensão do leitor de forma mais próxima do original, assim, o que chamamos de Tradução Cultural, é uma metáfora da língua, como uma vestimenta, podendo um texto estar ampliado ou reduzido, com sentidos alterados do original pois o tradutor pode adicionar ou subtrair palavras na tradução que mudam o significado original mas permitem ao receptor desta tradução “compreender” o que quer ser dito (BURKE, 2009) por equivalência linguística (BURKE, 2009).

O resultado deste processo de tradução cultural foram as obras que Yasuyuki Sasaki produziu em sua vida, dentro e fora da CEPEUSP e que tinham como meta transmitir o conhecimento do Karate através das tradições marciais do Japão.

Uma característica bastante presente nas obras de Yasuyuki Sasaki é a repetição dos mesmos textos em edições diferentes dos manuais, o que permite percebermos alguns pontos importantes como: a utilização dos manuais como meio de divulgação ideológica do Karate Budo da Nihon Karate Kyokai; reforçar os conteúdos abordados para os participantes que acompanhavam assiduamente as

diversas edições das Clínicas de Estudo do Karate CEPEUSP; permitir aos novos participantes o acesso ao conhecimento teórico do Karate.

Veremos a seguir uma síntese geral dessas obras, pois ver e compreender o que o autor produziu é indispensável para entender as suas intenções de tradução e também compreender as consequências de suas obras, assim como estabelecer diálogos e críticas a respeito destas.

A síntese das obras de Yasuyuki Sasaki que aqui serão apresentadas, estão divididas em seis categorias temáticas de acordo com a semelhança e conexão entre os diferentes assuntos tratados, pois alguns textos de assuntos semelhantes podem ser encontrados em obras diferentes ou em edições diferentes o que podemos ver uma complementaridade entre alguns manuais. Por exemplo, todos os textos que explicam algum conceito das artes marciais japonesas ou da metafísica oriental como os conceitos de *Budo* ( 武道 ), *Ki* ( 気 ), ou *Do* ( 道 ) foram agrupados na categoria chamada “Conceitos e metafísica oriental”; todos os textos relacionados ao tema das práticas, técnicas e táticas estão no grupo “Prática do Karate - e assim sucessivamente todos os textos foram categorizados segundo a semelhança temática e ligação entre os assuntos, que mesmo sendo diferentes assuntos e diferentes textos pertencem ao mesmo eixo temático que o categoriza.

As categorias aqui apresentadas através da análise textual que possibilitou a delimitação destas categorias são: a) Conceitos e metafísica oriental; b) Desenvolvimento humanista; c) Pedagogia, metodologia de ensino e formação de instrutores de Karate; d) Prática do Karate; e) História do Karate; f) Ciência no esporte.

A primeira categoria que apresentaremos irá tratar dos conceitos das artes marciais japonesas usadas no Karate e também conceitos da metafísica oriental que se encontram nas obras de Yasuyuki Sasaki. Como conceitos, entendemos que são todos os capítulos e tópicos referentes a explicações de ideias e de termos utilizadas nas artes marciais japonesas, como os significados de *Budo* (caminho marcial), Ken Tai Ichi (o corpo em ataque e defesa), e também os conceitos ligados às religiões e “filosofias” orientais que chamaremos de metafísica oriental, que são baseadas nas religiões *Taoísta* e *Zen Budista* como os conceitos de *Do* (caminho), *Ki* (energia vital ou energia espiritual), *Fudoshin* (estado inabalável) entre outros abordados pelo autor.

Os textos analisados neste tópico são os seguintes: *Budo*. (SASAKI,1987; SASAKI, 1989); *A filosofia do Budo*. (SASAKI,1991; SASAKI, 1993; SASAKI,1995); *O*

que é Karate-Do Tradicional. (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI, 1995); Conceituação da energia Ki. (SASAKI,1987; SASAKI,1993; SASAKI,1995); Kiai (SASAKI,1991; SASAKI, 1993; SASAKI, 1995); e Temas de nível mental (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI, 1995). Esses conceitos e explicações servem como uma base para compreensão do que seria o Karate japonês, em específico o Karate Shotokan estudado por Yasuyuki Sasaki.

O texto “Budo” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) aparece como um capítulo próprio trazendo explicações sobre esse conceito muito usado nas lutas japonesas contemporâneas, já o texto “A filosofia do Budo” aparece como um tópico do capítulo “O que é o Karate-Do Tradicional.” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) sendo que a temática, filosofia do Budo teve um livro próprio com data de 1984 intitulado “O Karate-Do e as filosofias do Budo” escrito por Yasuyuki Sasaki e que será usado como complemento de pesquisa.

Segundo Yasuyuki Sasaki (1991,1993,1995) por qualquer motivo que uma pessoa venha a aprender Karate, seja para o condicionamento físico ou manutenção da saúde, aspecto lúdicos ou sociais, desenvolvimento motor, defesa pessoal ou pela cultura só poderá ser compreendido pelo termo *Budo* (武道). A palavra *Bu*, é formado pelo radical (𠂇) que representa duas espadas se cruzando em conflito, podendo ser para o bem como para o mal somado ao radical (止) que significa interromper ou parar.

Assim sendo, a soma de 𠂇 com 止 termos a palavra 武 (BU) que significa luta, guerra, marcialidade não somente no sentido direto de combate, mas também no sentido de impedir o combate e o conflito, ou através do conflito atingir a paz.

O segundo ideograma que forma *Budo*, é a palavra, Do (道) ou Tao em chinês, que significa caminho no sentido de busca interior ou espiritual com a prática das Artes Marciais do *Budo*.

Continuando a explicação de Yasuyuki Sasaki através do treinamento das artes do *Budo*, o praticante poderá desenvolver os seus instintos e controlá-los para que não sejam negativos para a sociedade, pois os conflitos existem durante toda a história da humanidade e devemos aprender a conviver e resolver eles quando se tornam presentes em nossa vida. Para isso, com o treinamento desenvolvemos o controle dos sentimentos agressivos de raiva, agressividade, medo, dúvidas e

ansiedade, evitando também os sentimentos do ego, do conflito e da vingança e buscando desenvolver sentimentos de autocontrole, resiliência, equilíbrio físico e mental.

O ponto interessante é que esta explicação do significado de *Budo* está presente no livro “Os vinte princípios fundamentais do Karate. O legado espiritual do Mestre” de Funakoshi Gichin e Genwa Nakasone publicado em 1938 no Japão, em 2003 a edição em inglês e 2006 a edição brasileira (FUNAKOSHI, NAKASONE, 2006); porém Yasuyuki Sasaki não os cita na bibliografia de suas obras, negligenciando a referência.

No texto “A filosofia do *Budo*” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) que é uma seção do capítulo “O que é o Karate-Do Tradicional” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki recorre a dois trechos de textos famosos das Artes Marciais orientais para permitir ao leitor uma compreensão do *Budo*. O primeiro trecho nos diz: “Lutar cem vezes e vencer cem vezes é inferior a vencer sem lutar”, é uma máxima de Sun Tsu do livro “A arte da guerra”.

Lendo e analisando a obra de Sun Tzu, pela tradução de Cardoso (1987, p.127) no capítulo três encontramos essa passagem com a seguinte frase: “Portanto, lutar e vencer em todas as batalhas não é a virtude suprema; esta consiste em quebrar a resistência do inimigo sem combater.” - isso significa que no *Budo* nunca se inicia um combate, mas primeiramente busca se fazer uma leitura do adversário para entender quem ele é, quais as suas intenções, detectar e explorar seus pontos fortes e fracos, com o objetivo de evitar o combate, mas se inevitável conhecendo as falhas do inimigo deve-se atacar nessas falhas com o máximo de força, apagando qualquer intenção do inimigo, ou seja, “quebrar a resistência do inimigo sem combater.”, nesse único movimento o inimigo será derrotado e não haverá combate.

Outra referência da questão encontramos no livro de Funakoshi Gichin e Genwa Nakasone, “Os vinte princípios fundamentais do Karate. O legado espiritual do mestre.” (2006 p.23-26) que traz no capítulo dois o seguinte título: “Não existe o primeiro golpe no Karate.” (*Karate ni sente Nashi* - 空手に先手なし), salientando os princípios da paciência e tolerância ao extremo, buscado evitar o conflito a qualquer custo pois o Karate possui golpes que podem levar a morte do adversário e seria imprudente o uso destes.

Porém, aparece aqui um dos maiores paradoxos das artes do *Budo*, quando o combate é inevitável deve-se defender com golpes controlados ou imobilizações buscando fazer o inimigo desistir de continuar lutando, mas, se houver risco ou perigo fora do controle, um karateka deve recorrer a ação sem restrições, tomando a iniciativa de ataque até vencer o seu inimigo (*Karate ikken hissatsu* - 空手一撃必殺).

Segundo Funakoshi (2006, p.25) explica o conceito de Budo, de forma muito semelhante ao que Yasuyuki Sasaki escreveu em seus livros:

Muitos não conseguem captar o verdadeiro significado que está por trás do segundo princípio a afirmam que todo o Budo se baseia na ideia de golpear primeiro. é muito provável que essas pessoas nem se quer compreendam o que o caractere Bu (武), marcial, é constituído de dois caracteres que significam “deter” (止) e “alabardas” ou “lanças” (戈). Portanto, uma arte marcial detém a luta. Da mesma maneira, o caractere relativo a “resistência” ou “paciência” (忍)<sup>20</sup> é um ideograma derivado de lâmina (刃) sendo sustentada e controlada pela mente ou espírito (心). Funakoshi, 2006, p.25).

O segundo trecho que Yasuyuki Sasaki se refere é sobre a história de um mestre que deve decidir qual dos seus três filhos será o seu sucessor como chefe do *Dojo* (escola de lutas). O mestre testou o primeiro filho, que ao entrar no *Dojo* foi atacado pelas costas. O filho defendeu o golpe e contra atacou com grande habilidade. O segundo filho saiu-se melhor que o primeiro, pois, na hora do ataque ele esquivou. O terceiro filho foi superior aos outros irmãos, pois ao chegar na porta percebeu o perigo e disse: “Mestre, deixe de lado a brincadeira”. Esse filho se tornou o sucessor do seu pai, e mestre no *Dojo*.

Mais uma vez Yasuyuki Sasaki escreve referenciando Funakoshi e Nakasone (2006) em “Os vinte princípios fundamentais do Karate. O legado espiritual do mestre.” no qual nos conta a história de um mestre de *Kendo* (esgrima) também testa os seus três filhos com uma armadilha na porta do *Dojo*, sendo o vencedor o filho mais velho que mesmo com uma técnica de luta inferior aos irmãos, percebeu a armadilha pela

---

<sup>20</sup> O ideograma 忍 é pronunciado como “shinobu”, mas também pode ser pronunciado por Shinobi ou Ninja (忍者) se referindo ao “espião”; o ideograma 忍 também pode ser pronunciado como “Oss”, que significa “aguentar” ou “suportar”, referindo a disposição do Karateka para realizar o treinamento por mais árduo que seja.

mudança do peso da porta e assim pode desarmá-la, enquanto os irmãos usaram das técnicas de luta para sair do perigo.

E Funakoshi (2006, p.33) cita a mais famosa frase de Sun Tzu, e que encontramos no capítulo três da “Arte da Guerra”:

Quando se conhece o inimigo e a si mesmo, não se corre o perigo nem em uma centena de batalhas. Quando se desconhece o inimigo, ainda que se conheça a si mesmo, as possibilidades de vitória ou de derrota são iguais. Quando não se conhece nem o inimigo nem a si mesmo, todas as batalhas serão perdidas. (Sun Tzu, A Arte da Guerra, Capítulo 3, Tradução de Cardoso, 1987, p.128).

Segundo Funakoshi (2006, p.34) diz: “Primeiro conheça a si mesmo e depois os outros.” (*Mazu onore o shire shikashite ta o shire* - 先づ自己を知れ而して他を知れ) uma das características das artes marciais é a busca do autoconhecimento de suas potencialidades física e intelectuais (mentais), estando conscientes de nossos pontos fortes e fracos e compreender como podemos aprimorar e utilizar nossos pontos forte (virtudes) e minimizar nossos pontos fracos (deficiências). Porém, em uma situação de combate é preferível que conheçamos o nosso adversário para evitar o perigo e desenvolvermos a melhor estratégia que nos levará a vitória.

Isso permite desenvolver uma atitude mental de busca constante pelo aperfeiçoamento, sem nunca confundir com excesso de confiança, arrogância ou preconceitos que nos tirem do foco, seja em uma luta ou em qualquer situação cotidiana (FUNAKOSHI, 2006)

Segundo Yasuyuki Sasaki (1991), isso mostra que o *Budo* sempre deu importância para o desenvolvimento da percepção e sensibilidade, a disciplina física e mental pelo treinamento diário que permite a aquisição de uma estabilidade emocional, autoconfiança e disciplina; intuição para pressentir o perigo, antecipar o ataque de um inimigo ou más intenções das pessoas, prevenindo-se contra surpresas; e por último aquisição de hábitos de vida saudáveis e a busca pelo estado Zen (compreensão da existência , paz interior, realização pessoal).

O interessante no discurso de Yasuyuki Sasaki é que ele exalta o *Budo* como um “caminho” ou “via de educação” como um método de educação integral do indivíduo através da prática do Karate ao longo da vida. Para isso cada karateka deve de forma intuitiva, fazer a transferência dos conhecimentos para o seu cotidiano de

acordo com a sua interpretação pessoal e o contexto que vive - característica comum nas artes marciais do oriente.

Porém, existem alguns pontos históricos sobre o *Budo* que Yasuyuki Sasaki não aborda em suas obras, mas que são interessantes para entender esse conceito: a) a transformação do *Bujutsu* no *Budo*; b) influência do *Bushido* no *Budo*.

Primeiramente, temos que entender que as antigas formas de lutas do Japão eram chamadas no seu conjunto de *Bujutsu* (武術) que significam “Artes Militares” ou “Artes de Guerra” no qual incluía uma série de disciplinas como o *Ken-Jutsu* (esgrima), *Kyu Jutsu* (arquearia), *Naginata Jutsu* (alabarda), *Tai Jutsu*, *Ju Jutsu* e *Aiki Ju Jutsu* (combate corporal) além de um grande número de outras “artes” com e sem armas que faziam parte do treinamento dos *Bushi* (guerreiros) e dos *Samurais* (servidores) (REID, CROUCHER, 2003; MARTINS, KANASHIRO, 2010).

No século XIX, quando inicia a Era Meiji (1868- 1912) e a reforma do Japão, com a extinção dos *Samurais* e do *Bujutsu* e a substituição do exército medieval pelo exército moderno as disciplinas marciais deixaram de práticas com o cunho militar e passaram por uma adaptação conceitual e se transformaram em esportes e atividades físicas baseadas nas antigas tradições dos *Samurais* e passaram a ser chamadas de *Budo*. As antigas disciplinas mudaram seus nomes de *Ken-Jutsu* para *Kendo*, *Kyu-Jutsu* para *Kyudo*, *Ju-Jitsu* para *Judo* - ou seja retiraram o termo *Jutsu* ou “arte” no sentido de arte de guerra e passaram a adotar o termo *Do* com o sentido de “via”, “caminho” ou “método”. (REID, CROUCHER, 2003; MARTINS, KANASHIRO, 2010).

Além do *Budo* Clássico, após a Segunda Guerra Mundial também se desenvolveu o *Budo* Moderno com artes como o *Shorinji Kempo*, o *Nihon Kempo*, técnicas de lutas militares e policiais como o *Taiho-Jutsu* (imobilização policial) e *Keijo-Jutsu* (luta de porrete e escudo) usada pela polícia de choque (REID, CROUCHER, 2003).

O segundo ponto é que Yasuyuki Sasaki não dedicou nenhum capítulo em específico ao *Bushido*, “O Código do Guerreiro Samurai”, porém ele faz referências diretas a elementos do *Kendo* que nos permitem conexões com o *Bushido* e com o Confucionismo. Segundo Costa (2019), tanto no Confucionismo como no Código *Bushido* e no *Budo* a finalidade é a mesma, ou seja, a formação de um homem nobre ou cavalheiro, um “cidadão útil para a sociedade”.

Considerando o desenvolvimento dessa temática Yasuyuki Sasaki faz referências diretas somente ao conceito do *Budo* e perde a oportunidade de ampliar o escopo da temática, levando ao leitor um conhecimento importante para a compreensão do conceito, como por exemplos: a) a distinção entre o *Bujutsu* e o *Budo*; b) a influência do *Bushido* no conceito do *Budo*; c) a caracterização do *Budo* como uma forma de manter as tradições; d) a esportivização do *Bujutsu* como parte do processo civilizatório e de manutenção das práticas do passado de acordo com o contexto histórico e social do Japão na época em que estas artes foram adaptadas.

No decorrer da disseminação do Karate pelo mundo, foram criadas muitas variações do Karate, em especial nos Estados Unidos como o *Karate Full-Contact* e o Kickboxing, o que ocasionou tensões e rupturas entre os mestres e os praticantes.

Por exemplo, segundo Bartolo (2014) no ano de 1987 foi criada a Confederação Brasileira de Karate, filiada a World Karate Federation (Karate Olímpico) quem tinha como objetivo tornar o Karate um esporte olímpico, e no ano de 1988 foi criada por mestres japoneses que moram no Brasil a Confederação Brasileira de Karate-Do Tradicional, com a meta de manter o Karate no modelo japonês. Entre os defensores do modelo “Tradicional” encontramos Yasuyuki Sasaki como um dos fundadores que estavam ligados diretamente a International Traditional Karate-Do Federation, liderada por Hidetaka Nishiyama sensei (1928-2008), um dos últimos alunos vivos de Funakoshi Gichin no início do século XXI.

Com essa divisão no Karate Mundial, nos anos de 1990, se difundiu muito no Brasil e no mundo o conceito de Dento Karate-Do (伝統空手道) ou “Karate-Do Tradicional”, através do crescimento da International Traditional Karate-Do Federation (ITKF), em oposição ao chamado Karate Olímpico, difundido pela World Karate Federation.

Com esse fato aumenta as tensões políticas e ideológicas entre os karatekas, em especial a oposição de muitos mestres japoneses pelo excesso de esportivização do Karate, no qual argumentam a sua descaracterização, e passa a ser mais um espetáculo de socos e chutes com um placar eletrônico com sistema de golpes pontuáveis. Em oposição ao movimento olímpico do Karate, os chamados “Tradicionalistas”, (sendo que muitos não condenam as competições) ou defendem o sistema de competição chamado “*Shobu Ippon Kumite*”, que se trata de uma disputa com o objetivo de marcar um *Ippon*, ou seja, um golpe aplicado com perfeição,

controle, segundo o conceito de *Budo* e não substituído pelo conceito de pontos do Esporte - isto definiria o que seria o “Karate Tradicional” e o que o diferencia de outros modelos de Karate (ROSA, 2020).

Segundo Yasuyuki Sasaki em seu capítulo “O que é o Karate-Do Tradicional” (SASAKI, 1991; SASAKI, 1993; SASAKI, 1995) ele recorre novamente ao conceito de Budo como um “Caminho Marcial” que tem como objetivo a formação do ser humano e o controle da violência por meio de uma disciplina de vida para formar cidadãos úteis à sociedade.

Yasuyuki Sasaki, no desenvolvimento do capítulo, ilustra que, diferente da Europa que sempre recorreu ao uso de armas durante a sua história, em Okinawa, por questões políticas, foi proibido o uso de armas e, por influência das lutas chinesas em especial do *Chuan-Fa*, foi desenvolvido uma luta sem armas chamada de *Kime* ou *Shime*, que chega ao Japão continental e recebe o nome de *Karate-Budo*, que foi “enriquecido” com as filosofias do *Budo*, com os princípios de ensino, luta e de treinamento do Kendo (esgrima esportiva japonesa).

Essa é uma das únicas passagens ao qual Yasuyuki Sasaki faz referência a Okinawa, porém não faz nenhuma menção ao Karate okinawano, afirmando o discurso que o Karate é uma arte japonesa com origem em Okinawa e influência chinesa. Outro ponto interessante é que a afirmação feita por Yasuyuki Sasaki, que também é considerado como argumento verdadeiro pela “história oficial” ou “história imaginária” e difundida do Karate é que em Okinawa não havia o uso de armas, o que é uma informação falsa, pois segundo Y.Shinzato (2011) em Okinawa existia a casta guerreira dos *Peichin* (equivalentes aos Samurai do Japão) que praticavam diversas artes marciais incluindo a luta armada, mas, é verdadeiro o decreto do Imperador Sho Shin no qual banuiu o porte e o uso de armas em público e isso teria influenciado os okinawanos a desenvolverem o treinamento de luta com e sem armas às escondidas para não sofrerem punições das autoridades. Muitas dessas armas eram ferramentas agrícolas, de caça ou pesca que já eram usadas na China como meio de defesa pessoal pelos camponeses, diferente dos *Peichin* que usavam técnicas de luta corporal (*Chuan-Fa*, *Udunti*, *Tegumi*) e armas da nobreza como espadas, escudos e lanças, além das armas do ‘*Okinawa Kobudo*’ como bastão, tonfa, remos, lanças, nunchakus e foices.

Isso mostra a ideologia ultranacionalista dos japoneses, e que se encontra presente implicitamente no discurso do texto de Yasuyuki Sasaki, no qual exalta o modelo de educação baseada nos Samurai, modelo este que alguns estudiosos como Nunes (2011) em sua pesquisa nos traz evidências que o modelo do Samurai conhecido internacionalmente como um guerreiro guiado pelos princípios éticos e morais do código *Bushido* foi uma invenção da Era Meiji, com objetivos de inventar uma tradição que permitisse estabelecer a identidade nacional japonesa e o Japão ser visto como um país civilizado pelas potências econômicas europeias no qual estavam realizando acordos comerciais entre o oriente e ocidente.

Dando continuidade à categoria referente aos Conceitos e Metafísica Oriental, agora apresentaremos e analisaremos alguns conceitos presentes nas Artes Marciais orientais e que se diferem dos apresentados até agora, como *Budo*, Karate Tradicional. A compreensão desses conceitos são pontos-chaves para entender o Karate de Yasuyuki Sasaki e sua visão, que corresponde no desenvolvimento físico corporal, mental e espiritual do praticante.

Yasuyuki Sasaki, neste capítulo chamado “Energia Ki”(SASAKI, 1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) vem nos explicar o conceito do “Ki” (氣), como sendo “[...] a energia da total determinação para atingir um objetivo que nos faz confiantes, livres, dispostos ao invés de tensos, inseguros, com pensamentos descoordenados, desanimados e nervosos.”, no qual nas Artes Marciais essa energia se manifesta como uma energia instintiva mas sem ser agressiva ou animal, mas uma manifestação de vitalidade, inteligência, razão, senso artístico, e sensibilidade.

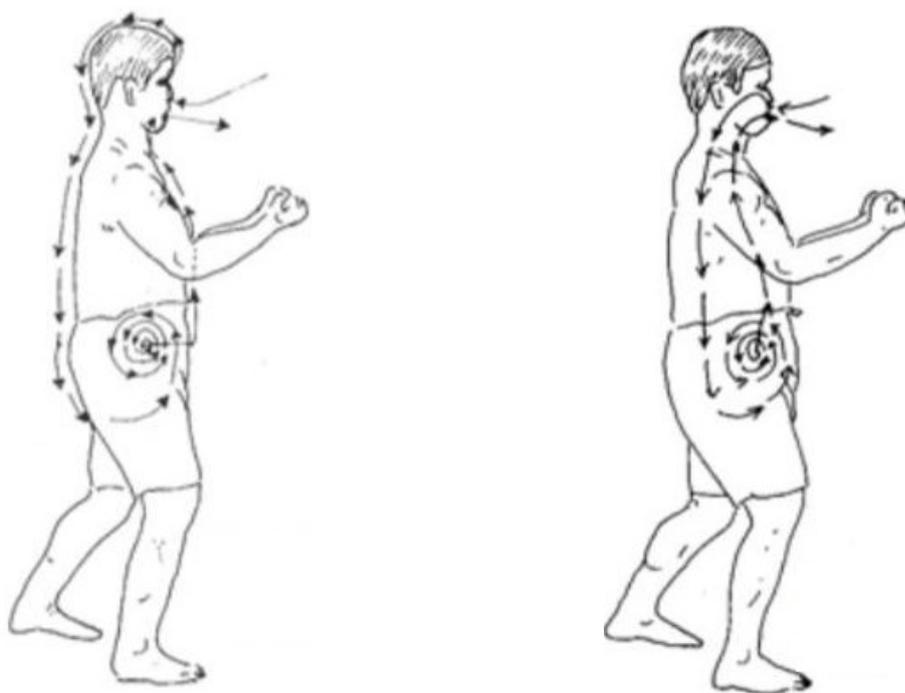
Conforme Yasuyuki Sasaki, o “Ki” também pode ser direcionado para outras atividades humanas do cotidiano, como estudo, trabalhos, arte, relacionamentos, porém se mal utilizada poderá trazer prejuízos para o corpo e a mente.

No livro “O Karate-Do e as filosofias do Budo” Yasuyuki Sasaki (1984) define o Ki como uma energia mental e não mecânica, que dá origem a toda a ação do homem, pelo controle mental ou psicológico, que fortalece a força de vontade e poder de decisão. Além disso, Yasuyuki Sasaki escreve que essa energia pode ser adquirida através do treino do Karate, porém, não escreve nenhuma informação sobre outra forma de como treinar ou armazenar essa energia, muito menos utilizou de ilustrações da medicina oriental que ilustram essa energia no corpo humano, ou de como ela pode ser usada na luta.

Para compreendermos melhor e ampliando o escopo abordado por Yasuyuki Sasaki, o cultivo do Ki é uma prática chinesa tanto das artes marciais como da medicina. Segundo Liao (2003) o *Ki* ou *Ch'i* (em chinês) significa “ar”, “vida”, “movimento”, “energia”, em especial para as Artes Marciais significa “energia intrínseca”, “energia interna”, “energia suprema”, ou seja, uma “Energia Vital” presente em todas as coisas do universo.

Nas Artes Marciais e medicina chinesa, o *Chi-Kung* é praticado como uma técnica do cultivo do *Ki*, para que possamos aumentar os níveis dessa energia e utilizá-la para a saúde mantendo o equilíbrio do corpo e da mente, para curar doenças, assim como usar para aumentar a performance nas práticas.

Figuras 1 e 2, concentração da energia Ki.



Fonte: Estudos sobre el Kata Sanchin (CASTANHO, 2005 p.14-15).

Observando as ilustrações 1 e 2 referentes a captação, concentração e circulação da energia Ki, vemos na figura 1 (da esquerda) a captação do Ki, já a figura 2 ilustra a circulação interna da energia. Observe que no Tandem (ou Centro de Gravidade, CG.) é onde há a maior concentração de energia (CASTANHO, 2005)

Liao (2003), Crompton (2002) e Kit (2004) descrevem o Ki e o seu desenvolvimento pelo *Chi-Kung* (*Ki Jutsu*, em japonês) através de uma série de exercícios de respiração diafragmática e abdominal, concentrando o ar na região

abdominal chamada de *Tanden* (丹田) que segundo o pensamento oriental se encontra o chakra espiritual e onde habitaria o nosso espírito - esse *Tanden* seria o ponto equivalente ao que na biomecânica chamamos de Centro de Gravidade.

A ideia do uso do *Ki* nas Artes Marciais seria que através da respiração seja possível uma concentração extra de energia no *Tanden*, que, depois de concentrada essa pudesse circular em todo o corpo ou direcionar para um ponto específico, nesse caso, liberada durante o golpe ampliando a potência, velocidade e impacto. Essa liberação de energia na luta é o *Kiai* e o *Kime*.

Nas edições de 1991, 1993 e 1995, Yasuyuki Sasaki repete o texto sobre o conceito de *Ki* e da concentração de energia no *Tanden*, outro texto interessante e que dá continuidade ao tema é sobre o *Kiai* (氣合) ou “grito” (SASAKI, 1991; SASAKI, 1993; SASAKI, 1995) que é um mecanismo de liberar a energia *Ki* durante uma luta, ampliando as capacidades físicas e o foco como uma expressão do corpo inteiro.

No livro “O Karate-Do e as filosofias do *Budo*” (SASAKI, 1984), Yasuyuki Sasaki define o *Kiai* como um “Grito de Guerra” pode ser aplicado de três formas, antes de executar um golpe para acumular energia, durante o golpe para aumentar a potência e velocidade do golpe, ou no final do golpe como forma de recuperação da energia após o ataque. Sasaki se limita ao explicar o *Kiai* como uma concentração energética que é liberada em forma de um grito durante a luta, e da mesma forma que no tópico acima ele não amplia o escopo do estudo - em especial de como transmitir essa energia a partes específicas do corpo como mão e pés, ou nos golpes, estudo muito comum nas lutas chinesas.

Destaca-se nos escritos de Yasuyuki Sasaki, por exemplo na obra de 1993, que o capítulo dois é dedicado ao conceito de *Ki*, e o capítulo que ele trata do *Kiai* é o capítulo quatorze - o tema do *Ki*, *Kiai* se situam no mesmo eixo de conhecimento e são estudados em conjunto nas Artes Marciais. O que é estranho não os apresentar juntos em um mesmo capítulo ou em uma ordem lógica, primeiro apresentando o conceito de *Ki* seguido pelo *Kiai*.

Outro ponto relevante é que não aparece em nenhum escrito de Yasuyuki Sasaki é o conceito de *Kime* (気め - decisão) que seria a transmissão da energia *Ki* (mental) unida ao *Tai* (体 - corpo) ou *Ryoku* (力- força física) durante o golpe para

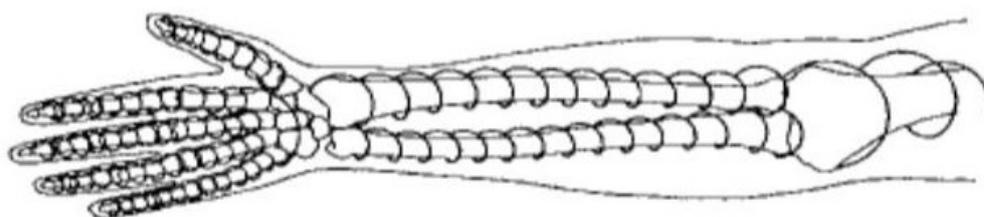
decidir o combate - em nosso idioma poderia ser traduzido como foco ou potência do golpe.

Liao (2003), Crompton (2002) e Kit (2004) explicam que o *Kiai* é a transmissão da energia Ki durante o golpe, podendo ser em forma de grito ou através da inspiração e expiração com contração abdominal que somada a força e potência muscular ampliam a velocidade e impacto dos golpes (*Kime*). Caso não utilize o Ki durante a execução de um golpe, este se limita apenas ao uso da força muscular (*Ryoku*). Assim, o *Kiai* é o uso do Ki como respiração ou grito para o acúmulo ou transmissão energética, já o *Kime* é a união da força Ki com a força muscular em foco e potência máxima na execução do movimento.

Segundo Liao (2003) e Kit (2004) existem muitas formas de treinamento através do *Chi Kung* (exercícios de *Ki*, *Ki-Jutsu* em japonês), como técnicas de respiração, meditações, ginásticas, exercícios de coordenação motora e respiratória e a transferência destes para as práticas de luta.

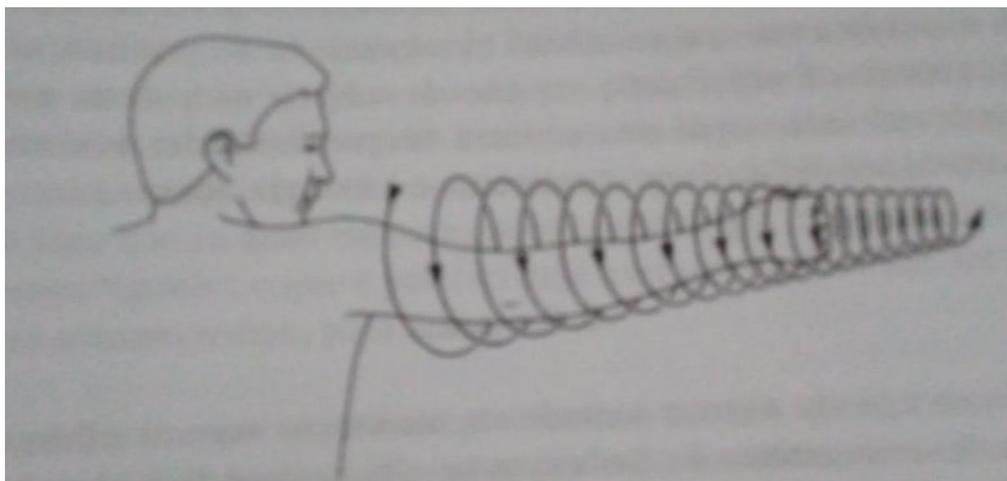
Alguns *Kata* do Karate de Okinawa, em especial o *Sanchin* (presentes nas escolas *Goju-Ryu* e *Uechi-Ryu*) é praticado com o propósito do desenvolvimento muscular e da energia Ki pelo controle respiratório que o Karateka desenvolve com a sua prática e depois é transferido essa habilidade para outras técnicas (CASTANHO, 2005).

Figura 3. Circulação interna da energia Ki no braço.



Fonte: Estudios sobre el Kata Sanchin (CASTANHO, 2005 p.17).

Figura 4. Transmissão da energia Ki durante um golpe causando o Kime.



Fonte: Meditação em movimento. Ba-Gua a arte marcial do I-Ching  
(CROMPTON, 2002 p.156).

Dando continuidade à categoria dos “Conceitos e Metafísica Oriental”, veremos um dos capítulos mais interessantes nos escritos de Yasuyuki Sasaki é quando ele explana sobre os “Temas de nível mental” para o Karate (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), escrito em dezoito tópicos conceituais baseado no escopo Kendo (esgrima esportiva japonesa) e que fazem parte do Karate japonês. Uma análise de cada conceito, se faz desnecessária para esta pesquisa, pelo volume de informações, por isso, será abordado apenas alguns tópicos, mas de forma que permita analisar o contexto geral do capítulo em uma amplitude adequada para o objetivo.

Esses conceitos tiveram origem nas antigas artes do *Bujutsu* e foram preservadas no *Budo* pelo *Kendo* e adaptadas ao Karate quando este chega ao Japão em 1922. O interessante é que estes conceitos possuem uma relação com a prática do Karate (assim como das artes do *Budo* no geral).

Primeiro apresentaremos o conceito de *Zanshin* (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) que seria o “estado de reserva espiritual” que corresponde ao que conhecemos por “foco”, “alerta” ou “nível de atenção”. Segundo Yasuyuki Sasaki, nada em nossas vidas deve ser negligenciado ou acompanhado de descuidos, por isso, devemos sempre estar em alerta, seja na competição quando achamos que estamos ganhando a disputa e relaxamos diante do oponente

permitindo que ele reaja ou reverta o resultado; seja na defesa pessoal onde podemos encontrar mais de um adversário, ou, até mesmo em nossa organização financeira onde é prudente uma reserva para uma situação inesperada.

Outro conceito bastante interessante é o da frase: “*Ken Tai Ichi*” (剣体一) (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), que significa: “O corpo e a espada são uma unidade.” e que em alguns *Dojo* de Karate se substitui o ideograma *Ken* (剣) ou “espada” por *Ken* (拳) “punho” ficando a frase com a mesma pronúncia “*Ken Tai Ichi*” (拳体一), onde “O corpo e o punho são uma unidade” se referindo ao uso correto de todo o corpo durante o golpe (biomecânico). Muitas vezes é visto no *ethos* do Karate incluir o *Ki* (気) na frase ficando *Ki Ken Tai Ichi* (気剣体一) “O espírito, a espada e o corpo são uma unidade” ou (気拳体一) “O espírito, o punho e o corpo são uma unidade” se referindo por analogia a uma idéia “monista” onde o homem é percebido como um todo e não por partes separadas.

Yasuyuki Sasaki nos explica de outra maneira esse conceito. Um lutador deve conservar sua motivação para lutar e atacar, porém, não deve se preocupar somente em atacar pois poderá ter falhas na defesa ou no contra-ataque. Aqueles que lutam defensivamente devem manter cuidado para não perderem oportunidades de ataque ou contra-ataque, nem serem surpreendidos - por isso Yasuyuki Sasaki nos explica que o “*Ken Tai Ichi*” é um estado de equilíbrio mental e emocional do lutador tanto na percepção do ataque como a percepção da defesa e que deve ser utilizado junto com o *Zanshin* (comentado anteriormente).

Além desses dois conceitos que apresentamos, Yasuyuki Sasaki (SASAKI, 1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) escreveu sobre mais dezesseis conceitos, de origem no *Bujutsu* e no Zen, e que são aplicados nas artes do *Budo*, como já dito em especialmente no *Kendo*. Dentro desses temas podemos citar os conceitos de: 1- *Kurai* (Grau de virtude); 2- *Sutemi* (Desprendimento); 3- *Sansatsuho* (Estratégias); 4- *Shu-Ha-Ri* (obediência, ruptura, expansão); 5- *Heijoshin* (naturalidade); 6- *Shi-Shin Ho-Shin* (Aprisionamento e liberdade mental); 7- *Munem Musso* (Vazio de pensamento e vazio nas intenções); 8- *Metsuke* (Como olhar e observar); 9- *Kyo Jitsu* (Falhas e oportunidades); 10 - *Kamae* (Postura); 11- *Meykio* (Espelho limpo); 12- *Shissui* (Água limpa); 13- *Fudoshin* (Estado inabalável); 14- *Mitsu no Koki* (As três chances); 15- *Sen-no-Sen, Tai-no Sen, Go-no-Sen* ( Antecipação, choque, defesa);

16- *Shin, Ki, Ryoku* ( Mente, energia, corpo) (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995).

Yasuyuki Sasaki traduz para o português esses conceitos e os escreve de forma sintética, em uma média de dois a quatro parágrafos por texto. Outra característica é que todos eles foram escritos de uma maneira bastante simples para o entendimento dos brasileiros, sem aprofundamentos com o pensamento oriental, porém, Yasuyuki Sasaki sempre esclarece a relação do conceito com a prática da luta no Karate.

Esses conceitos sugerem uma “metafísica oriental”, baseada no Zen, e que se faz presente nas artes marciais japonesas e que norteiam a educação dos Samurais desde o século IX. Segundo Costa (2019), um “Bushido Clássico” criado entre os séculos IX e XII d.C. e consolidado no século XVII d.C por uma síntese do Budismo, Shintoísmo, Taoísmo e Confucionismo que se complementam para a formação do *Bushido*. Segundo Roberts (1976) nos explica que no século XVII a educação dos jovens que se tornaram Samurais era realizada pelos monges Zen.

Segundo Santos (2011), foi nesse período onde o Zen se conecta ao *Bujutsu* pelo código Bushido, que se desenvolveu o período mais criativo no Japão, tanto das Artes Marciais como da literatura Samurai, pela publicação das reflexões de muitos monges, mestres e guerreiros, como as obras Gorin No Sho de Myamoto Musashi (Séc. XVII); A Mente Liberta de Shoho Takuan (Séc. XVII) Bushido Shoshinshu de Daidoji Yuzan (Séc. XVIII) e o Hagakure de Yamamoto Tsunetomo (Séc. XVIII).

O desenvolvimento intelectual dos Samurais no século XVII através do Zen possibilitou na Era Meiji quando as lutas do *Bujutsu* se transformaram no *Budo*, incorporar a educação do Samurai como um modelo de formação continuada, visando o desenvolvimento dos seus adeptos, principalmente nas habilidades e capacidades físicas, aliada a uma educação moral.

O diálogo que faremos neste momento com Yasuyuki Sasaki, é referente aos temas da categoria de textos denominada Desenvolvimento Humano, que em seus textos foram abordados nos nove textos a seguir: Karate-Do, por que treinar? (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); O Karate estilo Shotokan e os seus objetivos. (SASAKI, 1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); Shu-Gyo - Como buscar através da prática o aprimoramento. (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); Os benefícios da prática correta. (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); A

verdadeira evolução das artes marciais. (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); As fases evolutivas dos praticantes de Karate.(SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); A prática correta das artes marciais beneficia a sua personalidade.(SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); Abertura da mente humana em quatro dimensões de olhar Zen.(SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); Opinião dos praticantes de Karate sobre os benefícios e malefícios advindos do Karate (SASAKI,1987;SASAKI,1989;SASAKI,1993;SASAKI,1995); que segundo a análise das obras e metodologia desta pesquisa nos mostra neste conjunto de textos uma temática preocupada em apresentar o Karate como uma “filosofia de vida” capaz de contribuir para o desenvolvimento da vida dos praticantes como um projeto ou estilo de vida.

No primeiro texto que vamos trazer, chamado "Karatê-Do por que treinar?" (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki, inicia esse capítulo contando a história de José e Pedro, dois fortes karatekas que em uma sessão de treino se desentenderam e transformaram um exercício de luta em uma briga, que foi separada pelo professor - após isso, Pedro acerta golpes fortes em Carlos, um outro colega - porém, se dando conta da situação, Pedro pede desculpa aos colegas. O que Yasuyuki Sasaki quer ensinar com isso?

Possivelmente, que esse tipo de acontecimento é fato comum nas academias de luta, por isso, para Yasuyuki Sasaki, os professores devem orientar os alunos iniciantes e também os mais avançados sobre os preceitos filosóficos do Karate para uma compreensão maior dos objetivos do treinamento.

Por isso, para Yasuyuki Sasaki, é necessário que todos respeitem cada participante de uma aula de Karate, pois cada pessoa tem objetivos diferentes ao optar pela prática do Karate, como saúde e condicionamento físico, a defesa pessoal, ou obter equilíbrio interior.

Segundo Sasaki (1991,1993,1995), para atingir esses objetivos, devemos estudar o legado dos grandes mestres de Karate em suas obras escritas, lendo-as atentamente e colocando em prática os seus princípios para que possamos transferir esse conhecimento às nossas experiências.

Isso nos deixa claro que o Karate, além de uma luta de defesa pessoal, é um esporte e também considerado um mecanismo de educação para os praticantes, tendo seus objetivos pedagógicos bem definidos, conforme Yasuyuki Sasaki.

O texto “O Karate estilo Shotokan e os seus objetivos.” (SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki vem transmitir algumas informações obtidas nas pesquisas de S.Fujiwara, a respeito da história do Karate Moderno no qual afirma que Mestre Funakoshi Gichin introduz o conhecimento filosófico Zen no Karate ao visitar o templo Enkaku-Jin e consultar os Mestres do templo; e com isso incorporou no Karate aspectos do estilo japonês de viver e de pensar, no qual, através da expressão artística de sentimentos e sentidos, buscam a evolução do espírito e do corpo transformando o Karate em sensibilidade e arte.

**Continuando o texto e o pensamento de Yasuyuki Sasaki** (SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) que nos diz que Funakoshi salienta a conotação educacional do Karate para formar da melhor maneira o caráter e a personalidade do indivíduo, explorando as capacidades individuais, a autoconfiança, persistência, paciência, disposição física e controle emocional, superando os sentimentos negativos do ego, como o medo, dúvida, ansiedade, depressão, ódio, inveja, egoísmo, extremismo ideológico, político ou religioso.

Este tipo de pensamento é um dos **DOGMAS** das artes marciais japonesas e chinesas, onde os praticantes de diversas modalidades por influência do Zen consideram que a prática do *Budo* nos conduziram a um estado e condições físicas e mentais diferenciadas de um indivíduo não treinado, assim como prevenir ou até curar doenças, pois no oriente muitos mestres das lutas aprendem a medicina em paralelo as artes marciais; principalmente no interior da China, onde ainda é possível ver nos fundos de uma farmácia ou clínica de medicina tradicional, uma sala de treinamento onde se pratica quase que secretamente alguma arte marcial, seguindo a tradição do segredo.

Por exemplo alguns trechos de autores como Roberts (1968 p.15-16) escreve da seguinte forma sobre o tema:

Este código influenciou durante muito tempo o espírito dos nobres samurais e ensinou, até os nossos dias, aos japoneses as suas virtudes cavalheirescas. Depois do século XII, uma seita budista (Zen) educou a elite dos guerreiros. Para ela nada de doutrinas nem de dogmas; uma só coisa

contava: a realidade. O fim visado pelo Zen era conduzir todos os indivíduos a um estado mental especial chamado satori.

O indivíduo perdia a consciência do SER e alcançava o universo duma maneira intuitiva. Para chegar a este estado total de libertação, o discípulo devia dedicar-se a uma ascese extraordinária. Por que razão se interessaram os samurais pelo Zen? Primeiro, porque o treinamento no Zen libertava-os das ideias pré-concebidas, das angústias, do egoísmo e do medo da morte. Mas também porque a ascese Zen, libertando o indivíduo, permitia-lhe a acção directa. O acto espontâneo, sm acção da consciência, assim era possível. Isso devia melhorar consideravelmente toda a acção humana e, em particular as técnicas marciais. (ROBERTS, 1968, p.15-16).

Já Funakoshi Gichin (2000 p.8), considera o Karate terapêutico e até mesmo como uma vantagem na manutenção da saúde física e longevidade:

Não é exagero afirmar que quase todos os noventa anos de minha vida foram dedicados ao Karatê-dô. Até certo ponto, fui um bebê doentio e uma criança frágil; por isso, quando ainda era pequeno, recebi a sugestão de que para superar essas deficiências eu deveria estudar karatê. Aceitei a sugestão, mas com pouco interesse no início. Entretanto, durante a segunda metade dos meus anos de escola primária, depois que minha saúde começou a melhorar sensivelmente, meu interesse pelo karatê começou a crescer. Em pouco tempo, descobri, ele havia me enfeitado. Lancei-me todo inteiro, mente e corpo, coração e alma, à tarefa de dominá-lo. Havia sido uma criança débil, irresoluta, introvertida; ao chegar à idade adulta, sentia-me forte, vigoroso, decidido. Ao fazer um retrospecto das nove décadas de minha vida —da infância à juventude, passando pela maturidade até a (usando uma expressão de que não gosto) velhice — percebo que é graças à minha devoção ao Karatê-dô que nunca precisei consultar um médico. Em nenhum momento da minha vida tomei qualquer remédio: nada de pílulas, de elixires, nem sequer uma única injeção. Nos últimos anos, meus amigos me acusaram de ser imortal; é uma brincadeira a que posso somente responder, seria, mas simplesmente, que meu corpo foi tão bem treinado que repele qualquer tipo de doença ou moléstia. (FUNAKOSHI, 2000, p.9)

Assim sendo, **reza a lenda**, que Yasuyuki Sasaki tinha a crença que o Karate e o Zen eram terapêuticos contra doenças, em especial pela técnica de alinhamento de *Chakras* e concentração da energia *Ki*, e que Yasuyuki Sasaki usava essas práticas para curar dores estomacais, e o Karate como fortalecimento do corpo - porém, o resultado dessa crença foi o diagnóstico de câncer no estômago no ano de 2016, que ocasionou o seu falecimento no ano seguinte.

É evidente que o esporte em geral e a atividade física desenvolvem as capacidades físicas dos praticantes, assim como auxilia na melhoria e manutenção das capacidades psíquicas, mentais e na qualidade de vida, proporcionando a longevidade das pessoas ativas como apontam inúmeras pesquisas científicas como as de Mota (2016), Lima L.M. (2016) e Lima P.H.A. (2018) que apresentam resultados importantes sobre os benefícios do Karate para idosos.

Dessa forma fica óbvio que é irracional e perigoso manter essas crenças, pelos equívocos e perigos que elas ocasionam caso sejam utilizadas como forma exclusiva no tratamento de doenças, porém, será na educação física, medicina e na psicologia que iremos encontrar o auxílio necessário para a manutenção da nossa saúde, qualidade de vida e longevidade, o que não exclui o Karate nem as práticas alternativas da cultura oriental como forma complementar de tratamento para a saúde.

Para concluirmos esse ponto, Yasuyuki Sasaki enfatiza que o objetivo do Karate Shotokan é a formação integral do ser humano nos aspectos físicos, morais e espirituais (mentais ou psicológicos), “auxiliando na evolução do ser humano”, porém somente através da prática do Karate se atingirá o aprimoramento.

Segundo Yasuyuki Sasaki, somente através da prática se atinge o aprimoramento. O “Shu-Gyo” ou “a prática correta do Karate” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) vem atuar principalmente na formação da personalidade humana desenvolvendo valores morais como liderança, determinação e responsabilidade; nos aspectos físicos desenvolve as capacidades físicas de força, agilidade e flexibilidade entre outras; nos aspectos psíquicos e mentais o Karate desenvolve estabilidade emocional, resiliência, concentração e foco.

Por isso, o Karate não pode ser visto somente como um esporte de socos e chutes, e esta visão distorcida da arte só contribui para equívocos e acidentes - a prática correta exige uma visão mais ampla do ser humano e de suas potencialidades em todas as suas dimensões, só assim é possível colaborar com o desenvolvimento humano de forma harmônica.

Em pesquisas como de Aquino (2011) Rigoni, Belém e Vieira (2017), Ciampolini et al (2020), Tozetto et al (2020) entre outras, apontam que atualmente muitos esportes buscam inserir uma série de valores para a formação dos alunos, em especial para as crianças e jovens através de programas ou métodos, como o “Desenvolvimento Positivo de Jovens”, que foi criado por psicólogos americanos nos

anos de 1990, que visa a formação de adolescentes pelo esporte em um ambiente de experiências positivas que venham otimizar seus pontos fortes e um forte incentivo a transferir essas experiências a outros ambientes (RIGONI, BELÉM, VIEIRA 2017).

No oriente é comum e explícito que durante o aprendizado das lutas em geral, outros estudos de formação humana, como filosofia, etiqueta, artes e medicina sejam incluídos no currículo dos alunos (ROBERTS, 1968), como um projeto de vida muito parecido com o atual desenvolvimento positivo de jovens.

O Karate, por exemplo, na tradição de Okinawa é fundamentada no Confucionismo e na tradição japonesa o Bushido como referência na educação dos jovens e que tem como meta a educação integral dos indivíduos e a formação de pessoas úteis à sociedade (COSTA 2019); porém sabemos que atualmente nas artes marciais em especial no ocidente, as artes marciais são ensinadas muito mais como um esporte do que como uma tradição, o que limita aos praticantes uma relação entre **técnico e atleta** durante todo o processo de formação na modalidade e não uma relação de **mestre e discípulo** que seriam seguidores de uma tradição imutável e inquestionável como apresenta Fernandez (1991), mas os estudos sobre o DPJ apresentados nos parágrafos acima nos comprova que o esporte também é uma ferramenta eficiente para a formação de crianças e jovens para a vida.

Segundo o *ethos* do Karate, é explícito nos *Dojo* o que é chamado de *Dojo Kun* (道場訓), que pode ser traduzido como “normas da escola” ou “moral da escola”, que se diferem em cada estilo, de acordo com a percepção moral do Mestre fundador. No Karate Shotokan, praticado por Yasuyuki Sasaki o Dojo Kun é formado por cinco máximas, que todos os karatekas citam em voz alta no final das aulas e treinamentos:

- Esforçar-se para a formação do caráter;
- Fidelidade ao verdadeiro caminho da razão;
- Criar o espírito do esforço constante;
- Respeito acima de tudo;
- Conter o espírito da agressão (Sasaki, 2000, p.05; 2010, p.18-29).

Desde o final do século XIX, quando o Tode (Karate) deixa a clandestinidade e é adaptado para as escolas com método de Educação Física e formação moral dos alunos, é desde este período que muitos professores e mestres já tinham uma preocupação com os aspectos pedagógicos e educacionais dos alunos.

Os relatos de Funakoshi (2000, p.17) mostram essa relação do Karate com a pedagogia e a formação educacional dos karatekas:

Quando comecei minha carreira pedagógica, havia quatro categorias de instrutores de escola primária: aqueles que ensinavam para as classes mais elementares, aqueles que lecionavam para as turmas mais avançadas, os que eram responsáveis por cursos especiais e os que serviam como assistentes. Naquela época, eram compulsórios quatro anos da escola primária. Os professores da primeira categoria davam aulas para a primeira e a segunda séries, enquanto os professores da categoria mais adiantada estavam qualificados a assumir as duas últimas séries obrigatórias, a terceira e a quarta, como também as séries ulteriores (de quinta a oitava), que não eram compulsórias. Embora, inicialmente, eu tenha sido contratado como assistente, pouco tempo depois fui aprovado nos exames que me qualificaram para atuar como instrutor das séries iniciais. Fui então transferido para Naha, a sede da prefeitura de Okinawa. Considerei essa transferência, que na verdade foi uma promoção, um acontecimento dos mais felizes, pois me possibilitou dispor de mais tempo e de maior oportunidade para a prática do karatê. (FUNAKOSHI, 2000, p.17).

Continuando o relato de Funakoshi (2000) e Stevens (2007) sobre a relação do Karate com a educação, foi no ano de 1892, quando o comissário de educação do governo japonês Shintaro Ogawa, esteve em Okinawa, onde foi recebido com uma apresentação organizada pelo Mestre Yasutsune Itosu (professor de Funakoshi). Ogawa em seu relatório recomendou o Karate para a Escola Ginásial e para a Escola de Candidatos a Oficial. Em 1902, Ogawa volta a Okinawa onde Funakoshi realiza uma nova apresentação, seu relato diz o seguinte:

Pelo que me lembro, foi no primeiro ou segundo ano deste século que Shintarô Ogawa visitou nossa escola; Ogawa era então inspetor escolar da prefeitura de Kagoshima. Entre as várias apresentações que haviam sido preparadas em sua homenagem estava uma demonstração de karatê. Ele ficou muito impressionado com essa exibição, mas foi somente mais tarde que fiquei sabendo que depois de seu retorno de Okinawa, apresentou um relatório detalhado ao Ministério da Educação, elogiando entusiasticamente as virtudes da arte. O resultado do relatório de Ogawa foi que o karatê passou a fazer parte do currículo da Escola Secundária da Prefeitura de Daiichi e da Escola Normal para Homens. (FUNAKOSHI, 2000, p.38-39).

Com esse fato, o Karate deixa de ser uma arte clandestina e se legitima como meio de educação, suas técnicas foram adaptadas para a escola, retirando golpes e

técnicas perigosas que pudessem causar lesões ou acidentes; os *Kata* foram simplificados para que as crianças menores pudessem aprender; Funakoshi (2000) relata isso, buscando argumentar sobre as modificações necessárias do Karate objetivando seu benefício na educação das crianças e jovens:

Depois de perceber que obteria sucesso no empreendimento de alterar mãos “chinesas” para mãos “vazias”, dei início a outras tarefas de revisão e simplificação. Com a esperança de ver o karatê incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me a revisar os katas de modo a simplificá-los o mais possível. Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa. (FUNAKOSHI, 2000, p.34).

Analisando os argumentos acima descritos podemos compreender que o Karate desde o final do século XIX, busca ser um método não só de luta ou defesa pessoal, mas um mecanismo de educação preocupado com o processo pedagógico na formação integral dos praticantes apoiado pela filosofia seja confucionista ou do Bushido, trazendo benefícios aos seus praticantes nas capacidades físicas, motoras, cognitivas, afetivo-emocionais e sociais, tendo como meta a formação de homens nobre a virtuosos.

Assim, é possível identificar o que Yasuyuki Sasaki denomina em seu texto de “Os benefícios da prática correta”(SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), no qual ele enumera o que considera como os benefícios: a) Manutenção das capacidades físicas e da saúde; b) Estímulo a coragem para enfrentar obstáculos; c) Respeito aos outros e ao meio ambiente; d) Incentivo ao auto aperfeiçoamento e a superação de limites pessoais; e) Empenho máximo do corpo e da mente; f) Controle emocional, extravasando durante a luta os sentimentos agressivos; g) Estabilidade emocional, pois os descontroles emocionais diminuem o rendimento e a performance ótima no que quer que façamos.

Esse tipo de argumento que aparecem nos textos de Yasuyuki Sasaki e Funakoshi Gichin, nos mostra alguns aspectos do Karate que são muito explícitos nos discursos dos professores e mestre, muitas vezes seguidos como um dogma, sendo estes: a) usar o discurso dos benefícios do Karate como marketing para atrair novos alunos; b) crença nesse discurso de forma dogmática; porém esses mesmos mestres

e professores ao seguir esses dogmas, descartam todo o tipo de risco na prática incorreta ou mal orientada do Karate como lesões, traumas emocionais e distúrbios psíquicos pelo excesso de competições e exigências dentro do Dojo por parte dos Senseis que exigem que seus alunos se tornem campeões ou especialistas na arte (DE ROSE, 1996; MOREIRA, 2003).

O resultado dessa pressão por parte dos Senseis do Karate, tem influência das federações que exigem a participação do maior número possível de alunos nas competições, cursos e exames de faixas (eventos onde a participação é paga), visando metas de inscrições nos eventos e aumento nas arrecadações das federações, promoção dos Senseis a categorias avançadas e a titulação de mestres e até mesmo comissões financeiras ao atingir metas de inscritos; outro ponto relevante apontado por Moreira (2003) é que as famílias também pressionam as crianças, primeiramente por serem as maiores incentivadoras a iniciar na modalidade, primeiramente por crer nos benefícios do Karate na formação e educação das crianças, seguido das expectativas de ver o seu filho(a) campeão na modalidade.

Porém o Karate assim como as lutas do Budo discursa sobre “As fases evolutivas dos praticantes de Karate” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), no qual Yasuyuki Sasaki explica que a prática correta do Karate obedece a uma metodologia de educação integral e a busca de harmonia e equilíbrio interior uma das maiores metas do Karate e seu desenvolvimento é composto por cinco fases:

1º Fase: faixa brancas a marrons: o iniciante deve aceitar com humildade todos os ensinamentos que receber do professor, no qual deve praticar ao máximo. No aspecto teórico e filosófico o iniciante deve ler os livros escritos pelos mestres do passado dos mais variados estilos de Karate, para compreender a arte como um todo.

2º Fase: faixas marrons e preta 1º grau: esta é a fase de avaliação de tudo o que aprendeu, por isso as competições são importantes para aprender a conhecer os nossos pontos fortes e fracos, dominar o medo e a ansiedade e testar aquilo que aprendeu.

3º Fase: faixas pretas 2º grau ao 4º grau: nesta fase se atinge o auge físico e mental do Karateka, é onde se obtém os títulos internacionais nas competições. O domínio dos conceitos filosóficos do Karate e sua aplicação no Dojo como na vida é indispensável para superação dos limites físicos e mentais.

4º Fase: dos faixas pretas de 5º graus e 6º graus: aqui o Karateka deve mostrar maturidade física e mental em harmonia com o mundo e a sociedade. Nesse momento o karateka deve dividir suas experiências com os iniciantes.

5º Fase: dos faixas pretas de 7º graus em diante: é a fase onde deve se mostrar o completo aprimoramento moral e espiritual através da demonstração de suas virtudes e iniciar a busca do *Satori* (悟り) que é um estado de libertação espiritual em busca de um estado de paz.

Porém o excesso de competições esportiva, concorrência com outras modalidades de luta e esportes, e a diversidade de outras atividades para as pessoas, obrigam os professores a não seguirem a risca todas as tradições orientais adotando e adaptando o Karate para atrair o público e manter a academia cheia - isso permite dizer que muitos professores aprendem e ensinam somente um dos aspectos do Karate, geralmente o esportivo, e desconhecem a amplitude de possibilidades que a arte proporciona - outros consideram aquilo que aprenderam e atualmente ensinam como um dogma, rejeitando qualquer outra possibilidade que o Karate apresenta.

Isso implica ao que Yasuyuki Sasaki chama de “A verdadeira evolução das artes marciais” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), onde nos explica que existe uma diferença de treinamento nas Artes Marciais entre uma pessoa que apenas treina as técnicas de luta para vencer os outros em comparação a uma pessoa que além do treino técnico possui também o conhecimento filosófico das Artes Marciais.

A meta final das Artes Marciais não é a vitória nas competições, mas uma preparação para a compreensão das mudanças e dos fenômenos da vida e da sociedade, e assim evitaremos ter desajustes psicológicos e sociais.

Assim, Yasuyuki Sasaki argumenta que “A prática correta das artes marciais beneficia a sua personalidade” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), e explica que nossas ações podem ter reflexos negativos na vida das outras pessoas. Por isso, devemos através da prática do Karate, iremos aprender a controlar melhor os nossos instintos, aprimorando o nosso comportamento social.

Para os professores de Karate, Yasuyuki Sasaki (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) sugere que, pela observação dos alunos nas aulas, devem ao perceber desvios de conduta, orientar e ensinar esses alunos na formação da sua personalidade e assim evitar problemas de ordem social e moral.

Esta percepção da relação entre as Artes Marciais e a educação integral, faz parte de um modelo educacional da aristocracia desde a antiguidade tanto no oriente (COSTA, 2019) como no ocidente (JAEGER,2013), Yasuyuki Sasaki deixa explícito em seus textos a sua preocupação com a formação moral das crianças karatekas, pois como já descrito uma das metas do modelo japonês de educação baseado no *Bushido* é a formação de pessoas úteis à sociedade, e essa idéia está presente em todas as modalidades de lutas japonesas (COSTA, 2019).

Os vários aspectos do Karate, em especial a defesa pessoal, o desenvolvimento das capacidades físicas, uma educação moral e a intencionalidade de um projeto de desenvolvimento de vida dos praticantes, permite supor que o Karate traz uma série de benefícios para os seus praticantes. Sobre isso Yasuyuki Sasaki relata em um capítulo chamado “Opinião dos praticantes de Karate sobre os benefícios e malefícios advindos do Karate” (SASAKI, 1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), em que de forma breve relata as opiniões dos praticantes de Karate sobre os benefícios e malefícios da sua prática, através de frases que descrevem essas opiniões a respeito do Karate.

Analisando o capítulo descrito em Sasaki, percebemos que se destacam opiniões positivas a respeito do Karate, em especial sobre a melhoria da disciplina e do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social; em nenhum momento do texto foi escrito a respeito do desenvolvimento das capacidades físicas, do karate esportivo, sobre o desenvolvimento da saúde ou da aquisição de habilidades para a defesa pessoal o que mostra no texto de Yasuyuki Sasaki lacunas a respeito do tema, mas que permitiram novas pesquisas sobre o benefício do Karate.

Segundo o raciocínio de Funakoshi, Yasuyuki Sasaki apresenta “Quatro dimensões do olhar Zen” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) e se referem ao desenvolvimento de um nível de observação e atenção diferenciados em relação aos detalhes que envolvem o treinamento Karate ou de qualquer Budo.

Segundo os textos de Yasuyuki Sasaki, na prática do Budo, se desenvolve uma sensibilidade e uma percepção que permite que tenhamos uma personalidade reflexiva, mas flexível, não se deixando iludir por aparências ou influências negativas dos outros, ou uma visão superficial de tudo que há no mundo, como cultura, o esporte ou os objetos de estudo por exemplo.

Segundo Sasaki (1987, 1989, 1993, 1995), quatro olhares são os seguintes:

- a) Olhar apenas a aparência de um objeto. Exemplo: olha pro adversário e luta na sorte.
- b) Olhar fixamente, para a memorização de um determinado aspecto. (Único ponto do objeto). Se luta com instinto e observa apenas um aspecto do adversário como peso, altura, velocidade dos golpes.
- c) Olhara para ter a verdadeira compreensão do fato, introspecção, olhar com o coração. Busca compreender as condições psicológicas, os sentimentos e as intenções do adversário.
- d) Olhar com visão artística, que no Zen se chama de iluminação. Na luta com base na inteligência e criatividade o atleta compreende os pontos fortes e fracos do adversário, e com base na razão desenvolve estratégias que dominam o adversário física e psicologicamente. É nesse tipo de visão que os grandes mestres e lutadores criam técnicas inovadoras, e transformam a luta em arte. (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995)

Dessa maneira observando todo o estudo sobre o Desenvolvimento Humanista, concluímos sobre essa categoria de textos e temas que o Karate não pode ser visto somente como uma luta de socos e chutes, um esporte de toques e pontos, quebrar várias tábuas com as mãos, matar um touro com um golpe, perfurar a pele de um cavalo ou quebrar uma rocha com a mão, sendo isso uma visão míope, com mitos ou mentiras a respeito do Karate, mas, devemos considerar o que Funakoshi comenta a respeito do *télos* do Karate, falando que com o treino do Karate é possível se defender de um agressor sem o uso armas, e que na verdade “o Karate dá um peso maior às questões espirituais do que as físicas.” o treino do Karate deve ser uma prática aplicada ao cotidiano (FUNAKOSHI, 2014), por isso assim como Funakoshi, Yasuyuki Sasaki dá uma importância muito grande a pedagogia, metodologia do ensino do Karate e a formação de instrutores qualificados para que possam realizar um bom ensino da arte.

Nas obras dos anos de 1991, 1993 e 1995 Yasuyuki Sasaki escreve orientações sobre a metodologia de ensino do Karate, com o capítulo intitulado: Aspectos metodológicos no ensino do Karate; que se subdivide em três tópicos: a) Como orientar os iniciantes na prática do Karate; b) O Karate infantil e juvenil: grande contribuição para a sociedade; c) O comportamento do professor de Karate; nos quais busca auxiliar instrutores e professores na prática de ensino.

No tópico “Aspectos metodológicos no ensino do Karate” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki, dá ênfase a uma série de orientações

para os professores de como estes devem se preparar e se adequarem para o ensino do Karate, não como um processo finito que acaba quando se torna faixa preta e inicia a dar aulas, mas pelo contrário, trata-se de um projeto de uma formação continuada ao longo da vida nos aspectos técnicos e filosóficos do Karatê.

Enfatiza também a importância do planejamento de ensino pautado em objetivos de curto, médio e longo prazo, buscando o aperfeiçoamento técnico e moral dos alunos por técnicas pedagógicas e de motivação para o treinamento.

Para isso o professor deve treinar diariamente seu corpo nas técnicas de Karate e aliar um estudo diário de vários assuntos pertinentes ao ensino do Karate como os princípios da biomecânica, leituras filosóficas e estudos pedagógicos e com isso permite ao professor orientar os alunos durante as aulas de Karate de várias maneiras.

Segundo o capítulo, o segundo tópico “Como orientar os iniciantes na prática do Karate”, Yasuyuki Sasaki orienta que ao ensinar os iniciantes os professores devem iniciar as aulas com princípios simples do Karate, em linguagem acessível sempre dando ênfase à prática observando os pontos importantes da execução técnica para evitar lesões e maximizar o aprendizado dos fundamentos.

Isso permite aos professores planejar o ensino de todas as etapas do Karate com as suas progressões, desde as formas de luta combinadas, luta esportiva, combate livre, Kata e defesa pessoal, possibilitando aos alunos inúmeras experiências que foquem múltiplas possibilidades de lutar.

Segundo análise do Manual de Exames de Faixas e Técnicas da N.K.K. (SASAKI, 2000), a fase de iniciação e aprendizado do Karate corresponde ao período que o aluno inicia com a faixa branca até a faixa marrom, onde para realizar o exame para obtenção da faixa preta 1º Dan deve-se mostrar o conhecimento das técnicas básicas, para o 2º Dan o domínio das técnicas básicas e para 3º Dan proficiência total das técnicas básicas. A partir do 3º Dan é permitido o treinamento das técnicas avançadas, para obter as faixas pretas de 4º Dan, 5º Dan e 6º Dan; e a partir do 6º Dan as técnicas superiores.

Assim sendo, o texto de Yasuyuki Sasaki “As fases evolutivas do Karate” se complementam, e nos deixa em aberto as inúmeras possibilidades para os professores estudarem não só o Karate, mas também a pedagogia e a metodologia dos esportes, para incrementarem as aulas e atingirem os objetivos com os alunos a

curto, médio e longo prazo, de acordo com a faixa etária, individualidade biológica e objetivos pessoais que buscam no Karate.

Além dos objetivos técnicos, táticos, de condicionamento físico, defesa pessoal e esporte, a formação humana no aspecto moral é muito importante nas aulas de Karate, por isso fica bastante evidente a diferenciação das aulas de Karate para adultos e crianças na obra de Yasuyuki Sasaki. Tendo essa preocupação Yasuyuki Sasaki, escreve um tópico especial para o Karate infantil e juvenil, com o título: “O Karate infantil e juvenil: grande contribuição para a sociedade”.

Neste capítulo Yasuyuki Sasaki argumenta que na realidade do ano da publicação da obra, a industrialização e o consumismo trouxeram alguns problemas na educação das crianças pela ausência dos pais na educação dos seus filhos, o que ocasiona como principais problemas a indisciplina, falta de educação moral, excesso de violência, maus comportamentos sociais, ansiedade e stress das crianças, falta de autoestima, insegurança, falta de resiliência.

Por isso, o esporte é um mecanismo de educação eficiente, em especial as Artes Marciais orientais, pois possuem um código de ética e conduta que visa formar pessoas úteis para a sociedade, pois sua "filosofia" (*Budo*) ensina virtudes e valores que se aplicam além da academia evitando uma série de problemas de comportamento e de saúde.

Yasuyuki Sasaki sugere aos professores que busquem o estudo da filosofia do Karate, e da pedagogia aplicando esses conhecimentos em suas aulas para poder dar conta das expectativas dos pais em relação à formação moral e corporal que o Karatê proporciona, e por isso o professor deve ser um exemplo a ser seguido por seus alunos, indo ao encontro do conceito de Sensei, como descrito nas tradições japonesas.

Assim, Yasuyuki Sasaki escreve o tópico “O comportamento do professor de Karate” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995) com oito orientações comportamentais para os professores de Karate, priorizando que o professor deve buscar o aperfeiçoamento constante no estudo técnico e teórico do Karate; demonstrar disciplina, equilíbrio e controle emocional em suas ações; ensinar o Karate sem demonstrações de violência; usar o Karate para o desenvolvimento máximo do potencial humano.

Com essa síntese, podemos analisar que Yasuyuki Sasaki recorre ao pensamento do *Budo*, e das normas morais escritas do Karate que são o *Dojo Kun* (Norma da academia) e o *Shoto Niju Kun* (Vinte Normas do Karate) para escrever essas orientações e nenhum momento ele utiliza de fontes acadêmicas ligadas à formação de professores, ética na educação ou pedagogia, nem ao menos cita referências vindas da ética e da filosofia para os seus argumentos.

Das orientações de Yasuyuki Sasaki, podemos ver claramente o *Budo* com a influência do *Bushido* no discurso, assim é impossível desvincular a relação entre *Bushido-Budo*, no qual estuda uma série de virtudes como paciência, justiça, benevolência e retidão que nos direcionam ao desenvolvimento da disciplina e do autocontrole que devemos ter em nossas ações.

Retirado do *Shoto Niju Kun* (Os vinte ensinamentos do Karate) escritos por Funakoshi e Nakazoe (2005) e do *Dojo Kun* (Moral do Dojo) temos as seguintes premissas: “No Karate não existe ataque” (*Karate ni Sente Nashi* - 空手に先手無し) e “Criar o intuito do esforço” (*Doryoku no Seishin o Yashinau Koto* - 努力の精神を養うこと) - a primeira premissa nos ensina sobre o autocontrole e a não demonstração de agressividade que o Karateka deve desenvolver, devendo-se evitar o conflito; a segunda premissa trata explicitamente no espírito de esforço constante que o karateka deve desenvolver em todas as áreas de atuação, como no trabalho e na vida pessoal por exemplo.

Assim concluímos que as orientações de Yasuyuki Sasaki sobre o comportamento do professor de Karate estão baseadas no *Bushido-Budo* japonês, e assim ele realiza a tradução e adaptação do pensamento oriental para o entendimento dos brasileiros, permitindo uma maior aproximação da compreensão do Karate japonês.

Sobre o processo de qualificação e formação profissional no Karate, a iniciativa deve vir do professor em buscar o aperfeiçoamento e assim suprir tanto as suas necessidades como docente como as necessidades dos seus alunos. Não é obrigatório nenhum curso para ser instrutor/professor de Karate sendo quase inexistente nas federações cursos de formação de instrutores e professores, sendo que no ensino do Karate o elemento mais importante é o conhecimento procedimental, técnico e prático da arte.

Considerando a importância da prática no *Budo*, e em especial no Karate, Yasuyuki Sasaki escreve em seus manuais seis textos referentes à prática do Karate que são os seguintes: “Competição para o Karate-Do Tradicional.” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); “As técnicas do Karate e a respiração.” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995); “Princípios de luta.” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); “Como observar as oportunidades no ataque.” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); “Fatores que influenciam na luta.” (SASAKI,1987,1989,1993,1995); e “Teoria do Kumite (Estratégias)” (SASAKI,1987; SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995).

A grande característica dessa categoria é que os textos tratam da parte prática do Karate, mas não com referência ao gesto técnico ou a um programa de treino, mas sim, de princípios e pontos chaves para a aplicação das técnicas nas lutas e teoria das táticas de combate; porém, o texto “Competição para o Karate-Do Tradicional.” (SASAKI,1991; SASAKI,1993; SASAKI,1995), trata-se **da visão de Yasuyuki Sasaki sobre as competições**, no qual ele busca um equilíbrio entre as tradições do Budo e o processo de esportivização das lutas, como será comentado a seguir.

Outros dois pontos a destacar no formato desta seção: **a) devido a diversidade de temas e para uma melhor compreensão por parte dos leitores cada um dos textos será apresentado separadamente; b) devido à escassez de pesquisas do tema, somente alguns desses tópicos serão analisados.** Porém, é importante destacar que na prática do Karate, esses elementos se fundem simultaneamente permitindo uma execução fluida

Neste capítulo, sobre a “Competição para o Karate Tradicional”, Yasuyuki Sasaki dá dicas aos atletas de Karate, que competem no chamado Karate Tradicional (International Traditional Karate Federation - ITKF), em especial que os atletas devem ter cuidados com a saúde física e mental, hábitos de higiene pessoal, conhecer a si mesmo nos seus pontos fracos e fortes, buscando um equilíbrio físico e mental, de forma que possam durante a competição darem o máximo de seus esforços.

Outro aspecto bem importante é que, para Yasuyuki Sasaki, o sentido da competição de Karate Tradicional não tem como *télos* uma simples busca por vitórias e medalhas, mas compreender que uma vitória sempre surge de um esforço coletivo de seus colegas, professores e até do adversário que sem estas pessoas você não conseguiria ser campeão; que além de um forte espírito de luta o karateka deve

mostrar as suas qualidades morais como cortesia, respeito em relação aos outros, altruísmo e dignidade.

Neste capítulo, Yasuyuki Sasaki explica que mesmo em uma competição os preceitos do *Budo* como um “Caminho Marcial” ou “Educação Marcial” devem ser praticados nesses momentos, e que não devemos considerar o Karate como um mero esporte de pontos e medalhas. Essa atitude mental diferenciaria o chamado “Karate Tradicional” do “Karate Esporte” - por exemplo, a máxima apresentada por Funakoshi (2006 p.19-20), no livro ‘Os vinte princípios fundamentais do Karate. O legado espiritual do Mestre.’ cita o seguinte preceito: “Não se esqueça que o Karate-Do começa e termina com respeito” (*Karate wa rei ni hajimari rei ni owaru koto o wasuru na* - 空手道は礼に始まり礼に終る事を忘るな -).

Porém, fica claro que traduzir a máxima de Funakoshi do japonês para o vernáculo é algo bem complexo devido às possíveis traduções que podemos dar pois os ideogramas japoneses tem origem na escrita chinesa e foram apropriados pelos japoneses. Assim, é possível afirmar que pode haver divergentes traduções, de acordo com a intenção do tradutor (BURKE, 2009); nesse caso em especial, segundo Costa (2019) o ideograma 礼 em sua origem chinesa significa "ritual" (礼 -*Li*) e corresponde a todos os tipos de protocolos sociais usados desde o cotidiano até em cerimônias especiais, o que podemos chamar de “protocolo de etiqueta social” - já o significado para os japoneses do ideograma 礼 (*Rei*) pode ser traduzido para o vernáculo como polidez, etiqueta, cortesia, respeito, e assim sendo encontramos traduções diferentes.

**Isso deixa claro que Yasuyuki Sasaki era um defensor das tradições do Budo, mas não é contra as competições**, que são importantes para podermos controlar o medo e a ansiedade, buscar autoconfiança, desenvolver nossas habilidades físicas e mentais. Dessa forma para Yasuyuki Sasaki a verdadeira essência das Artes Marciais é compensar a desvantagem física com o controle emocional, conhecimento e habilidade técnica, dessa forma o mais fraco pode vencer o mais forte, diferente do esporte que dificilmente isso acontece (BARTOLO, 2019).

Isso deixa **explícito** nos textos de Yasuyuki Sasaki o equilíbrio entre a tradição e a modernidade em relação ao Karate, e ciente disso não descarta as competições, nem o estudo científico sobre o Karate, porém deixa claro que para o Karate continuar

sendo o Karate, os praticantes devem continuar preservando as características originais do *Karate Budo* tanto nos aspectos morais, teóricos-conceituais como também preservar rol motor da modalidade na tríade de treinamento *Kihon, Kata, Kumite*.

A próxima análise será do capítulo que trata do *Kokyu Waza* (呼吸技) ou técnicas de respiração são explicadas neste capítulo por Yasuyuki Sasaki, de uma forma detalhada os quatro tipos de respiração usados na execução das técnicas do Karate.

Os pontos principais a serem observados são: a) sincronizar a respiração ao movimento; b) inspirar nas defesas e expirar no ataque; c) usar um ciclo respiratório para cada sequência de ataques; d) adequar os diversos tipos de respiração com os diversos tipos de técnicas; e) ao expirar não soltar todo o ar, mantendo cerca de 20% do ar para não entrar em estado de *Kyo* (falha) e poder reagir a uma situação inesperada; e) realizar a respiração diafragmática para fazer o ar circular até o *Tanden* e liberar a energia *Ki* e ativar o sistema nervoso controlando os impulsos e emoções, sendo que este controle mental nos permite aplicar os princípios de luta e assim dominar a si e ao adversário.

Nas Artes Marciais do *Bujutsu* e *Budô*, o estudo das estratégias de combate é um assunto muito importante e faz parte do treinamento e não devemos negligenciá-los, e por isso, no tópico seguinte Yasuyuki Sasaki apresenta três princípios de luta, que podem ser usados como estratégia de combate para desequilibrar, anular, neutralizar, o adversário física e psicologicamente no combate a fim de fazer este perder a autoconfiança e o espírito de luta, podendo neutralizar o adversário a fim de obter a vitória. A quarta análise desta temática é um tópico de referência bastante prática ao que diz respeito ao *Kumite* (luta), no qual Yasuyuki Sasaki nos explica que em um combate existem três maneiras de observar o adversário e perceber as suas intenções, assim como perceber momentos de em que podemos ter boas oportunidades de ataque.

As três maneiras são as seguintes: a) identificar a oportunidade de ataque no instante que o adversário inicia um movimento, defendendo-o ou antecipando; b) no instante que o adversário termina um movimento e aplica o contra golpe; c) distrair o adversário com fintas e nesse momento de distração tirar vantagem.

Schmidt e Wrisberg (2001) sobre habilidades atléticas e performance motora, afirmam que percepção sensorial na maioria dos esportes são feitas a partir de estímulos visuais, isso permite codificar e processar essas informações para uma seleção de respostas, tomada de decisão e programação da resposta motora mais adequada com as informações obtidas.

O que Yasuyuki Sasaki expressa em seu texto é como na hora da luta utilizar a visão como mecanismo de leitura e percepção das ações do adversário para uma boa tomada de decisão na resposta ao adversário. Porém, para se atingir esses tipos de habilidade devemos considerar as diferenças individuais, níveis de treinamento, habilidades motoras, habilidades cognitivas, níveis de memória e experiência no esporte (SCHMIDT E WRISBERG, 2001).

Sobre os fatores que influenciam na luta, é um tópico bastante interessante do capítulo que nos deixa em aberto a inúmeras possibilidades de treinamentos para o Karate e outras lutas, assim como para estudos relacionados aos aspectos táticos das lutas.

Yasuyuki Sasaki nos apresenta os quatro fatores que influenciam uma luta e que através deles é possível aplicar as técnicas dentro de um esquema tático de possibilidades e combinações durante a luta (as táticas veremos na próxima seção).

Os quatro fatores são: a) *Ma-ai* (Distância), que corresponde ao controle da distância corporal entre os lutadores - podendo ser esta distância longa, média ou curta, para que seja eficiente a aplicação dos golpes, defesas e contra golpes; b) *Kamae* (Postura corporal e direção dos golpes) observando o *Kamae* ou postura é possível prever os golpes do adversário, assim como a direção destes golpes e também do deslocamento na luta (passos, sobre-passos, saltos, etc); c) *Kyo* (desatenção) e *Ji-tsu* (oportunidade), segundo Yasuyuki Sasaki perceber e interpretar sinais corporais como o desequilíbrio corporal, perda do fôlego, e sinais psicológicos como o medo, ansiedade, dúvida do adversário que possibilita perceber o *Kyo* ou desatenção do adversário e o nosso momento de *Ji-tsu* ou oportunidade de vencer aplicando nossos melhores golpes; d) *Timing* (tempo) durante a luta devemos ter a consciência do nosso tempo de luta, assim como o tempo de luta (dos movimentos e ações) do nosso adversário. Isso permite estudar a hora certa de agir de maneira que possamos ajustar nossas melhores técnicas para serem usadas no melhor momento e atingir vitória.

O último ponto que Yasuyuki Sasaki apresenta sobre a Teoria do Kumite (Estratégias), é a respeito do texto referente aos “Princípios de Lutas”, onde podemos ver que Yasuyuki Sasaki escreve 10 tópicos sobre os princípios de lutas, que se trata especificamente das táticas de combate. Esses princípios táticos são: 1- Ataque em um tempo; 2 - técnicas de surpresa psicológica; 3- sequência de dois ou três golpes fortes; 4- ataque de antecipação; 5 - golpes com recuo do corpo; 6- golpes com fintas; 7- desequilíbrios; 8- técnicas de sustentação e defesa forçada; 9 - neutralização de golpes e contra golpe imediato; 10 - técnicas de sacrifício.

O que difere no Karate o “*Jyu-Kumite*” (自由組手) ou “combate livre” do “*Shiai-Kumite*” (試合組手) ou “combate esportivo” é que no *Shiai-Kumite* o combate é guiado por uma série de regras que limitam o uso dos golpes, limites de intensidade de força, controle dos movimentos, sistema de golpes pontuáveis que permitem um score para determinar o vencedor, regras de disciplinas que permitem punir as atitudes de violência e deslealdade; já no *Jyu-Kumite* ou combate livre todos os golpes são permitidos, podendo o combate ser com controle de força e intensidade ou realizados com força, porém, sabemos dos danos e perigos de um combate real por isso quando realizado é de regra que seja tomado todos os cuidados para não haver acidentes.

Observando o texto de Yasuyuki Sasaki, identifica-se que essas táticas têm sua origem no *Kenjutsu* e no *Kendo*, e que são incorporados ao Karate quando ele chega a Tóquio, pois estes não existiam no Karate de Okinawa uma relação com as lutas japoneses do *Bujutsu* e *Budo*, pois em Okinawa a principal influência marcial vem da China, seguida das lutas do sudeste asiático.

Outro ponto relevante é que estes princípios táticos se ligam claramente ao tópico 15 dos “Temas de nível mental” intitulado *Tai no sen*, *Sen no Sen* e *Go no Sen*, e que correspondem ao chamado *Oji Waza* (técnicas de respostas) dessa forma o *Sen no Sen* corresponde ao momento de antecipação do golpe adversário; o *Tai no Sen* os golpes simultâneos ao golpe adversário; e o *Go no Sen* as iniciativas de defesa e ações depois do golpe adversários.

Nakayama (2006,2007) em sua série de livros “O melhor do Karate” volumes 3 e 4, demonstra vários princípios de luta através de fotos ilustrativas onde é possível compreender melhor cada um dos princípios descritos por Yasuyuki Sasaki - assim é possível ver um diálogo e complementaridade entre as duas obras.

Uma evidência a favor dos argumentos que o Karate de Okinawa possui forte influência chinesa e difere muito das lutas japonesas (em especial o Kendo), está no livro *Bu-Bi-Shi*, que foi amplamente divulgado por todo o século XVII no extremo oriente, chegando em Okinawa no mesmo período e sendo parte dos estudos de muitos mestres. Essa influência chinesa fez com que muitos mestres de Okinawa fossem até a China praticar artes marciais, esse intercâmbio durou até o início do século XX, onde os principais estilos de Kung-Fu que influenciaram o Karate foram o Estilo da Garça, o Estilo do Cachorro e o Estilo do Monge (MCCARTHY, 1995). Porém para entender mais essas questões é interessante compreender um pouco da história do Karate.

Sobre a história do Karate, Yasuyuki Sasaki escreve sobre essa temática nos anos de 1989, 1993 e 1995, apresentando os três capítulos a seguir. Em seus escritos sobre a História do Karate ele nos traz três textos, a) História do Karate Moderno (SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995); b) História do Karate-Do (SASAKI,1989; SASAKI,1995) e c) Karate-Do Kyohan. (SASAKI,1989; SASAKI,1995).

Iniciaremos com o texto “História do Karate Moderno”, onde Yasuyuki Sasaki nos conta em três linhas que o Karate surgiu na Índia e se espalhou pelo oriente chegando a Okinawa; nas próximas três linhas, argumenta que este se popularizou como esporte sendo estimado o número de 30 milhões de praticante (no ano de 1989). Nos próximos parágrafos, Yasuyuki Sasaki afirma que nesse período o Karate possuía três correntes esportivas: a) O “Karate sem contato” representado pelas entidades oficiais, onde os golpes eram controlados; o “*Karate Full-Contact*”, no qual se usava luvas de boxe e tinha a influência europeia e americana (hoje é chamado de Kickboxing); e por último o “*Karate Semi-Contact*” onde os golpes são controlados para ser leves toques ou com uso de equipamentos de proteção. Essas formas de Karate tem como objetivo o esporte, e suas regras são modificadas de acordo com as necessidades da modalidade e de fomentar o espetáculo esportivo. Antes de 1956 o Karate era praticado como um *Budo*, com fortes ligações ao Zen, com a finalidade de desenvolver o corpo e a mente.

A sequência escrita por Yasuyuki Sasaki em sua obra, apresenta o texto “História do Karate Moderno” (SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) como um capítulo, onde Yasuyuki Sasaki escreve de forma resumida uma história cronológica do Karate-Do que inicia com referência a Índia e ao monge Bodhidharma, o seu

desenvolvimento das lutas na China no templo *Shaolin*, a sua chegada em Okinawa onde se desenvolveu como meio de defesa sem armas, no início do século XX chega em Tóquio e após a Segunda Guerra Mundial o Karate se tornou uma modalidade conhecida no mundo todo e também se tornou um esporte.

O interessante é que é possível perceber que no texto anterior “A história do Karate Moderno”(SASAKI, 1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) , não aparece nenhuma referência histórica, só cita superficialmente locais onde houve a presença da luta e sobre os diferentes tipos de “Karatê esportivo” que nos anos 80 buscam a competição e não um *Budo* - diferente do texto anterior, nesse texto com o título “História do Karate”(SASAKI,1989; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki descreve realmente uma das possíveis “Histórias” do Karate (que mesmo de forma resumida nos permite traçar uma linha do tempo), apresentando datas, locais e referências a acontecimentos relacionados ao Karate desde a sua suposta origem na Índia, sua passagem pela China e Okinawa até chegar ao Japão e, posteriormente. se tornar um esporte mundialmente conhecido.

A respeito da história do Karate, existem alguns autores como Funakoshi (2000), Shinzato (2011) e Frosi (2011) que criticam a validade das informações históricas que são difundidas. Vejamos a posição desses autores.

Primeiramente veremos posição de Funakoshi (2000, p.30) sobre a história do Karate:

Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história do início do katatê, não sabemos quem o inventou e desenvolveu, e nem mesmo onde teve origem e evoluiu. Sua história inicial pode apenas ser deduzida a partir de lendas antigas que nos foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, tendem a ser criações imaginárias e provavelmente incorretas. (FUNAKOSHI, 2000, p.30)

Continuando o raciocínio em alguns parágrafos seguintes Funakoshi (2000, p.30-31) reforça o argumento:

Não havendo instrutores profissionais, dava-se muito pouca ênfase a descrições escritas de técnicas e de outros elementos afins, uma deficiência que um homem como eu, cuja missão na vida foi à propagação do Karatê-dô, lamentou profundamente. Embora eu obviamente não possa ter esperança de sanar a deficiência, tentarei registrar aquilo que lembro ter ouvido de meus professores sobre as lendas que sobreviveram em Okinawa. Bem, sei que minha memória nem sempre é confiável, e tenho certeza de que cometerei

erros. Apesar disso, farei o possível para apresentar aqui o pouco que aprendi sobre a origem e o desenvolvimento do karatê em Okinawa. (FUNAKOSHI, 2000, p.31).

O que devemos observar é que este trecho do livro “Karate-Do. Meu modo de vida.” foi publicado no Japão em 1956, e nos alerta para termos uma reserva a respeito da validade das informações que nos são transmitidas. Alguns fatos interessantes podem fortalecer a posição de Funakoshi sobre isso, por exemplo, as fontes históricas da história do Karate (internacional e brasileiro) são um pouco confusas e cheias de ideologias, imaginários e mitos, sendo que suas fontes são pouco precisas enquanto força de evidência histórica, no qual são necessárias uma revisão e uma análise crítica para termos fontes mais seguras para a pesquisa histórica (FROSI; MAZO, 2011).

Segundo Shinzato Y. (2011), Okinawa foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial, e muitos documentos e evidências históricas foram destruídas, o que dificulta mais ainda a obtenção de fontes relevantes para a pesquisa histórica do *Okinawa-Kobudo* (沖縄古武道) - isso permite afirmar o mesmo para o Karate, pois em Okinawa, em muitas escolas o Karate e *Kobudo* são praticados simultaneamente.

Outro ponto relevante descrito por Shinzato Y. (2011), é a existência de duas versões sobre a origem do *Kobudo* (que incluímos a origem do Karate no mesmo contexto), uma que as lutas de Okinawa surgiram entre os camponeses para a defesa pessoal e outra com mais fontes e evidências históricas que as lutas em Okinawa eram praticadas apenas pela casta dos “*Peichin*”, os “Guerreiros”.

Porém, é relevante considerar a história do Karate que nos é contada por aqueles que viveram e relataram fatos de sua época em livros, ou por aqueles que mantêm a continuidade da transmissão de informações históricas que são consideradas oficiais (nas obras mais recentes, ou entre os próprios grupos de praticantes pela tradição da oralidade), mesmo que sejam de maneira romântica e saudosista que exalta alguns personagens que são imortalizados - analisando os livros de Funakoshi, por exemplo, nos trazem versões romantizadas de várias histórias e feitos de mestres com quem o autor teve contato ou ouviu sobre essas histórias.

Observando as críticas de Frozi e Mazo (2011) referentes às dificuldades sobre a história do Karate, é relevante considerar as fontes existentes, e aquilo que elas nos contam ou aproximam do passado do Karatê, para que possamos situar um

panorama histórico e assim perceber através dos diferentes relatos e discursos, fragmentos que nos permitam discutir sobre a força de evidência histórica.

Yasuyuki Sasaki em seus escritos não faz o papel do historiador, porém nos traz a síntese de uma versão da “História do Karate”, que por sinal é a mais difundida entre os praticantes no mundo todo se considerarmos o *ethos* do Karate.

O último texto que Yasuyuki Sasaki nos traz como referência histórica ao Karate é o capítulo chamado “Karate-Do Kyohan”(SASAKI,1989; SASAKI,1995), que é a tradução do “Capítulo 1 - Introdução” do livro de mesmo nome, e de autoria de Gichin Funakoshi, que publicou a sua primeira edição no ano de 1935 e traduzido para o inglês em 1973, e para o português em 2014. O texto “Karate-Do Kyohan” de autoria de Funakoshi Gichin, que aparece nas obras de Yasuyuki Sasaki em 1989 e 1995, foi traduzido por Ana Maria Figueiredo.

Neste capítulo dividido em seis tópicos, Funakoshi sensei nos explica o que é o Karate em sua totalidade, retirando mitos fantasiosos a respeito da arte e que não condizem com a realidade.

No primeiro tópico Funakoshi sensei explica as diferenças entre Karate (唐手) e Karate (空手), e o porquê dele ter escolhido o ideograma 空 na escrita do nome da arte e a sua relação com o Zen; no segundo tópico é explicado sobre o “Caminho das Técnicas”, orientando para um bom uso do Karate, ou seja, para a defesa da vida e cultivo da saúde, e que não deve ser usado de forma indiscriminada; o terceiro tópico chamado “O desenvolvimento do Karate” Funakoshi sensei conta a história do Karate desde a sua chegada na China até as suas referências em Okinawa, os mestres Azato sensei e Itosu sensei; no quarto tópico Funakoshi sensei explica o que é o Kata, e as diferenças entres eles como elemento técnico do Karate; no quinto tópico Funakoshi sensei conta como foi o Karate no início do século XX, sua implantação nas escolas públicas de Okinawa e como o Karate despertou o interesse dos japoneses; e por último, Funakoshi sensei explica sobre o “Valor do Karate”, seja como defesa pessoal, treinamento atlético ou desenvolvimento espiritual.

Ao analisarmos esse texto e seu conteúdo, é possível identificar o porquê da escolha deste por Yasuyuki Sasaki, devido a importância e profundidade do texto. Seu conteúdo além de trazer elementos históricos do Karate, nos traz a visão de Funakoshi a respeito do *télos* do Karate naquele momento, ou seja, o desenvolvimento integral

de um homem com o corpo e o caráter bem desenvolvidos para se tornar um cidadão útil à sociedade, os elementos de luta ou defesa pessoal seriam algo paralelo a formação educacional do praticante.

No livro autobiográfico de Funakoshi Gichin, “Karate-Do- Meu modo de vida.”(FUNAKOSHI, 2000), Funakoshi conta a sua trajetória não só como Karateka, mas também cita passagens de sua vida profissional como professor da escola pública primária em Okinawa.

Funakoshi teve uma formação para além dos padrões de Okinawa no seu tempo. Seu avô era um mestre em filosofia Confucionista; seus mestres de Karate no qual ele treinou desde criança, foram: Azato, Peichin (guerreiro), intelectual e político Confucionista, que foi conselheiro do Imperador e chefe da aldeia da Azato e Itosu que também era um *Peichin*, ocupando cargo de intendente em Okinawa, e que também desenvolveu o sistema de Karate para as escolas públicas de Okinawa. Com essas referências, Funakoshi aos vinte e um anos se torna professor alfabetizador nas escolas públicas de Okinawa para as séries iniciais - foi somente em 1902 aos trinta e quatro anos que Funakoshi recebe autorização de seus mestres para iniciar a docência do Karate (FUNAKOSHI, 2000)

A escolha do texto por Yasuyuki Sasaki vai ao encontro das necessidades e do contexto; primeiramente para mostrar que além da competição e do combate o Karate é um mecanismo de formação integral do ser humano; em segundo lugar o texto é pertinente como uma referência de onde ele está sendo publicado, ou seja, na CEPEUSP - assim Yasuyuki Sasaki consegue mostrar duas faces de seu trabalho, uma como lutador e mestre de Karate e a outra como um educador e pesquisador preocupado com o desenvolvimento de valores pelo esporte.

Finalizando a análise dos textos de Yasuyuki Sasaki , iremos abordar sobre uma das características do Karate japonês, e que os difere em muito do Karate de Okinawa é a aplicação dos conceitos científicos para a arte. Isso teve início por Nakayama Masatoshi, que adaptou o Karate de Funakoshi Gichin ao pensamento do Japão moderno e às ciências do ocidente. Como afirmam Barreira e Massimi (2006, p.92), “esse Karate moderno e científico que é, ao mesmo tempo, é uma genuína arte marcial do Oriente. Nesse plano, os traços do fantasma cartesiano, com seu dualismo, começam a provocar marcas profundas na prática e pensamento do Karate.”.

Entre o início da Era Meiji (1866-1912) até a metade do século XX, uma das características do novo pensamento japonês foi a cientificação da sua cultura de acordo com as ciências ocidentais - no caso do Karate os movimentos foram adaptados à biomecânica e a cinesiologia com intuito de aumentar a eficiência dos movimentos - outros estudos referentes ao Karate são os que tratam dos aspectos fisiológicos e psicológicos, hoje muitos estudos científicos a respeito do Karate são realizados.

Por exemplo, em uma pesquisa breve de observação no Google Acadêmico no dia 18 de junho de 2021, foi possível encontrar nas primeiras quatro páginas do site, vinte e sete pesquisas sobre o Karate em língua portuguesa, produzidas entre os anos de 2010 e 2020, sendo que seis delas ligadas às áreas das ciências humanas e pedagogia, os outros artigos são referentes a biomecânica, nutrição e fisiologia do exercício aplicados ao treinamento e qualidade de vida.

As obras de Yasuyuki Sasaki (SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) tentam trazer uma visão científica do Karate e assim possibilitar ao leitor uma relação entre as ciências e as Artes Marciais.

No texto “Uma visão científica do Karate-Do”(SASAKI, 1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995) que compõe o tópico três do capítulo “O Caminho do Karate e o Karate-Do”(SASAKI,1989; SASAKI,1993; SASAKI,1995), Yasuyuki Sasaki traz referências da revista “Baseball Magazine” edição de junho de 1984 que apresenta um artigo do Dr.Imamura, a respeito dos benefícios da prática das Artes Marciais e do *Budo*, em especial no aspectos de controle emocional devido ao aumento dos estímulos cerebrais dos Karatekas, em especial no cérebro antigo onde se localiza o cérebro reptiliano que conserva os nossos instintos de fome, sono, sede, medo, sexo etc, mas sendo necessário uma harmonia com o cérebro racional.

Em seguida, o texto trata de trazer o texto do Prof.Dr. Mário Schemberg em seu livro “Pensando a Física” (1984) no qual ele explica o conceito de “Simultaneidade” dos chineses, que se difere da teoria da causalidade e da teoria da relatividade do ocidente - esse conceito de “Simultaneidade” foi traduzido do livro “Segredo da Flor de Ouro”, um clássico Taoista, por Jung.

Outro argumento do texto é que o cérebro humano está dividido em cérebro réptil e cérebro mamífero, e faz uma relação disso com a biologia moderna e também com o Zen-Budismo que considera o cérebro mamífero, lógico e matemático,

enquanto o cérebro reptiliano, instintivo e intuitivo e no cérebro reptiliano que se encontra a verdadeira sabedoria. Assim, para Yasuyuki Sasaki (1993) a psicologia seria a mais apropriada para entender as Artes Marciais e o Zen-Budismo.

No final do texto, apresenta-se um argumento que faz a relação do pensamento matemático com o cérebro primitivo (reptiliano) através das ideias do matemático francês Henri Poincaré sobre a criatividade matemática, que em muitos casos da resolução de problemas matemáticos não era a lógica ou os processos de inferências que traziam as soluções, mas sim, de forma inconsciente através de intuições, símbolos e insights.

Considerando esse texto de Yasuyuki Sasaki ele nos traz várias perspectivas das ciências e que hoje estão mais desenvolvidas que no ano em que ele escreveu esse texto, em especial a psicologia do esporte, as neurociências e a psicomotricidade humana, ambas aplicáveis ao Karate.

Dessa forma Yasuyuki Sasaki, explica que nas Artes Marciais, melhoramos a nossa performance de aprendizado através do desenvolvimento do nosso cérebro de forma a estimular muitas áreas corticais, devido a velocidade de estímulos e respostas que encontramos em uma situação de luta através de uma ação "simultânea" da leitura do adversário (cérebro mamífero, racional) e a automação consciente ou instintiva da nossa resposta (cérebro réptil, instintivo).

Estabelecendo um diálogo com Yasuyuki Sasaki, observamos que a obra de Schmidt e Wrisberg (2001) afirma que existe uma diferença entre a aquisição de habilidades motoras e performance motora. Assim a aquisição de performance motora deve-se aquisição de um estágio superior e autônomo, preciso, consciente, confiante, decidido, adaptável e eficiente na execução do movimentos e tomada de decisões no esporte, com o máximo de velocidade, controle motor e emocional durante o movimento e o mínimo gasto energético - no Karate isso pode ser obtido através da repetição dos movimentos e de situações de lutas, pelo acúmulo de experiências de luta e diferencia o praticante iniciante dos avançados.

Para ilustrarmos um pouco mais sobre a preocupação de Yasuyuki Sasaki em nos mostrar as possibilidades de fazermos ciências com o Karate, veremos que no capítulo três do livro "Manual de Educação Física: Karatê-Dô / Tênis - Volume 5. - 1978", que tem o título "O Karate e sua ciência", no qual Yasuyuki Sasaki realiza uma tradução da "Introdução" do livro "Karate Dinâmico" de Masatoshi Nakayama (Tóquio,

1966, edição em português de 2003), e que apresenta os princípios do Karate e as suas aproximações com a fisiologia e a biomecânica - porém foi uma perda significativa para os manuais de Karate da CEPEUSP a não reedição desse texto.

Em síntese, apresentamos as ideias de Yasuyuki Sasaki em seus manuais aqui analisados, porém deixamos claro que este tipo de pesquisa e análise existem alguns limites relevantes a se considerar como: a) a escassez de fontes históricas; b) a falta de acesso a bibliografia original usada pelo autor; c) a barreira linguística para leitura e reinterpretação dos textos japoneses; d) o uso da metodologia, pois implicaria na necessidade de uso de outras metodologias paralelas e que desviariam a pesquisa dos seus objetivos propostos – por isso alguns aprofundamentos e críticas não foram realizadas, pois sua profundidade já permite realizarmos uma nova pesquisa.

O que devemos ter consciência é que toda obra traduzida culturalmente, cheia de intencionalidades e direcionada a necessidades específicas **nunca passa despercebida** sem deixar a sua marca e com ela consequências para todos ao qual essa tradução abrange.

Assim como a fala e a escrita, a tradução é um tipo de ação com finalidade específica, geralmente com o intuito de contribuir para a difusão do conhecimento (BURKE, 2009), assim, considerando os desafios propostos por Go Tani a Yasuyuki Sasaki de difundir o conhecimento teórico e prático do Karate através de ações inovadoras que diferenciam de outras escolas e academias de Karate (TANI, 2018).

Segundo Burke (2009), o acesso a textos de outras culturas permite ampliar os horizontes dos leitores, porém, essa ampliação não pode ser medida, pois a forma como a tradução é feita permite potencializar o efeito dos textos dos leitores, porém isso ocorre à custa de certas modificações do seu significado se comparado ao original. Burke (2009) explica esse contexto, considerando que as consequências da tradução derivam de que: “Essas traduções tinham o seu preço, tradutores têm seus próprios fins que podem diferir daqueles do escritor original”, pois “Mesmo que os tradutores tentavam ser neutros, a língua que utilizava não o era.” o mesmo se aplica a Yasuyuki Sasaki como tradutor, nem a suas intenções nem os idiomas utilizados eram neutros, suas intenções são explícitas na tradução dos textos, no qual ele se apropria culturalmente do arcabouço teórico do *Kendo* e do Karate, traduz e o readapta culturalmente para o contexto da CEPEUSP.

Esse movimento de apropriação cultural é muito comum na cultura japonesa, por exemplo, da China foram apropriados diversos elementos que foram adaptados no Japão como o Taoísmo no século V d.C. (ROBERT, 1976), a escrita em ideogramas chineses e o Budismo entre os séculos VIII e XIII (BURKE, 2003), o Confucionismo entre os séculos IX e XII (SANTOS, 2014), o Tode (Karate) que chega de Okinawa em Tóquio em 1924, e é modificado ao gosto do japonês (FUNAKOSHI, 2000; FUNAKOSHI, 2014), o *Bushido* “Clássico” é uma apropriação e adaptação do confucionismo (COSTA, 2019) e o *Bushido* da Era Meiji foi reformulado por Nitobe com a apropriação de elementos da cavalaria medieval e da filosofia ocidental (NUNES, 2011).

Já no Brasil percebe-se por parte dos brasileiros a idéia de Imitação Cultural, no qual também é uma forma de apropriação cultural conhecida também como "espaço cultural" (BURKE, 2003), por isso as diversas modalidades de lutas e artes marciais vindas de outros países foram bem aceitas e por isso os primeiros japoneses ao ensinarem o Karate no Brasil iniciam o processo de Tradução Cultural (de forma oral) que permitiu realizar uma adaptação do Karate no Brasil e a seguir a sua apropriação por parte dos brasileiros.

Independente dos tradutores usarem a estratégia da domesticação e estrangeirização, ou de compreenderem bem ou mal o texto traduzido, a atividade de tradução envolve uma descontextualização e uma recontextualização, no qual algo é sempre perdido em uma tradução (BURKE, 2009) - por isso é válido compreender que as primeiras traduções da cultura do Karate se deram pela oralidade, e como consequências disso os discursos e práticas são repetidos e transmitidos entre as gerações como apontam Breda et al (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012) sobre os problemas nos modelos tradicionais de ensino das Lutas e Arte Marciais no Brasil.

O exame do que se perdeu nas traduções escritas é uma das formas mais efetivas de identificar as diferenças interculturais dos textos traduzidos - para isso seria preciso um domínio do idioma japonês e o acesso aos textos originais que Yasuyuki Sasaki traduziu, e também uma pesquisa mais profunda de outros Mestres japoneses que também contribuíram com suas obras para a tradução cultural do Karate no Brasil, e assim cruzar informações sobre se há ou não semelhanças nessas traduções.

Porém o legado de “Sasaki Sensei” permanece vivo e ativo, na CEPEUSP com a continuidade das aulas de Karate e da realização da “Clínica de estudos do Karate”; em cada Dojo do Brasil onde os instrutor teve (ou tem) acesso aos seus manuais e a partir destes realizam seus estudos e práticas do Karate transmitindo esses ensinamento para os karatekas iniciantes; assim como também todos os praticantes que de alguma forma utilizam esses conceitos na prática, dentro e fora dos tatames buscando usufruir dos mais variados benefícios no qual o Karate pode oferecer.

## 6 CONCLUSÕES

Através desta pesquisa histórico-cultural, foi possível identificar vários aspectos que são relevantes para a compreensão das LAMEC de origem Oriental no Brasil, especificamente o Karate, no que tange a compreender os porquês dos problemas no ensino apontados por autores como Breda et al. (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012) em especial a repetição de métodos de ensino rígidos e militaristas vindos do oriente no qual são reproduzidos no Brasil por um grande número de professores.

Porém, com esta pesquisa podemos compreender que este problema apontado pelos autores acima teve um fator relevante que foi desconsiderado: o problema linguístico do japonês/português e da Tradução Cultural para que os brasileiros pudessem compreender a cultura japonesa e ter a consciência das diferenças culturais entre o Brasil e o Japão, permitindo o processo de adaptação cultural para a apropriação do Karate no Brasil - deste modo a pesquisa se mostrou pertinente aos seus objetivos e permitiu responder o problema de pesquisa, evidenciando uma trajetória histórica do Karate no Brasil, iniciado em 1908 e que permanece até os nossos dias.

No terceiro capítulo (primeiro da pesquisa) vamos considerar que o chamado “Movimento Migratório Internacional” do século XIX incentivou a muitos países a enviarem seus compatriotas para a América, a fim de povoarem outras regiões do mundo e ao mesmo tempo minimizar alguns problemas sociais presentes nos países de origem desses imigrantes como pobreza, falta de emprego, crescimento demográfico nas cidades, aumento da criminalidade entre outros.

Os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908, para substituir os imigrantes italianos nos cafezais, fundando assim as primeiras colônias de japoneses no Brasil. O “Karate” chega ao Brasil com esses imigrantes, em especial os da província de Okinawa onde o Tode (Karate) tem a sua origem, e que vieram ao Brasil motivados pelo governo japonês com o intuito de mudar as suas vidas, porém muitos japoneses fugiram das colônias para as cidades, pois estavam sendo explorados como escravos e as promessas de boas condições de trabalho e de vida eram farsas usadas para atrair os imigrantes que não podiam mais voltar ao Japão.

Nesse período o Tode (Karate) era praticado somente nas colônias de imigrantes de Okinawa e por poucos brasileiros que eram interessados nessa prática, sendo que a primeira academia oficialmente fundada no Brasil data o ano de 1954 por Mitsusuke Harada aluno de Funakoshi Gichin, chega ao Brasil e traz o “Karate Moderno” e japonês, onde abre a primeira academia no Brasil em São Paulo, no qual teve uma boa aceitação e interesse por parte dos brasileiros, o que também despertou o interesse de vários outros japoneses que vieram ao Brasil entre 1958 e 1970 e também desenvolveram o ensino do Karate (BARTOLO, 2014).

O Karate que Harada ensina é o modelo japonizado, ou seja, apropriado e adaptado às imposições políticas da *Butokukai* e ao gosto dos japoneses (JOHNSON, 2010), pois estes consideram os okinawanos uma sociedade tribal e atrasada, e que até hoje é vítima de preconceitos raciais, econômicos e culturais dos japoneses (Okinawa é a província mais pobre do Japão), o que permite afirmar que a sociedade japonesa é formada por uma sociedade a-histórica, preconceituosa, racista, cheias de artifícios fictícios em suas histórias e lendas para o encantamentos das pessoas (PIRES, 2017).

O Tode (Karate), era desconhecido dos japoneses e só chega em Tóquio em 1924 (dezesseis anos após chegar ao Brasil) com o mestre Funakoshi Gichin que no ano de 1934 muda o nome de Tode para Karate, afim de agradar os japoneses e evitar a rejeição da arte no Japão Continental. Várias outras imposições dos japoneses foram feitas para que o Karate fosse adaptado, por isso foi possível verificar que o Karate possui sua fundamentação em duas culturas distintas, uma de Okinawa e outra do Japão; no Brasil estas duas culturas também se fazem presentes, primeiramente com os okinawanos que introduzem o Tode no Brasil e com os japoneses que trazem o “Karate Moderno” (japonês) nos anos 1950.

No capítulo quatro (o segundo da pesquisa) concluímos que existem muitas diferenças entre o Karate de Okinawa e o Karate do Japão, em especial, que os japoneses ao adaptarem a arte inseriram aspectos peculiares da sua cultura, em especial o sentimento imperialista e com isso as diferenças entres os dois tipos de Karate se tornam significativos e marcantes.

Primeiramente o modelo de ensino de Okinawa é baseado em uma relação de professor (sensei) e aluno por afinidade ou parentesco, sendo que os professores tinham poucos alunos no qual poderia se dedicar a transmissão do conhecimento da

arte; já no Japão o conceito de *Dojo* e *Ryu* permite o aceite de muitos alunos, em uma organização hierarquizada e militarizada que compete com outras escolas e outros professores pelo domínio do “mercado” e hegemonia da sua escola em relação às outras tanto no número de alunos como na formação de campeões que às represente em competições.

Dada essas características, ao chegar o Karate Japonês no Brasil em 1954, havendo a reprodução deste modelo de ensino “militarizado” que veio do Japão pós-guerra; essa reprodução metodológica se estende até os nossos dias por parte de muitos professores que dizem ensinar um “Karate Tradicional” e que ainda aplicam essa metodologia que não corresponde mais ao ensino das lutas nem ao ensino dos esportes, o que leva a geração de críticas pertinentes como a de Breda et al. (2010) e Del Vecchio e Franchini (2012).

Outras diferenças culturais entre Okinawa e Japão que apontamos nesta pesquisa, são:a) o uniforme da prática do Karate, que em Okinawa é qualquer roupa que permitisse a prática, enquanto no Japão o modelo adotado era o *Keikogi* que foi copiado do *Judo Kodokan*; b) o sistema de graduações Dan-i com faixas coloridas, separando em dois grupos os *Yudansha* (iniciantes) e os *Kodansha* (faixas pretas), diferente de Okinawa que não havia distinção entre os alunos; c) a divisão do Karate em *Ryu* (estilos), enfraquecendo a união dos okinawanos em relação a uma prática comum e incentivando a rivalidade entre as escolas, pois em Okinawa os diferentes mestres mantinham uma relação de amizade, e não havia escolas rivais; d) padronização do sistema de ensino e graduação e hierarquização das escolas baseados no modelo do *Kendo*, diferente de Okinawa onde o ensino era feito de forma espontânea e os alunos podiam ter experiências com outros mestre e com o tempo criar o seu próprio Karate. Outro ponto relevante foi a aplicação das ciências ocidentais no estudo do Karate, em especial a biomecânica, no qual resultou em modificações na execução das técnicas de Kata.

Com isso permite afirmar que a tradição do Karate é de origem genuinamente de Okinawa, sendo que as ditas “tradições japonesas”, foram uma invenção registrada por Funakoshi Gichin em 1934, desta forma todo e qualquer discurso que o Karate é uma arte, uma tradição milenar é uma ficção para encantamento dos adeptos - a mesma forma dizer que no Karate encontramos o espírito do Samurai, pois, devemos

sempre nos lembrar que os Samurais foram os grandes opressores de Okinawa quando invadida no século XVI.

Somente no século XX que o Karate foi apropriado e adaptado culturalmente pelos japoneses, pois como já dito, a apropriação e a adaptação cultural do *Tode* para se transformar no “Karate Moderno” se deu pela assimilação cultural, que segundo Burke (2003) é quando uma cultura subordinada assume características da cultura dominante, e com isso gera a assimilação cultural, ou seja, mais adaptações, nesse caso voltadas para o público que será o consumidor dessa cultura, tendo como ponto relevante desta adaptação a inserção da ideologia do *Bushido* e do *Budo*, desenvolvendo nos praticantes japoneses e no restante do mundo o pensamento ideológico da cultura militar japonesa, o chamado “Espírito de Samurai”, que diferente do pensamento de Okinawa que é Confucionista.

Também no capítulo 4 nos leva concluir que o ponto em comum das duas culturas em relação ao Karate é a figura do Sensei, que não pode ser confundida com um professor ou treinador esportivo, um Sensei é um modelo de conhecimento a ser seguido, é uma figura de liderança e autoridade no *Dojo*, sendo o transmissor do conhecimento que é adquirido pela sua experiência prática das lutas e de outros saberes, como ética, artes, medicina e política por exemplo.

Dessa forma o conhecimento é acumulado pela reprodução das experiências dos Sensei do passado e o acréscimo de novas experiências pelo Sensei atual, desde que não questionados os conhecimentos anteriores ou que estes sejam adaptados às necessidades atuais. Por isso o Sensei é um produto da cultura e da necessidade de conservação e transmissão do conhecimento, que no Japão feudal era feito de forma oral, e por isso o modelo de liderança autoritária era o mais adequado a um Sensei do modelo japonês.

Com a influência do ocidente no Japão, em especial após a Segunda Guerra Mundial, o modelo de Sensei sofre a influência da educação ocidental e do modelo corporativo de organização empresarial, as modalidades de lutas e artes marciais japonesas passam a se propagar com a ideia de uma organização formal através de seus representantes em outros países, ou seja, qualquer um atualmente pode se tornar um faixa preta sem ter aprendido com um Sensei no molde tradicional, mas sim, ter aprendido com qualquer pessoa que tenha se tornado faixa preta diante do

cumprimento das exigências das federações que regulamentam o Karate e representam as organizações .

Esse modelo corporativo e de liderança autoritária é o que foi desenvolvido o Brasil pelos primeiros japoneses que introduzem o Karate Moderno (Japonês) - e com isso se cria uma imitação e reprodução desses modelos que permitiram as críticas como a de Breda et al (2010) e Del Vecchio e Franchini (2014) contra essas formas de ensino.

Dessa forma concordamos com Fernandez (1991), a respeito das propostas de ensino do Karate e a relação entre docente e discente no Karate que formam: a) No Karate tradicional a relação entre mestre e discípulo; b) No Karate educacional e relação entre professor e aluno; c) No Karate esporte a relação entre técnico e atleta. Assim sendo, concluímos que em cada proposta e relação é possível verificarmos a existência de princípio em comum no que tange o Karate através dos movimentos corporais, mas também é possível constatar diferenças significativas entre as três propostas, seja nos *télos*, ideologias, metodologia de ensino, relações entre docentes e discentes, o que leva a geração de tensões significativas entre os grupos.

Sobre o autor das obras analisadas, podemos concluir que Yasuyuki Sasaki foi um imigrante japonês que chegou no Brasil em 1953 com 14 anos de idade, trazendo em seu sangue a cultura do *Budo* e o interesse pelos estudos, por isso Yasuyuki Sasaki é visto como uma mistura de atleta e professor, e pode aliar as suas experiências de ambas funções para pesquisar sobre o Karate nos vários aspectos da arte. Para este estudo foi delimitado um recorte temporal entre 1987 e 1995, foram identificados 24 textos com temáticas variadas, mas todas elas referentes ao Karate Budo, que pela nossa análise textual foram classificadas em seis categoria pela semelhança temática, sendo estas categorias: a) Conceitos e Metafísica Oriental; b) Desenvolvimento Humano; c) Pedagogia, Metodologia e Formação Humana; d) Prática do Karate; e) História do Karate; f) Ciência do Esporte e que forma apresentados no capítulo 5, na seção referente “ao que” Yasuyuki Sasaki traduz para o vernáculo.

Estas seis categorias foram apresentadas e analisadas no capítulo 5, no qual além de uma apresentação integral das ideias do autor estabelecemos um diálogo de suas ideias com textos de outros autores, tanto do meio acadêmico como das artes marciais, o que mostra coerência textual do corpus documental de nossa pesquisa -

assim sendo, os textos de Yasuyuki Sasaki servem de referências tanto para novas pesquisas como para novos diálogos específicos das artes marciais, porém o ponto principal de apresentação e análise foi que por esse procedimento foi possível fazer uma coleta de dados relevantes para a pesquisa e que através destes dados aplicamos a metodologia de Burke (2009) sobre a tradução cultural e assim compreender como isso ocorreu nas obras de Yasuyuki Sasaki.

Isso permite considerar que o rompimento da barreira linguística teve importância, para compreender o Karate no Brasil, pois tanto os japoneses como os brasileiros tinham limites do vocabulário para o entendimento entre si, e os brasileiros não entendiam o Karate em sua "essência" pela falta de compreensão linguística o que limitou apenas em uma "imitação" de gestos sem uma compreensão do contexto que esses movimentos representam - assim o Karate pode ser visto apenas como uma disciplina corporal de socos e chutes. Esta compreensão pela tradução cultural possibilitou não só o entendimento do Karate em específico, mas também ao estudo científico do Karate, sendo que a partir dos anos de 1990, se inicia no Brasil uma produção de pesquisas acadêmicas ligadas ao Karate, no qual é possível localizá-las nos bancos de dados.

Presente também no capítulo 5, realizamos a análise da tradução cultural das obras de Yasuyuki Sasaki pela metodologia apresentada por Burke (2009) com as perguntas: a) Quem traduz? b) Com que intenção? c) O que se traduz? d) Para quem traduz? e) De que maneira? f) Com que consequências? possibilitou a compreensão da tradução cultural, e atingirmos os objetivos dos problemas de pesquisa.

Sobre "Quem traduz?", concluímos que Yasuyuki Sasaki não era um tradutor profissional, era um *karateka* e professor no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo - CEPEUSP; no qual podemos afirmar que também fez uma tradução oral da cultura do Karate como muitos dos seus predecessores pela transmissão direta do Karate nas suas aulas, e, a sua maneira, apropriou-se de vários textos da cultura marcial japonesa do *Budo* pertencentes ao *Kendo* e ao Karate no qual realizou uma série de traduções e adaptações culturais entre 1978 e 2010 em um livro e uma série de manuais técnicos sobre o Karate. A sua maior produção intelectual foi entre os anos de 1987 e 1995 no qual seus escritos nos apresentaram elementos teóricos e conceituais do Karate em língua portuguesa que permitiram uma compreensão maior do Karate.

“Com que intenção” Yasuyuki Sasaki realiza este movimento de produção intelectual? Conforme nossa pesquisa, fica evidente que a intenção se deu por uma exigência do diretor da CEPEUSP, Professor Dr. Go Tani, no qual remodelou conceitualmente as atividades de prática esportiva na USP, considerando o local como um centro de disseminação do conhecimento e por isso a atividade esportiva deveria se aliar a prática do esporte com o conhecimento científico da universidade, de forma que todos os praticantes do Karate pudessem ter acesso a esse tipo de conhecimento. Dessa forma, o Karate na CEPEUSP teria um diferencial, e não seria como nas academias em geral onde a prioridade era as “tradições” e a luta.

A respeito dos textos traduzidos por Yasuyuki Sasaki, concluímos que eles são textos do *Budo*, mas não exclusivamente do KARATE, mas também de outra arte do *Budo*, o *Kendo*, pois o Karate apresentado por Yasuyuki Sasaki é o Karate Moderno, japonizado, modificado pela imposição nipônica que obrigou os okinawanos assimilarem o modelo japonês do *Budo* acomodando e adaptando o Karate ao modelo do *Kendo*.

Entre os textos do Karate traduzidos por Yasuyuki Sasaki, a sua maioria tem origem de textos do *Kendo* que foram adaptados ao Karate e à língua portuguesa, o que mostra a influência dos japoneses na acomodação e adaptação do Karate. Já os textos específicos do Karate são os de Funakoshi Gichin, como o Karate-Do Kyohan que no Japão foi publicado em 1956, a versão americana desta obra é de 1973 e a versão brasileira data em 2014.

Isso reflete que os textos escolhidos para a tradução cultural são aqueles que buscam preencher as lacunas da cultura hospedeira, por isso os textos podem ser modificados para que o leitor possa receber as impressões que a cultura dominante acha pertinente aos receptores (colonizados) o que facilita a aculturação de grupos subordinados na relação entre um Sensei japonês e alunos estrangeiros.

Este fato favorece a criação de associações e federações comandadas pelos japoneses que comercializam a arte, e escolhem por interesse financeiros e de poder as pessoas que vão ser beneficiadas ou não no sistema hierárquico. Basta ver as tensões que surgiram nos anos de 1990, quando no Brasil se criou a Confederação Brasileira de Karate, e no ano seguinte a Confederação Brasileira de Karate Tradicional formada por um grupo de japoneses (BARTOLO, 2014).

Ao analisarmos “para quem” Yasuyuki Sasaki traduziu, podemos concluir que o público que pratica o Karate é vasto, e é formado desde crianças até idosos no qual buscam objetivos diferentes e variados na arte, mas, ao observarmos o local, objetivos e público que pratica o Karate na CEPEUSP, concluímos que estes manuais foram desenvolvidos para o público de participantes das “Clínicas de estudo do Karate”, que era formado por alunos de Karate da CEPEUSP e de outras universidades, professores universitários (pesquisadores e praticantes de Karate), professores e praticantes de Karate que participavam do evento.

Isso permite afirmar que as traduções de Yasuyuki Sasaki foram feitas para diferentes perfis de karatekas, com diferentes níveis de instrução que varia de um público culto a um público de menor nível escolar, mas que ambos estão abertos ao estudo de ideias de outra cultura, que vai diretamente ao encontro da variedade do público do Karate no Brasil. Dessa forma, percebemos e compreendemos que estes textos não foram produzidos para um público específico ou para o meio acadêmico e científico, mas se trata de um texto formativo e informativo que qualquer pessoa pudesse ler e compreender o Karate.

Considerando o argumento acima que afirma que “qualquer pessoa pudesse ler e compreender o Karate”, permite-nos irmos ao que Burke (2009) nos ensina em seu método vermos “De que maneira?” Yasuyuki Sasaki traduz o Karate, quais os seus métodos e estratégias de tradução?

Analisando os textos em língua portuguesa escritos pelo autor e realizando uma analogia do vocabulário técnico do Karate, nos permite afirmar que a escrita e tradução feita por Yasuyuki Sasaki não foi uma tradução palavra por palavra, mas sim, uma tradução que considera o sentido do texto, pois existe uma diferença linguística muito imensa entre o português e o japonês; por exemplo, um único ideograma pode ter vários significados e pronúncias que mudam de acordo com o contexto da escrita como o ideograma *Te* (手) que forma palavras como *Kara-te* (空手), *Shu-to* (手刀) ou *Un-su* (雲手) e devido a isso supõe ser mais coerente para o tradutor traduzir uma língua original para o vernáculo.

Repetindo, quanto maior a diferença linguística do idioma, maior a dificuldade para a tradução o que em alguns casos causa a intraduzibilidade dos idiomas devido a existência de propriedades linguísticas particulares e termos que não são possíveis

de serem expressados em outros idiomas, aí a necessidade de domesticação e aculturação das traduções (BURKE, 2003).

Portanto, consideramos que aquilo que não pode ser traduzido de uma língua para a outra poder ser tão significativo e revelador quanto aquilo que é traduzido (KOWALSKA, 2009), sendo que a tradução cultural é uma metáfora, pois devemos considerar que o tradutor pode reduzir ou ampliar o texto de acordo com a sua subjetividade, interesses, relações de poder, entre outros, e nessas traduções mudar o significado original, seja para o leitor compreender ou não aquilo que quer ser dito.

Sobre as "Consequências" iremos considerar o que foi proposto por Go Tani a Yasuyuki Sasaki a respeito de realizar na CEPEUSP uma prática diferenciada do Karate, unindo conhecimento prático e teórico, e também concluir que, assim como a fala e a escrita a tradução é uma ação com finalidade específica de difusão do conhecimento, o que permite ampliar o conhecimento dos leitores. Isso ocorre devido a certas modificações dos textos originais que permitem potencializar o efeito dos textos nos leitores (BURKE, 2009) - porém, é preciso ter em mente que as primeiras traduções culturais do Karate foram através da oralidade pela tentativa dos japoneses darem aulas para os brasileiros, e pela imitação que os brasileiros fizeram da cultura japonesa tendo como consequência dessa imitação os modelos de ensino foram e continuam sendo reproduzidos e que são criticados por muitos pesquisadores, o qual gerou os problemas de pesquisa desta dissertação.

Uma forma de buscar analisar mais profundamente as "Consequências" da tradução, o que se perdeu na tradução cultural do Karate, para identificar o que foi ou não perdido ou modificado na obra escrita de Yasuyuki Sasaki seria o acesso aos textos originais que o autor usou para escrever as suas obras; mas para isso é preciso o domínio da língua japonesa e também uma pesquisa mais profunda pela história oral sobre outros mestres japoneses que ensinam ou ensinaram o Karate no Brasil e também contribuíram para a Tradução Cultural do Karate no Brasil. O cruzamento destas informações permitiria ter um panorama com mais elementos sobre o fenômeno e seus efeitos históricos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Marcelo Moreira. **Eric Hobsbawm: a invenção das tradições**. In: TELLES, S.; NOVAES, R. Reflexões sobre corpo, esporte e sociedade. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- AQUINO, Gisele Braga de. **O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens**. Revista científica do FAMINAS, v 06, nº2 mai/ago 2011.
- ARANHA, Fábio Porto. **O Karate e o desenvolvimento de crianças de 7 a 12 anos**. Monografia para conclusão do curso de Educação Física. PUC Campinas, Faculdade de Educação Física, 2006.
- BATISTA, Carmem Lúcia. **Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação**. In: Em Questão, Porto Alegre, v 24, p. 210-234, maio a agosto de 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245242,210-234> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/74317/47702>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- BARROS, José D'Assunção. **Projeto de pesquisa em História. Da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas. Introdução aos seus usos históricos**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2019.
- BARREIA, Cristiano Roque Antunes; MASSIMI, Marina. **O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no Karate Shotokan**. In: Memorandum, nº 11, p 85-101, 2006.
- BARTOLO, Paulo. Karate-Do. **As lições que aprendi com o sensei Sasaki**. Santos, SP, Bueno Editora 2019.
- BARTOLO, Paulo. **Karate-Do. História geral e no Brasil**. Santos, SP, Bueno Editora 2008.
- BENESCH, Oleg. **Bushido: The creation of a martial ethic in late Meiji Japan**. Tese de doutorado em filosofia. The faculty of graduate studies (Asian studies) - The University of British Columbia, Vancouver, Canada, 2011.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 705, de 25 de julho de 1969**. Altera a redação do artigo 22 da lei nº 4.024 de dezembro de 1961. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos In: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/De10705.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10705.htm) acesso em 20.05.2021.
- BRASIL. **Decreto nº 69.450 - de 1 de novembro de 1971**. Senado Federal, Secretaria-Geral da Mesa, Secretaria de Informação Legislativa. In: Decreto Numerado - 69450 de 01/11/1971 Publicação Original [Diário Oficial da União de 03/11/1971] (p. 8826, col. 3) (senado.gov.br) acesso em 20.05.2021.
- BREDA, Mauro; GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Aalcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do Esporte Aplicado às Lutas**. - São Paulo, Phorte Editora, 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.

BURKE, Peter. (Org.), **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** Tradução de Magda Lopes – São Paulo, Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** São Leopoldo – RS. Editora UNISINOS, 2010

BURKE. Peter; HSIA, Po-chia. (Org.) **A tradução cultural. Nos primórdios da Europa Moderna.** Tradução de Roger Maioli dos Santos - São Paulo, Editora UNESP, 2009.

CARDOSO, Alberto Mendes. **Os treze momentos. Análise da obra de Sun Tzu.** Biblex, Coleção General Benício. Editora Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ, 1987.7

CARTAXO, Carlos Alberto. **Jogos de combate. Atividades recreativas e psicomotoras. Teoria e prática.**

CID-CASTANHO, Ramon Fernández. **Estúdio sobre el kata Sanchin - Parte II.** Federación Madrileña de Karate, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução de Maria de I.Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CEPEUSP - **Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo.** [Site institucional]. Disponível em : <https://cepe.usp.br/courses/karate/> Acesso em 15.jan.2021.

CIAMPOLINI, Vinicius. et al. **Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida.** Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v 10, nº 1, Jun. 2020.

COLOMBO, J. **O ensino do Karate na diminuição da agressividade de crianças na percepção de professores do sul de Santa Catarina.** Monografia para conclusão do curso de Educação Física. Universidade Estadual do Sul de Santa Catarina - UNESC. 2012.

COSTA, Paulo Ricardo Gayer Pereira. **As contribuições do Confucionismo na Educação Marcial Japonesa.** In. Bushido e Artes Marciais: Contribuições para a Educação Contemporânea. Organizador Sérgio Luiz Carlos dos Santos. São Paulo, CRV Editora, 2019.

CROMPTON, Paul. **Meditação em movimento.** Ba-Gua a arte marcial do I Ching. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Editora Pensamento - Cultrix LTDA. São Paulo, SP. 2002.

DAIGO, Masao. **Pequena história da imigração japonesa no Brasil.** Tradução de Masato Ninomiya. Associação para a comemoração do centenário da imigração japonesa no Brasil. Editora Gráfica Paulus. São Paulo, 2008.

DE ROSE JUNIOR, Dante. **Stress pré-competitivo no esporte infanto-juvenil: elaboração e validação de um instrumento**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo 1996. In: <https://repositorio.usp.br/item/000745858> Acesso em: 01.set.2021.

ENKAMP, Jesse. **Karate Nerd in Okinawa Season 1**. In: <https://www.youtube.com/watch?v=Co5hmz7mb0s&t=604s> , 2017. Acesso em 02.03.2021.

ENKAMP, Jesse. **Karate Nerd in Okinawa Season 2**. In: <https://www.youtube.com/watch?v=xMwyoSPVCP8&t=9s> , 2018. Acesso em 05.03.2021.

ENKAMP, Jesse. **Karate Nerd in China** . In: <https://www.youtube.com/watch?v=UCvimTuwkZY> , 2020. Acesso em 20.03.2021.

ENKAMP, Jesse. **10 diferenças entre o Karate em Okinawa e no Japão**. In: <https://www.youtube.com/watch?v=65mZA-ICJXQ&t=5s> , 2021. Acesso em 05.04.2021.

ENKAMP, Jesse. **The Biggest MYTH in Karate (& Kobudo)** In: <https://www.youtube.com/watch?v=EPp2VBdv3A> , 2021. Acesso em 29.abr.2021.

ENKAMP, Jesse. **10 Disturbing KARATE Myths (Debunked)** In: <https://www.youtube.com/watch?v=nOJl8f-JVvQ>, 2021. Acesso em 29.abr.2020.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho; LISE, Riqueldi Straub.; CAPRARO André Mendes. **Fontes para a história dos esportes de combate**. In: Contribuições das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociologia. Org. Thiago Pimenta . Curitiba, Paraná: Oficina do Livro Editora 2016.

FERNANDEZ, Félix Saenz. **Didáctica y técnica del Karate**. Publicaciones Fher, S.A. Bilbao, España, 1991.

FMK, Federação Mundial de Capoeira. **Ranking Japonês**. Disponível in : [https://www.capoeira.ws/worldrankings/?country=104&min\\_kg=&max\\_kg=&sex=&cat=&atlet\\_name=&min\\_age=&max\\_age=&default=&cache=no](https://www.capoeira.ws/worldrankings/?country=104&min_kg=&max_kg=&sex=&cat=&atlet_name=&min_age=&max_age=&default=&cache=no) Acesso em 12.ago.2021.

FPKT, Federação Paulista de Karate Tradicional. **Fotos e reportagem sobre a Clínica de Karate-Do CEPEUSP - USP 2005**. Disponível em [www.fpktradicional.com.br](http://www.fpktradicional.com.br) - Acesso em 15.mai.2021.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. **Repensando a História do Karate Contada no Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes. São Paulo v 25, n 2, p.297 – 312, abr./jun. 2012.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-Do Kyohan : O texto Mestre**. Tradução Wagner Bull – São Paulo, Cultrix, 2014.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-Do Minha vida**. Tradução de E. L. Caloni - São Paulo: Cultrix, 2000. (Obra original publicada em 1956).

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-Do Nyumon**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo, Cultrix, 1998.

FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os vinte princípios fundamentais do Karate. O legado espiritual do Mestre**. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo, Cultrix, 2006.

GALATTI, Larissa Rafaela; et al. **Pedagogia do esporte e competição infantil. Análise e proposições a partir do Karate de Contato**. Movimento e Percepção, Espírito Santo do Pinhal - SP, v 08, nº 11, Jul/Dez 2007.

GIL, A.C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOBBSAWN, Erick.; RANGER, Terence. (Org.), **A Invenção das Tradições**. – São Paulo, Editora Paz e Terra, 2008.

HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês no Brasil - A História de sua vida no Brasil** T.A .Queiroz Editor / Centro de Estudos Nipo-brasileiros São Paulo, 1987

ITOKAZU, Newton. **As razões das migrações dos okinawanos. In: Imigração okinawana no Brasil. 90 anos desde Kasato Maru**. Associação Okinawa Kenjin do Brasil. São Paulo, 2000.

JAEGER, Werner. **Paideia. A educação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. Editora WMF Martins Fontes LTDA. São Paulo, SP, 2013.

JOHNSON, Noah.C.G. **The japanization of Karate? Placing an intangible cultural practice**. In: Journal of Contemporary anthropology. Vol III, ISS I , 2012.

JKA - Japan Karatae Association. **History**. In: <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/history/> Acesso em 01.set.2021.

JKA - Japan Karatae Association. About the Japan Karate Association. In: <https://www.jka.or.jp/about/> Acesso em 01.set.2021

JOKO, A.T. **Gramática Básica da Língua Japonesa**. 1ª ed. Universidade de Brasília DF, 2011 - revisado em 2016.

JUNIOR, Nelson Kautzner Marques. **Porque o soco causa mais pontos que os chutes durante a luta de karate? Conteúdo para prescrever o Karate Shotokan**. In: Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício. São Paulo V. 7, nº 40, p. 376-387. Jul/Ago 2017.

KANASHIRO, Yukihide. **Adaptação dos imigrantes na nova terra. In: Imigração okinawana no Brasil. 90 anos desde Kasato Maru.** Associação Okinawa Kenjin do Brasil. São Paulo, 2000.

KIT, Wong Kiew. **Chi Kung. Para a saúde e vitalidade.** Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. Editora Pensamento, São Paulo, SP, 2004.

KOBAYASHI, Luís. **História do Kendô no Brasil Pré-Segunda Guerra Mundial.** Confederação Brasileira de Kendo. In: <https://www.youtube.com/watch?v=X6ts539yhd8> Acesso em 26.11.2020.

LAGO, Natalia Luiza Santos; CAMPOS, Hélio José B. Carneiro. **Influência do Karate no desenvolvimento motor concentração das crianças de 5 a 12 anos: um estudo de caso.** SEMOC Semana de Mobilização Científica. Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA, 2019.

LIAO, Waysun. **Clássicos do Tai Chi.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Editora Pensamento, São Paulo, 2003.

LIMA, L.M. **O Karate como proposta de exercício físico para a pessoa idosa: desenvolvimento da modalidade Kata Longevidade.** Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física - Centro de educação física do Planalto Central. Brasília, DF, 2016.

LIMA, P.H.A. **Karate-Do na 3ª idade.** Trabalho de conclusão do curso de educação física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2018.

LOPES, Yuri Marcio e Silva; TAVARES, Otávio. **A ação-reflexão-ação dos saberes docentes dos mestres de karate: construindo indicadores para a transformação da prática pedagógica.** Revista de Educação Física/ UEM, v. 25, nº1, p.67-79. 2014.

LOPES FILHO, Brandel José Pacheco et al. **The practice of Karate-Do and cognition in older people: a narrative literature review.** PAJAR - Pan American Journal of Aging Research, v. 4, n. 1, p. 31-37, 23 Aug. 2016.

LOPES FILHO, Brandel José Pacheco; MONTEIRO, Alberto de Oliveira. **A simbologia presente nos estilos de Karate-Dō.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, SP. Jul/Set; nº 29(3), p.395-407, 2015.

LOWRY, Dave. **O Dojo e os seus significados. Um guia para os rituais de etiqueta nas artes marciais japonesas.** Tradução de Jacqueline de Sá Freire. Editora Pensamento, São Paulo, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento da metodologia científica.** São Paulo. Atlas, 2003.

MARTINS, Carlos José; KANASHIRO, Claudia. **Bujutsu, Budo, Esporte de Luta..** Motriz, Rio Claro, V.16 p 638-648, Jul/Set 2010.

MCCARTHY, Patrick. **Bubishi. The Bible of Karate. Translations with commentary by Patrick McCarthy.** Tuttle Publishing, 1995.

MOTA, Fábio André Pereira da. **Benefícios do treino de Karate sobre a capacidade funcional e cognitiva de idosos**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Desporto. Porto, Portugal, 2016.

NAKAYAMA, Massatoshi. **O melhor do Karate v.1**. Tradução de Carmen Fischer, São Paulo, Cultrix, 2003.

NAKAYAMA, M. **O melhor do Karate v.2**. Tradução de Carmen Fischer, São Paulo, Cultrix, 2003.

NAKAYAMA, Massatoshi. **O melhor do Karate v.3**. Tradução de Denise de Carvalho Rohca Delela e Silvio Neves Ferreira. São Paulo, Cultrix, 2006.

NAKAYAMA, Massatoshi. **O melhor do Karate v.4**. Tradução de E. L. Caloni - São Paulo: Cultrix, 2007.

NAKAYAMA, Massatoshi. **Karate Dinâmico**. São Paulo, Cultrix, 2004.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração Japonesa na história contemporânea do Brasil**. Centro de estudos nipo-brasileiros. Massao Ohno Editor, 1984.

NUNES, G.P. **O Bushido na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético**. (Dissertação de mestrado) USP, São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. E. **Karate-Dō Shotokan – História, Princípios e Conceitos Básicos** - Brasília/DF, 2011 – Revisado e ampliado em 2016.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; ZIMMERMAN, Ana Cristina. **Tradição, técnica e estética: análise fenomenológica sobre a experiência do karateca**. In: XXCOBRACE e VII CONICE, Goiania, Goiás, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>> Acesso em 05.07.2021.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; **O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos**. Dissertação (Mestrado) - -Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Orientadora Profa. Dra Ana Cristina Zimmermann. São Paulo, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2012.

PEIXOTO, Aafrânio. **Historia do Brasil**. Fonte digital Digitalização da 2ª edição em papel Biblioteca do Espírito Moderno - Série 3.ª - História e Biografia Cia. Editora Nacional - 1944 Transcrição para eBook, eBooksBrasil 2008.

PIRES, R.S. **O Nihonjinron e o mito do especialismo japonês (1950 - 1980)**. VIII Congresso internacional de História. XXII Semana de História. IFPS, São José dos Campos, 2017.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. **O Caminho do Guerreiro. O Paradoxo das Artes Marciais**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo, Cultrix, 2003.

RIBAS, Marcelo Romanovitchi. et al. **Tactical and technical performance analysis of the male 65 kg category at the brazilian shotokan karate championship.** J. Phys. Educ. v. 31, 3106. 2020.

RIBEIRO Jéssica do Vale. et al. **A formação de professores de Karate: Um estudo na cidade de Fortaleza.** *Brazilian Journal of Development.* Curitiba, PR, v.6. nº 4, p.17961-17980. 2020.

RIGONI, Patrícia Aparecida Gaion; BELÉM, Isabela Caroline; VIEIRA, Lenamar Fiorese. **Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento.** *Journal of Physical Education*, v. 28, e 2854, 2017.

RIZZO, Deyvid Souza; FERREIRA, Antônio Manoel Leal; SOUZA, Warley Carlos. **Desenvolvimento positivo de jovens (DPJ) através do esporte: perspectivas em países de língua portuguesa.** *Conexões. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v 12, nº3, p. 106-120, jul/set 2014.

ROBERTS, Luis. **O Judo.** Tradução de Carlos Rabelo da Silva. Editorial Notícias, Empresa Nacional de Publicidade, Portugal.

ROSA, B.A. **Percepção e ação - O processo de tomada de decisão no Karate.** 2º Congresso de treinadores de língua portuguesa. - Workshop de Karate. Fundamentos de técnica e tática - A tomada de decisão. 2007.

ROSA, Vitor. **Análise sociológica sobre o Karate em Portugal.** *Journal of Sport Pedagogy and Research.* 2020

SCHMIDT, Richard A.; WRISBERG, Craig A. **Aprendizagem e performance motora. Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** Tradução de Ricardo Demétrio de Souza Petersen et al. Artmed, Porto Alegre, RS, 2001.

SAKIMA, Tatsuo. **Breve história de Okinawa. In: Imigração okinawana no Brasil. 90 anos desde Kasato Maru.** Associação Okinawa Kenjin do Brasil. São Paulo, 2000.

SANTOS, A. F. **A contribuição do Confucionismo para as relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do Período Edo (Séc XVII).** Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil 2011.

SANTOS, V.F.; TONON, C.J.F.; SOUZA, E.M. **Benefícios da prática da modalidade karatê para crianças de 07 a 11 anos.** *FACIDER Revista Científica, Colider*, n. 08, 2016

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SASAKI, Yassuyuki. **Benefício da Prática Correta das Artes Marciais.** São Paulo, CEPEUSP, 2010.

SASAKI, Yasuyuki. **Karate-Do Shotokan – Manual de Exames de Faixas e Técnicas da N.K.K.** São Paulo, Van Moosel, Andrade e Cia Ltda.

SASAKI, Yasuyuki. **Karatê-Dô.** São Paulo:CEPEUSP, 1995.

- SASAKI, Yasuyuki. **Karatê-Dô**. São Paulo:CEPEUSP, 1993.
- SASAKI, Yasuyuki. **Karate-Do: O Caminho Educativo**. São Paulo, CEPEUSP, 1991.
- SASAKI, Yasuyuki. **Clínica de Esporte: Karate**. São Paulo, CEPEUSP, 1989.
- SASAKI, Yasuyuki. **Clínica de Esporte: Karate e Capoeira**. São Paulo, CEPEUSP, 1989.
- SASAKI, Yasuyuki. **O Karate e as filosofias do Budo**. 1984.
- SASAKI, Yasuyuki. **Manual de Educação Física: Karatê-do e Tênis**. São Paulo: E.P.U., 1978.
- SHINZATO, Yoshihide. **Kobudo. As armas antigas de Okinawa**. On Line Editora, São Paulo, SP, 2011.
- SHINZATO, Massashiro. **História do Shorin-Ryu no Brasil**. Shinshukan SC. 2020. In: <https://www.instagram.com/tv/CAQ8i9aJLIW/?igshid=encc8x8y2at3> Acesso em 16.01.2021
- SOARES, Everton Rocha. **Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais**. Lecturas: Educación Física e Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 169, Junio de 2012. <http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm> Acesso em 01.10.2021.
- STEVENS, John. **Três Mestres do Budo**. Tradução de Luiz Carlos Cintra, revisão técnica Wagner Bull – São Paulo, Cultrix, 2007.
- TANI, Go. **Clínica de estudos do Karate 2018**. Mesa redonda. CEPEUSP, São Paulo, 2018. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=W9qKb5Ok4-Y](http://www.youtube.com/watch?v=W9qKb5Ok4-Y) - Acesso em 10.01.2021.
- TYLOR, E.B. **Primitive Culture**. Research into the development of mythology, philosophy, religion, language, art and custom. Vol. 1. London, 1920. In: <https://archive.org/> Acesso em 21.04.2021
- TOZETTO, Alexandre Bobato; et al. **A concepção dos estudantes da educação física sobre a importância do esporte e os papéis do treinador no desenvolvimento positivo de jovens**. Coleção Pesquisas em Educação Física, v. 19, nº2, 2020.
- TSU, Sun. **A arte da Guerra**. Tradução de Vitor Alessio Manfio. Frederico Westfallen – RS. Vitrola Editora, 2020.
- USP, **PORTAL DA TRANSPARÊNCIA**. Disponível em : [www.uspdigital.usp.br/portaldatarnsparencia/portaldatranparenciaListar](http://www.uspdigital.usp.br/portaldatarnsparencia/portaldatranparenciaListar) Acesso em 20.10.2020
- YAMASHIRO, José. **Pequena história do Japão**. Editora Herder, São Paulo, 1964.

VIERO. Fernanda Todesquini. **Comportamento da frequência cardíaca, pressão arterial e composição corporal de praticantes de karatê shotokan tradicional.** EFDportes.com. Revista Digital. Buenos Aires, año 15, nº148, Set.2010.